



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
CONTEMPORANEIDADE - PPGEduC

JEANNE LOPES SANTANA

**ESTUDO DA FORMAÇÃO DE REDES DE COLETIVOS DE JOVENS DO
SUBÚRBIO FERROVIÁRIO DE SALVADOR-BAHIA: contribuições às
práticas socioeducativas em periferias urbanas**

SALVADOR-BA
2021

JEANNE LOPES SANTANA

**ESTUDO DA FORMAÇÃO DE REDES DE COLETIVOS DE JOVENS DO
SUBÚRBIO FERROVIÁRIO DE SALVADOR-BAHIA: contribuições às
práticas socioeducativas em periferias urbanas**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia, no âmbito da Linha de Pesquisa III – Gestão, Educação e Desenvolvimento Local Sustentável, vinculada ao Grupo Interdisciplinar de Pesquisa, Representações, Educação e Sustentabilidade (GIPRES), do Departamento de Educação, Campus I, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação e Contemporaneidade.

Orientador: Prof. Dr. Natanael Reis Bomfim

SALVADOR
2021

FICHA CATALOGRÁFICA

Sistema de Bibliotecas da UNEB
Dados fornecidos pelo autor

XXXx

Santana, Jeanne Lopes

Estudo da Formação de Redes de Coletivos de Jovens do Subúrbio Ferroviário De Salvador-Bahia: contribuições às práticas socioeducativas em periferias urbanas/Jeanne Lopes Santana. . - Salvador, 2019.

103fls.

Orientador(a): Natanael Reis Bomfim .

Inclui Referências

Tese (Doutorado) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEduc, Campus I. 2021.

1. Formação de redes. 2. Coletivos de jovens. 3. Práticas socioeducativas. 4. Periferias urbanas.


CDD: 370

FOLHA DE APROVAÇÃO

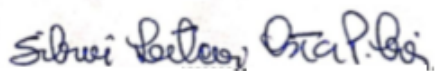
ESTUDO DA FORMAÇÃO DE REDES DE COLETIVOS DE JOVENS DO SUBÚRBBIO FERROVIÁRIO DE SALVADOR-BAHIA: CONTRIBUIÇÕES ÀS PRÁTICAS SOCIOEDUCATIVAS EM PERIFERIAS URBANAS

JEANNE LOPES SANTANA

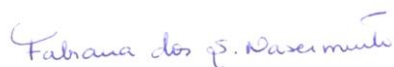
Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc, em 16 de abril de 2021, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:



Prof. Dr. Natanael Reis Bomfim
 Universidade do Estado da Bahia - UNEB
 Doutorado em Educação
 Université du Québec à Montréal, UQAM, Canadá



Profa. Dra. Silvia Leticia Costa Pereira Correia
 Secretaria Municipal da Educação - SMED
 Doutorado em Educação e Contemporaneidade
 Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Brasil



Profa. Dra. Fabiana dos Santos Nascimento
 Secretaria Municipal da Educação - SMED
 Doutorado em Educação e Contemporaneidade
 Universidade do Estado da Bahia, Uneb, Brasil



Prof. Dr. Oton Magno Santana dos Santos
 Universidade do Estado da Bahia - UNEB
 Doutorado em Educação
 Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil



Prof. Dr. Eduardo José Fernandes Nunes
 Universidade do Estado da Bahia - Uneb
 Doutorado em Análise Geográfica Regional
 Universidade de Barcelona, UB, Espanha

Dedico este trabalho aos meus pais, a minha filha Nicole Santos, fonte de amor e força para que pudesse prosseguir em toda caminhada, e a Arnaldo Junior meu companheiro de vida..

AGRADECIMENTOS

“Chegar para agradecer e louvar.
 [...] Agradecer os amigos que fiz
 E que mantêm a coragem de gostar de mim, apesar de mim [...]
 Agradecer a alegria das crianças,
 Agradecer o sol que raia o dia,
 E também aquelas que levam para outros costados todos os males.
 Agradecer a tudo que canta no ar,
 Dentro do mato sobre o mar,
 Agradecer,
 Ter o que agradece”!.
 (fragmentos do poema de Maria Bethânia)

Em primeiro lugar, a Deus, por sempre estar presente na minha caminhada e nunca deixar que fraquejasse, em nenhum momento da minha vida. A minha família, por ter acreditado em mim, e principalmente “Mainha”, pois estamos realizando um sonho juntas.

Agradecer, também, ao meu orientador Natanael Reis Bomfim, que, ao criticar sucessivas versões desta tese, me incentivou a ser mais clara e rigorosa no exercício de minha escrita. Agradeço calorosamente, aos líderes e membros dos coletivos do Súbúrbio Ferroviário de Salvador, pelo acolhimento e colaboração como participantes deste.

Particularmente, agradeço a Evaldo Simões, pela ajuda no tratamento dos dados e elaboração dos mapas cartográficos, aos colegas do GIPRES, pela acolhida e compartilhamento de saberes e aos funcionários da secretaria, da coordenação do PPGEDUC, pelas orientações, sugestões e acompanhamento em todo momento.

Gratidão as minhas professoras que nunca esquecerei, Aurea Pereira, Zélia Reis, Fatima Berenice, entre outras que aqui não teria espaço para colocar. A uma pessoa muito especial que conheci a pouco tempo, Rita Campos, pelos ensinamentos como pessoa profissional e como ser humano.

Enfim, obrigada a todos que direta ou indiretamente participaram e torceram para a realização desse sonho.

SANTANA, Jeanne Lopes. **Estudo da formação de redes de coletivos de jovens do Subúrbio Ferroviário de Salvador-Bahia: contribuições às práticas socioeducativas em periferias urbanas.** Tese (Doutorado). Programa de Pósgraduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc. Departamento de Educação. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2021. 102 f.

RESUMO

Este estudo realizado no contexto do Subúrbio Ferroviário de Salvador (SFS) – Bahia, buscou explicar o processo de formação e articulação dos coletivos de jovens e sua relação com as contribuições significativas das práticas socioeducativas para o desenvolvimento da educação em periferias urbanas. Nesse sentido, colocamos em relevo quatro concepções: A primeira que agrupa estudos que discutem sobre em relevo quatro concepçõesa construção da imagem do jovem como problema social e fase de risco (ABRAMO, 2007; NOVAES, 2003). A segunda que traduz conceitos relacionados a um novo olhar sobre a imagem do jovem, ou seja, como sujeito social (SPOSITO, 2007; DAYRELL, 2003; CHARLOT, 2000). A terceira que aproxima pesquisas que se destinam a construir um conceito sociológico de “juventudes” no sentido de estruturação de políticas públicas (PAIS, 2001; CASTRO 2009). Finalmente, a quarta concepção que agrupa pesquisas que entrelaçam saberes e práticas sociais como forma de perceber a expressividade e a voz dos jovens, bem como suas representações nos espaços sociais (SANTOS, 2017; SILVA, 2011; SPOSITO 2009). Optamos por essa concepção, pois nos remete a pensar na formação de redes sociais e práticas de jovens no seu espaço vivido, e implica em evocar as relações sociais, culturais, educativas. Nessa linha de pensamento, buscamos na investigação: ampliar o mapeamento dos coletivos de jovens; analisar as características e estrutura das redes sociais formadas pelos jovens que constituem os coletivos; interpretar o processo formativo das redes sociais a fim de apreender as práticas sociais desenvolvidas nos espaços educativos; e avançar na construção do conceito de Práticas Socioeducativas para o desenvolvimento da Educação em Periferias Urbanas. Para tal, o estudo empírico foi desenvolvido com 10 (coletivos) de Plataforma, Periperi, Paripe, Alto do Cabrito, Lobato, São Tomé de Paripe e Fazenda Coutos, onde optamos pela técnica da amostragem em “*snowball sampling*” (BIERNARCKI, P. E WALDORF, D, 2018) ou “bola de neve”. Por meio de contato por telefone/watsapp, aplicamos o questionário/entrevista individual, que foi analisado pelo método do conteúdo do discurso de Bardin (2011) e pela Teoria e Métodos das Representações Sociais, complementado pelas informações do *Facebook* e *Instagram*. Esses dados, do ponto de vista empírico, foram tratados pelo *GEPHI/Cfinder* e analisados pelo método de perspectivista de redes sociais (MALINI, 2016). Os resultados apontam conexões representativas que amalgamam o espírito de solidariedade de uma comunidade que vive marcada pelo pragmatismo das atividades sociais e pela simbologia destes lugares. Nessas redes que os grupos desenvolvem Práticas Socioeducativas significativas para o processo formativo de seus participantes, bem como para a visibilidade e fortalecimento de suas identidades como bases fundantes para o desenvolvimento da Educação em Periferias Urbanas.

Palavras-chave: Formação de redes; Coletivos de jovens; Práticas socioeducativas; Periferias urbanas.

SANTANA, Jeanne Lopes. **Estudo da formação de redes de coletivos de jovens do Subúrbio Ferroviário de Salvador-Bahia: contribuições às práticas socioeducativas em periferias urbanas.** Tese (Doutorado). Programa de Pósgraduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc. Departamento de Educação. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2021.102 f.

ABSTRACT

This study carried out in the context of the Subúrbio Ferroviário de Salvador (SFS)- Bahia, sought to explain the process of formation and articulation of youth collectives and their relationship with the significant contributions of socio-educational practices to the development of education in urban peripheries. In this sense, we highlight four conceptions: The first one that groups studies that discuss about four conceptions the construction of the image of young people as a social problem and risk phase (ABRAMO, 2007; NOVAES, 2003). The second related to a new look at the young person's image, that is, as a social subject (SPOSITO, 2007; DAYRELL, 2003; CHARLOT, 2000). The third approach that brings together research that aims to build a sociological concept of “youth” in the sense of structuring public policies (PAIS, 2001; CASTRO 2009). Finally, the fourth conception that groups researches that intertwine knowledge and social practices as a way of perceiving the expressiveness and voice of young people, as well as their representations in social spaces (SANTOS, 2017; SILVA, 2011; SPOSITO 2009). We opted for this conception, because it leads us to think about the formation of social networks and practices of young people in their lived space, and implies evoking social, cultural and educational relationships. In this line of thought, we seek in the investigation: to expand the mapping of youth collectives; analyze the characteristics and structure of the social networks formed by the young people who make up the collectives; interpret the formative process of social networks in order to apprehend the social practices developed in educational spaces; and advancing in the construction of the PSE concept for the development of the EPU. For this, the empirical study was developed with 10 (collective) from Plataforma, Periperi, Paripe, Alto do Cabrito, Lobato, São Tomé de Paripe and Fazenda Coutos, where we opted for the “snowball sampling” sampling technique (BIERNARCKI, P. E WALDORF, D, 2018) or “snowball”. Through telephone contact / whatsapp, we applied the questionnaire / individual interview, which was analyzed by the method of the content of the speech of Bardin (2011) and by the Theory and Methods of Social Representations, complemented by information from social networks: *Facebook* and *Instagram*. These data, from an empirical point of view, were treated by GEPHI/Cfinder and analyzed by the perspective method of social networks (MALINI, 2016). The results point to representative connections that amalgamate the spirit of solidarity of a community that lives marked by the pragmatism of social activities and the symbolism of these places. In these networks, the groups develop significant PSE for the training process of their participants, as well as for the visibility and strengthening of their identities as founding bases for the development of Education in Urban Peripheries.

Keywords: Network formation; Youth collectives; Socio-educational practices; Urban peripheries.

LISTAS DE SIGLAS E ABREVIATURAS

SFS	Subúrbio Ferroviário de Salvador
GIPRES	Grupo, Interdisciplinar de pesquisa em Representações, Educação e Sustentabilidade
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
RS	Representações sociais
PSE	Práticas socioeducativas
EPU	Educação em Periferias Urbanas
TMRS	Teoria e Método das Representações Sociais
TSR	Teoria Social de Redes
SEI	Sistema Eletrônico de Informações do Governo do Estado da Bahia..
NEOJIBA	Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahi
PPGEduC	Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade
CCP	Centro Cultural de Plataforma
PROEJA	Programa de educação de Jovens e Adultos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
RMS	Região Metropolitana de Salvador
AS	Aglomerados Subnormais
UNFPA	Fundo de População das Nações Unidas
SNJ	Secretaria Nacional de Juventude
CONJUVE	Conselho Nacional de Juventude
IBASE	Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas
CEJUVENT	Comissão Especial de Políticas Públicas de Juventude
PROJVEM	Programa Nacional de Inclusão de Jovem
SARS-CoV-2	Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavírus
OMS	Organização Mundial da Saúde
ARS	Análise de redes sociais

LISTAS DE TABELAS E QUADROS

TABELA 1	Bairros com maior crescimento nos ASN - SFS período de 2000 e 2010.....	34
QUADRO 1	Coletivos de jovens e multilinguagem no SFS.....	24
QUADRO 2	Mapeamento ampliado dos coletivos de jovens e multilinguagens no SFS.....	69
QUADRO 3	Distribuição dos coletivos: localização, número de participantes e ações educativas.....	70
QUADRO 4	Características e estrutura das redes sociais de jovens dos coletivos no SFS.....	72

LISTAS DE FIGURAS E MAPAS

FIGURA 1	Mapa do SFS/BA.....	15
FIGURA 2	Localização do Distrito de Buracica – BA.....	21
FIGURA 3	Município de Teodoro Sampaio no Território Rural Portal do Sertão – BA.....	22
FIGURA 4	Mapa de localização do SFS.....	28
FIGURA 5	ASN- RMS.....	30
FIGURA 6	ASN – SFS.....	31
FIGURA 7	Ocupação urbana de Salvador em 2006: legalidade urbanística nas áreas de habitação.....	32
FIGURA 8	Taxa de mortalidade por homicídios em Salvador-BA.....	35
FIGURA 9	Percurso metodológico da investigação.....	60
FIGURA 10	Os diferentes níveis de arquitetura de informações do Facebook.....	66
MAPA 1	Mapa de localização dos coletivos de jovens no SFS.....	71
FIGURA 11	Estrutura de redes sociais dos coletivos de jovens do SFS.....	74
FIGURA 12	Estado de natureza sem nenhum formato de rede.....	77
FIGURA 13	Perspectivas topológicas e temporais para o coletivo Cutucar.....	78
FIGURA 14	Perspectivas topológicas e temporais para o coletivo Cabeça.....	79
FIGURA 15	Perspectivas topológicas e temporais para o coletivo MCPS.....	80
FIGURA 16	Perspectivas topológicas e temporais para o coletivo Produtores do Subúrbio.....	81
FIGURA 17	Conceito, posição e dinâmicas de formação e organização em redes sociais dos coletivos.....	82
FIGURA 18	Representação da formação de redes sociais e promoção de PSE nas PU.....	85
FIGURA 19	Representação gráfica das dimensões das PSE.....	87

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
 CAPÍTULO I	
CAMINHOS PERCORRIDOS: NOVAS POSSIBILIDADES DE DIÁLOGOS E TRANSFORMAÇÕES	24
1.1. Tecendo a caminhada: memórias que fazem parte da pesquisa	24
1.2. SFS Espaço de transformações.....	29
1.3. Políticas públicas de juventudes no Brasil: discussões, fortalecimentos e rupturas...38	
 CAPÍTULO II	
A TMRS E TSR: BASE PARA COMPREENDER A FORMAÇÃO, CARACTERÍSTICAS, ESTRUTURA DE REDES E PSE DOS COLETIVOS DE JOVENS	44
2.1. A TMRS: natureza, conceitos e abordagens	44
2.1.1. Funções e aplicabilidade das RS na educação: identidade, práticas sociais, espaço social e processos educativos.....	47
 CAPÍTULO III	
CAMINHOS METODOLÓGICOS: DESCREVENDO MÉTODOS E TÉCNICAS DA INVESTIGAÇÃO	56
3.1. Discussão epistemológica sobre as pesquisas educacionais e a aplicação da teoria e métodos das RS e da SR.....	56
3.2. Postura epistemológica da pesquisadora e percurso metodológico da investigação .59	
3.2.1. Lócus da Pesquisa	60
3.2.2. Constituição e características dos sujeitos/participantes	61
3.2.3. Dispositivos de colheita de informações	62
3.2.4. Métodos e técnicas de análise de informações	63

CAPÍTULO IV

MAPEANDO E DESVELANDO “NÓS” E “ELOS” QUE CONECTAM OS JOVENS AOS SEUS COLETIVOS NO SFS	68
4.1. Mapeamento e processo formativo dos coletivos de jovens do SFS	69
4.2. Características e estrutura das redes sociais formadas pelos coletivos de jovens no SFS	72
4.2.1. Navegando sobre a Plataforma do <i>Instagram</i> em busca de “nós” e “elos” das redes sociais dos coletivos de jovens do SFS	75

CAPÍTULO V

REDES SOCIAIS DE COLETIVOS DE JOVENS E PROMOÇÃO DE PRÁTICAS SOCIEDUCATIVAS NAS PEREFERIA URBANAS	84
5.1. Elementos significativos da formação de redes para promoção das Práticas socioeducativas	84
5.2. Contribuição do estudo para o avanço do conceito de Práticas socioeducativas nas Periferias urbanas	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS.	93
PROTOCOLO DE PESQUISA.....	99
APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	101
APÊNDICE B: Questionário da Entrevista.	103

INTRODUÇÃO

Este estudo realizado no contexto do Subúrbio Ferroviário de Salvador (SFS) – Bahia (Figura 1), São Tomé de Paripe, Paripe, Fazenda Coutos, Coutos, Periperi, Plataforma, Alto do Cabrito e Lobato, aborda a relação entre a formação e articulação dos coletivos de jovens com a promoção de ações de intervenção socioeducativas nas suas comunidades. Nesse sentido, os debates sociais e acadêmicos colocam em relevo o conceito sociológico de juventudes e a realidade social de jovens na busca de entender algumas concepções e aproximações com essa pesquisa.

FIGURA 1: SFS – BA



Fonte: Ramos, et al. **X Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada**, 2013. Adaptado. Disponível em <http://www.cibergeo.org/XSBGFA/eixo3/3.4/198/198.htm> Acesso em 14 , Acesso em 20/12/2017

As produções, ultimamente, se distribuíram em quatro concepções. A primeira agrupa pesquisas no âmbito de uma discussão sobre a construção da imagem do jovem como problema social e fase de risco (ABRAMO, 2007; NOVAES, 2003). Nesses estudos, os pesquisadores chamam à atenção da representação social (RS) do jovem como perigo, cujo comportamento, possivelmente, poderia atingir negativamente a sociedade. Ou seja, os jovens

eram tratados como vítimas do sistema, manipulados pelo destino e nunca autores reais de suas ações.

A segunda traduz conceitos relacionados a um novo olhar sobre a imagem do jovem, ou seja, como sujeito social, pois, na maioria das vezes, a sociedade apresenta uma grande dificuldade de considerá-los como sujeitos ativos e participantes atribuindo-lhes diversos adjetivos, como “delinquente”, “inseguro”, entre outros (SPOSITO, 2007; DAYRELL, 2003; CHARLOT, 2000). Para ilustrar essa ideia, Garrido (2020; p.16) afirma que pensamento dos sujeitos é construído a partir de sua realidade¹ social em consonância com os processos educativos. Nessa construção alguns estereótipos são cunhados por aqueles que não são mais jovens, como forma de disputa de poder social entre o novo e o antigo, a saber: “na minha época era diferente”, “o jovem já não é mais o mesmo”, demonstrando assim que os adultos não são mais jovens e não representam mais o futuro. Assim, esses pesquisadores salientam a necessidade de reconhecer a importância de ouvir, entender e considerar as vozes juvenis no mundo público: escola, trabalho, inclusive na formulação das políticas públicas para a juventude. Nesse sentido, o jovem é um ser social, que possui uma historicidade, ocupando um lugar e imerso nas relações sociais.

A terceira aproxima pesquisas que se destinam a construir um conceito sociológico de “juventudes” no sentido de estruturação de políticas públicas (PAIS, 2001; CASTRO 2009). Finalmente, a quarta concepção agrupa pesquisas que entrelaçam saberes e práticas sociais como forma de perceber a expressividade e a voz dos jovens, bem como suas representações nos espaços sociais (SANTOS, 2017; SILVA, 2011; SPOSITO 2009).

Desde 2015, que o Grupo, Interdisciplinar de Pesquisa em Representações, Educação e Sustentabilidade (GIPRES), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), vem agregando a segunda e a terceira concepções a uma quarta, para investigar as representações sociais (RS) construídas por jovens sobre diversos objetos, a fim de orientar práticas sociais nos diversos espaços educativos das periferias urbanas.

Em síntese, nessa tese, para pensar os coletivos de jovens e suas práticas socioeducativas (PSE) no SFS, fez-se necessário articular as quatro concepções. Para tal, abordamos o objeto de estudo num movimento espiral, envolvido num processo de desconstrução da imagem negativa dos jovens que, segundo Marôpo (2014), se amalgama socialmente numa imagem estigmatizada e enclausurada numa dada identidade, categoria ou

¹ No senso comum a realidade é a combinação que construímos entre a imagem da coisa e a ideia que temos dela - uma conformidade da verdade plausível (GARRIDO, 2013, p. 52). Também compreendo, neste contexto, a realidade social como práticas cotidianas vividas pelos sujeitos na constituição do espaço social.

papel. Assim, dessa imagem deturpada perseguimos a outra da valorização dos mesmos, a partir de seus saberes e práticas exercidas nas suas comunidades, e para além delas.

Nesse movimento, pensar na formação de redes sociais e práticas de jovens no seu espaço vivido, implica em evocar as relações sociais, culturais, educativas como mediadora de um processo que Garrido (2020; p. 62) chama de “reflexão sobre a ressignificação de jovens nos espaços sociais de exclusão, como forma de disponibilizar ferramentas e instrumentos importantes para educadores e gestores responsáveis por políticas públicas na área de educação, cultura e juventude”. Para tal reflexão, reforçamos a noção de juventudes, enquanto grupos culturais dinâmicos no tempo, no espaço vivido², ou social. Bomfim (2009) considera esses espaços como produzidos socialmente, na medida em que os sujeitos lhe atribuem sentidos e significados atribuídos por meio de suas práticas neles exercidas.

Os debates científicos e sociais, em torno da problemática do jovem e sua imagem, preocupam a sociedade brasileira (ABRAMO, 2007; SPOSITO, 2007; NOVAES, 2003). Nesse sentido, para além de meros habitantes das periferias, o olhar sobre os jovens como sujeitos sociais que, como tais, constroem um determinado modo de ser jovem (DAYRELL, 2003; CHARLOT, 2000) são perspectivas de estudos emergenciais para estruturação de políticas públicas para as juventudes (PAIS, 2001; CASTRO 2009).

Pelo exposto, no sentido de entender como os estudos em relação aos desdobramentos de movimentos e coletivos de jovens, mobilizados em periferias, estão sendo construídos e discutidos na contemporaneidade, se fez necessário. Para tal, recorreremos à Plataforma Sucupira, banco de dados de dissertações e teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Por esse banco de dados, fizemos o recorte do período de 2014 a 2018, para a realização da pesquisa bibliográfica que contemplou as seguintes categorias de análise: “coletivos de jovens”, “prática socioeducativas” e “educação em outros espaços educativos”. Portanto, o planejamento de busca seguiu as seguintes etapas e filtros: 1) teses e dissertações de doutorado; 2) período de 2014 a 2018; 3) grande área de conhecimento em Ciências Humanas; 3) área de conhecimento em Educação; 4) área de avaliação em Educação; 5) área de concentração em Educação; 6) programas de pós-graduação em educação. Os dados foram registrados, utilizando os títulos, autores (as), os objetivos e os resultados foram sistematizados e analisados, pela verificação dos estudos que mais se aproximavam, ou não com o estudo em questão.

² O espaço social é entendido como fruto de relações de dominação e de políticas urbanísticas, por meio das quais o Estado ordena e controla a população.

O sistema informou 12.122,51 resultados para “coletivos de jovens”, “prática socioeducativas” e “educação em outros espaços educativos”. Após a utilização do filtro, “teses de doutorado” e “instituição”, 354 resultados foram registrados para essas mesmas palavras-chave.

Na primeira análise, verificamos que do total de teses encontradas no período, 284 são oriundas da Universidade Federal de Minas Gerais, no Sudeste, 68 da Universidade Federal de Goiás, no Norte do Brasil, 01 da Universidade Federal da Bahia e 01 da Universidade Federal de São Paulo. Esses resultados nos levam a inferir que, por algum motivo não investigado, grande parte, das produções sobre essa temática no Nordeste e nas Universidades Estaduais brasileiras não são publicizadas.

Após uma análise fina e, eliminando todos os estudos relacionados com os espaços e programas escolares, como o Programa de educação de Jovens e Adultos (PROEJA) e formação docente, restaram apenas 05 trabalhos que analisamos na ordem do mais recente para o mais antigo de acordo com o recorte do período.

Maia (2018), *Pedra que ronca, pedra de ponta: redes colaborativas de educação e culturas populares no bairro de Itapuã*, investiga as diferentes redes colaborativas de educação e culturas populares, o qual se aproxima com o nosso estudo, pois tende a discutir as relações vinculadas à formação do sujeito no espaço.

Carneiro (2018), *Os jovens e o mau, leitura psicanalítica da recusa adolescente frente ao Outro social, nos espaços comunitário e escolar*, pelo de Jacques-Alain Miller, investiga a relação entre os jovens e o mau no mundo globalizado, no olhar, e os resultados apontam que o gozo do corpo que se expõe na adolescência faz com que a presença do Outro seja sempre invasiva. Esta experiência permite uma releitura da violência das gangues juvenis a partir de uma nova perspectiva. Logo, este estudo, numa leitura psicanalítica, segue na contramão dos nossos estudos, pois encara a violência e as gangues como ponto de chegada.

Martins (2017), *Vivendo e aprendendo a jogar: dimensões formativas de experiências participativas de ação coletiva e militância de jovens em uma ocupação urbana em Belo Horizonte*, centra nas as experiências, relações sociais e seus significados, entre jovens que atuavam em uma ocupação urbana na cidade de Belo Horizonte. Os resultados revelaram, entre outros aspectos, que a militância na ocupação por meio da Frente de Juventude constituía-se em um espaço socializador e com grande potencial formativo, em que se produziam valores e identidades, caracterizando-se por ser um rico processo de formação humana. Dessa forma o contexto apresentado, nessa tese, se aproxima da nossa quando

provoca uma reflexão sobre “a construção juvenil da cultura”, nos territórios ou espaços de sociabilidade juvenil, criados pelos próprios jovens.

Vigenti (2016), *Experiência e Sentidos da Participação Juvenil na Contemporaneidade: um estudo do Levante Popular da Juventude na cidade de Sorocaba-SP*, analisa as formas de participação juvenil em um movimento social de jovens na cidade de Sorocaba. O objetivo foi contribuir para as discussões a respeito da participação juvenil e refletir a respeito dos processos educativos que ocorrem nesses espaços. Esse trabalho, também se aproxima do nosso, mas fica no âmbito da discussão da participação e não toca nas redes sociais desses jovens.

Costa (2015), *As músicas veiculadas pelas mídias entre jovens: consumo, tendências e comportamentos*, centra teoricamente nos Estudos Culturais e na relação com a Sociologia da Educação de Bordieu, a tese discute a presença da música atualmente veiculada pelas mídias, seu consumo por estudantes de educação básica, bem como sua relação com aspectos diversos do comportamento desses jovens, especialmente comportamentos de consumo, provocando a reflexão sobre a presença da música em espaços escolares informais e sobre o papel da educação musical escolar nesse contexto. Os resultados apontam para um quadro expressivo de consumo musical por parte desses jovens das duas instituições, os educadores precisam compreender hábitos de apreciação musical informal de alunos, para ampliação de repertório e cultura musical, procurando fazer disso um aprendizado informal de música. Este trabalho se aproxima com o nosso quando traz a linguagem musical como foco, mas se distancia quando trata do consumo nos espaços escolares.

Dos 05 (cinco) registros encontrados, 04 (quatro) estudos são empíricos e se aproximam do nosso, quando discutem as relações vinculadas à formação do sujeito no espaço vivido, provocam uma reflexão sobre “a construção juvenil da cultura” aos territórios ou espaços de sociabilidade juvenil e apresentam as multilinguagens como foco. Mas, todos não articulam sobre redes sociais e PSE, apenas um aborda o aspecto da sociabilidade e um teórico que segue na contramão dos nossos estudos, pois ainda trabalha com a imagem negativa dos jovens.

Os trabalhos apresentados foram aqueles que mais se aproximaram das inquietações deste estudo. Logo, os resultados apontam que ainda existe uma carência na área da Educação, para pesquisas correlatas, cuja concepção permita articular redes sociais de jovens e PSE para além da escola. Por isso, a necessidade de avançar nas pesquisas que tratem da relação dialógica entre a produção de sentidos, a reafirmação de que a educação não se realiza

somente nas escolas, mas também como processos de formação do sujeito, troca de saberes e práticas educativas em diferentes espaços educativos.

Dentre esta forma de educação que, por meio da relação de convivência, do conhecimento de mundo, dos saberes, valores e modos de vida dos sujeitos, buscamos entender as redes e promoção de PSE desenvolvidas pelos coletivos de jovens nas suas comunidades. Sendo assim, um breve panorama histórico, geográfico e social do SFS servirá como meio de se compreender o contexto, em cena, que vivem esses jovens.

No SFS esses coletivos, na maioria das vezes, são formados por jovens estudantes e moradores da comunidade local, como um processo de construção de identidades individual e coletiva. Segundo Garrido (2020, p.18), são grupos que “se organizam para estabelecer táticas enquanto práticas contra hegemônicas em relação às situações socioterritoriais vividas, sobre questões educacionais e econômicas” Já para Hollanda (2015), os coletivos são organizações autogeridas, descentralizadas, flexíveis e situacionais. Analisando esses conceitos, é possível inferir que existe uma significação tecida por redes de compartilhamento que permitem ações concomitantes advindas de saberes e conhecimentos e impregnadas em suas práticas cotidianas. Breve, coletivos de jovens podem ser definidos como agentes influenciadores capazes de contribuir como catalizadores de uma cultura política de grupo, pela experiência neste tipo de educação (SANTOS, 2017). Eles se mobilizam em redes de colaboração, numa tentativa de reforçar suas identidades sociais e espaciais, que representam muito em termos de proporcionar aprendizagens, já que, muitos vivem e enfrentam situações de distinções e desigualdades colocadas pelas condições socioeconômicas.

Pelo exposto, teoricamente, esses jovens se organizam em coletivos, se articulam entre si, tecem redes de compartilhamento e veiculam saberes e práticas cotidianas para o fortalecimento de suas identidades. Nesse processo, eles utilizam diferentes linguagens e de interesse comum que são disseminadas pela música, literatura, arte, dança, geralmente, delineadas como marginais, na maioria, por configurar-se como realidade periférica com pouca visibilidade na sociedade.

Ora, sabemos que eles utilizam multilinguagens³ para desenvolverem suas PSE cuja finalidade volta-se para a visibilidade e o fortalecimento de suas identidades. Para tal eles se

³ Segundo Rojo e Moura (2012), a diversidade de mídias, de linguagens e de culturas introduzidas pelas novas Tecnologias da Informação e da Comunicação, emergentes da sociedade contemporânea, propiciaram o desenvolvimento do conceito de multilinguagem como um desdobramento do conceito de multiletramentos que vai além, das noções de letramento e de letramentos múltiplos. Então, a multiplicidade de culturas e de canais de comunicação que cercam os jovens, lhes possibilitam participar de forma ativa das esferas pública e privada, seja no aspecto pessoal ou profissional.

organizam em coletivos, se articulam em rede, veiculam e compartilham saberes e práticas. Mas, nos resta desvelar como eles fazem isso e quais as contribuições significativas dessas práticas para a Educação em Periferias Urbanas (EPU). Foi nessa linha que formulamos as questões de pesquisa: Como os coletivos de jovens se formam e se articulam para promoção de Práticas Socioeducativas (PSE) nas comunidades do SFS? Quais as contribuições significativas dessas práticas para o desenvolvimento da Educação em Periferias Urbanas (EPU)?

Na tentativa de elucidar as questões formuladas, tem-se como **objetivo geral**: Refletir sobre processo de formação e articulação dos coletivos de jovens e sua relação com as contribuições significativas das Práticas Socioeducativas (PSE) para o desenvolvimento da Educação em Periferias Urbanas (EPU)?

Para tal, elaboramos os seguintes **objetivos específicos**: 1) Ampliar o mapeamento dos coletivos de jovens; 2) Investigar as características e estrutura das redes sociais formadas pelos jovens que constituem os coletivos; 3) Interpretar o processo formativo das redes sociais a fim de apreender as práticas sociais desenvolvidas nos espaços educativos; 4) Avançar na construção do conceito de Práticas Socioeducativas (PSE) para o desenvolvimento da Educação em Periferias Urbanas (EPU).

Assim, essa tese se desenvolve de forma interdisciplinar na modalidade da EPU e coloca em relevo as juventudes na contemporaneidade. Por isso, entendemos a Educação enquanto processo de formação humana, pelo diálogo entre a condição de interação, singularidade dos sujeitos e coletivos na sua formação social. Sobre esse entendimento, Arendt (2010) reforça as nossas ideias quando afirma que o ato educativo promove e possibilita construir sujeitos cada vez mais políticos e participativos na sociedade nas diferentes formas de resistência, pois, nesse processo de transformação, eles na comunidade, compartilham, aprendem, ensinam e participam de vivências nos diversos espaços educativos.

Para responder as questões e atender os objetivos específicos desse estudo, buscamos a Teoria Social de Redes (TSR) e o método de Análise de Redes Sociais (ARS) como base teórica e empírica dessa investigação, pois ambos nos remetem a uma relação indivíduo/sociedade para entender o social, o todo, como processo (MITCHEL, 1969; BARNES, 1972; ELIAS, 1994; WAIZBORT, 1999; ACIOLI, 2007).

A relevância desse tema é cara, pois sinaliza para novas concepções de práticas em espaços socioeducativos, para além da escola, que poderão contribuir de forma significativa para estudos que englobam a construção de identidades, como forma de interação social e cultural de sujeitos de periferias urbanas.

A pesquisa do tipo qualitativa/interpretativa, de abordagem colaborativa e solidária, aponta para o nível de inserção dos pesquisadores com os jovens e com a comunidade dos bairros do SFS. Para o desenvolvimento da investigação empírica, por meio de uma pesquisa exploratória desenvolvida em 2016, no GIPRES, retomamos os contatos dos informantes em potencial, considerados sementes pela técnica da amostragem em “*snowball sampling*” (BIERNARCKI, P. E WALDORF, D, 2018) ou “bola de neve” aos quais aplicamos o questionário numa entrevista individual. O recorte está voltado para aqueles coletivos que utilizam as multilinguagens e se inserem nas PSE consideradas “marginais periféricas.”⁴

Na escolha dos dispositivos de colheita de informações, verificamos que na pesquisa em RS aplicadas à educação, vários métodos e técnicas são necessários para entender a complexidade do objeto de estudo. Nas investigações desenvolvidas pelo GIPRES, constatamos que os pesquisadores têm utilizados com jovens: fotografias e desenhos tirados/elaborados por eles, entrevistas individuais ou em grupos. Nesse estudo, o último dispositivo foi privilegiado.

Para além do texto introdutório, esta tese está dividida em cinco outros capítulos. O primeiro, **Jovens em cena no SFS: possibilidades de diálogos e transformações**, apresenta a problemática dessa pesquisa. Ele visa mostrar, de uma parte, minha motivação e implicação como pesquisadora no contexto do SFS, a produção científica desenvolvida em torno do objeto de estudo e, de outra parte, uma discussão sobre políticas públicas de juventude no Brasil.

Vêm em seguida, no segundo capítulo, **A TRS e TSR: base para compreender a formação, características, estrutura de redes e PSE dos coletivos de jovens**, o enlace entre duas teorias que constituem a base desse estudo. Assim, a leitura crítica da natureza, dos conceitos e das abordagens da Teoria das Representações Sociais e da Teoria Social de Redes são abordadas. Esse processo, de forma complementar, associa as funções e aplicabilidade das RS, os conceitos de identidade, práticas sociais, espaço social e processos educativos à construção dos conceitos de PSE e espaços educativos nas periferias urbanas.

O terceiro capítulo, **Caminhos metodológicos: descrevendo métodos e técnicas da investigação**, discute sobre as pesquisas educacionais e os métodos da TRS e da TSR aplicados à educação, apresenta a minha postura epistemológica como pesquisadora e expõe com detalhes o percurso metodológico desenvolvido. Assim, descreve e justifica a escolha do

⁴ São atividades que representam a força de expressão da comunidade e o patrimônio cultural das periferias por meio de suas apresentações, formação de redes e intervenções realizadas.

locus, dos participantes, dos dispositivos de busca de informações, dos métodos e técnicas de análise do material empírico necessários à realização deste estudo.

O quarto capítulo, **Mapeando e desvelando “nós” e “elos” que conectam os jovens aos seus coletivos no SFS**, trata essencialmente da análise descritiva dos dados colhidos pelo questionário nas entrevistas e das informações contidas nas plataformas do *Facebook* e *Instagram*, a fim de atender aos objetivos específicos do estudo.

O último capítulo, **Redes sociais de coletivos de jovens e promoção de Práticas sociopedagógicas nas Periferias do SFS**, é consagrado à discussão dialogada dos resultados e sua relevância para o estudo da formação de redes sociais de coletivos de jovens e promoção de PSE nas periferias urbanas do SFS.

Finalmente, as **Considerações finais** fazem um retorno sobre o estudo e as fases do processo de construção da pesquisa. Em seguida, nós introduzimos os limites do estudo, bem como algumas contribuições nas dimensões: científica, política e socioeducativa, e reflexões para as futuras pesquisas.

Nesse contexto, urge a necessidade de entender e refletir sobre essas ações empreendidas pelos coletivos de jovens de comunidades periféricas do SFS. Ainda, é possível pensar que eles se mobilizam em rede de colaboração para o desenvolvimento de ações socioeducativas no quadro das condições de vida da população das suas comunidades. Isso implica em estudar o objeto pelo viés interdisciplinar da Psicologia e Sociologia, no Campo da Educação, cujas práticas sociais exercidas em diversos espaços educativos podem trazer pistas elucidativas para o entendimento das redes sociais construídas por eles, de sua condição juvenil e sua realidade social.

CAPÍTULO I

CAMINHOS PERCORRIDOS COM POSSIBILIDADES DE DIÁLOGOS E TRANSFORMAÇÕES

Neste capítulo buscamos trazer à tona a problemática do estudo, por meio do alinhamento as motivações que implicaram no processo de construção dessa tese, como: a minha trajetória acadêmica, a produção científica em torno do objeto em questão, a contextualização sobre o SFS e a discussão sobre políticas públicas de juventude no Brasil.

1.1. Tecendo a caminhada: memórias que fazem parte da pesquisa

Iniciar o primeiro capítulo de uma tese, revivendo as memórias, me faz lembrar a partir do momento que escolhi o magistério para ser professora. Mas sem delongas, partirei das primeiras e novas aproximações formativas, metodológicas, culturais, socioeducativas, que aconteceram logo do meu ingresso no curso de Licenciatura em Letras, na UNEB. Nesse curso, estudando sobre Letramento em outros espaços educativos, tive a oportunidade de conhecer as casas de farinha da comunidade de Buracica-Ba, onde crianças e jovens assumiam papéis de educadores e orientadores nas suas relações de convivência.

Desse modo, a tríade: educação em outros espaços educativos, comunidade e jovens, despertou meu interesse como esforço de em estudar a mobilização e organização de jovens como ato educativo. Nesse sentido, me senti confortável em agregar os conhecimentos anteriores e necessários para entender a relação “saber-fazer” em suas práticas cotidianas de convivência. Para isso, como professora convivi com jovens oriundos da zona rural e da periferia urbana de alguns municípios, onde pude perceber as diversas formas de pensar, agir, viver. Essa percepção me instigou a entender desejos, anseios, lutas, perspectivas, sonhos da juventude.

Diante dessas vivências que submeti um projeto de pesquisa intitulado, *Casas de Farinha: espaço de educação, cultura e afirmação de identidades*, ao Programa de Pós-Graduação, mestrado em Crítica Cultural, na UNEB, com o objetivo de entender como a escola recepcionava saberes e práticas educativas desenvolvidos em outros espaços educativos. Ao término, descobri que os saberes e práticas educativas fora do contexto escolar estavam presentes nas memórias e ações da comunidade rural, cujo estudo foi realizado no Distrito de Buracica-Bahia (Figura 2) que se localiza no Município de Teodoro Sampaio.

FIGURA 2: LOCALIZAÇÃO DO DISTRITO DE BURACICA - BA

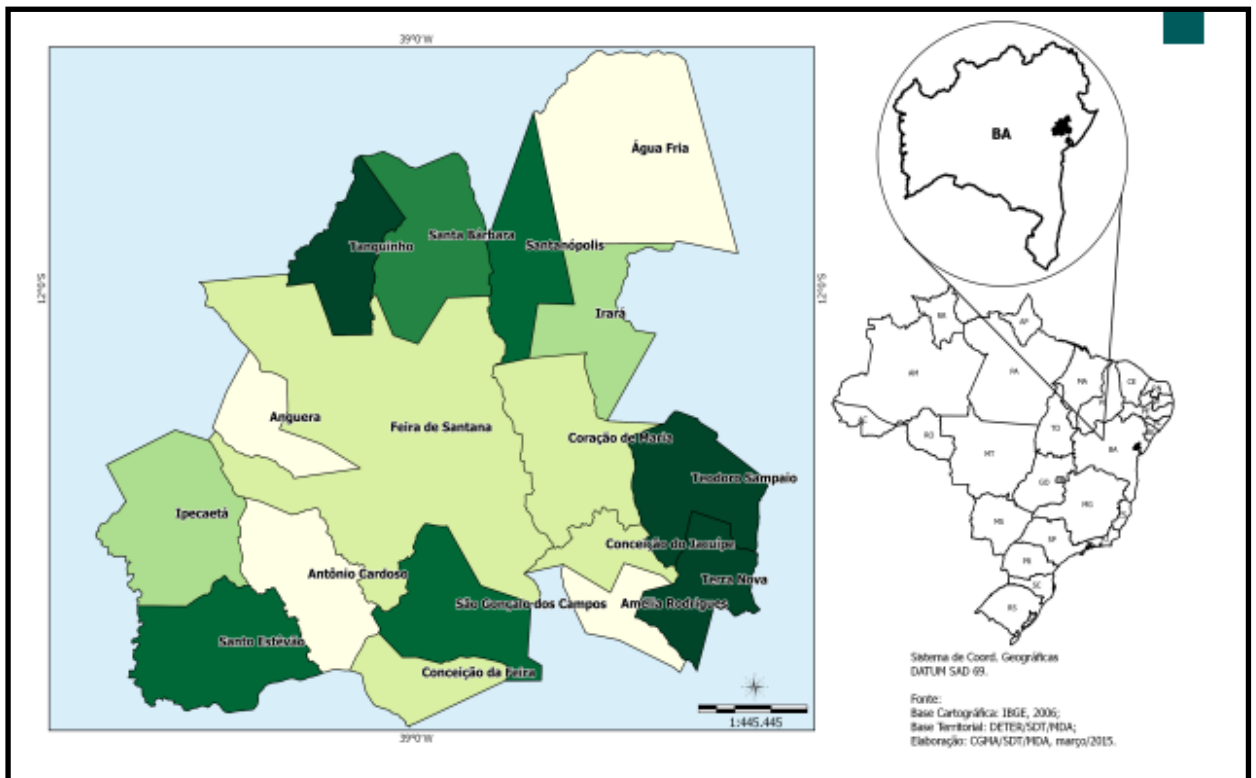


Fonte: Google Maps⁵, adaptado pela autora (2020).

⁵ Disponível em: https://www.google.com/search?rlz=1C1GCEU_pt-BRBR912BR912&sxsrf=ALeKk00i4CZ2g88-zYoBhetmi66IxDTfbQ%3A1607779597479&ei=DcXUX7byHMC75OUP9rqpeA&q=buracica+mapa&oq=buracica+mapa&gs_lcp=CgZwc3ktYWIQAzIGCAAQCBAeMgYIABAIEB4yBggAEAgQHjoICAAQCBA NEB5QgBLYjRtgqCNoAHAAeACAAZ4BiAHJA5IBAzAuM5gBAKABAaoBB2d3cy13aXrAAOE&sclient=psy-ab&ved=0ahUKEwj2rKPexcjtAhXAHbkGHXZdCg8Q4dUDCA0&uact=5. Acesso em 12/12/2020.

Esse município se insere no Território Rural Portal do Sertão - BA está localizado na região Nordeste e é composto por 17 municípios: Água Fria, Amélia Rodrigues, Anguera, Antônio Cardoso, Conceição da Feira, Conceição do Jacuípe, Coração de Maria, Feira de Santana, Ipecaetá, Irará, Santa Bárbara, Santanópolis, Santo Estêvão, São Gonçalo dos Campos, Tanquinho, Teodoro Sampaio e Terra Nova (Figura 3).

FIGURA 3: MUNICÍPIO DE TEODORO SAMPAIO NO TERRITÓRIO RURAL PORTAL DO SERTÃO - BA



Fonte: Sistema Eletrônico de Informações do Governo do Estado da Bahia (SEI, 2007).⁶

Ao término de mestrado, na perspectiva de fazer avançar a minha carreira acadêmica e os estudos nesse campo, em 2016, me integrei ao GIPRES, grupo de pesquisa que estuda as representações sociais (RS) construídas por jovens, e investiga por meio das redes colaborativas e solidárias, o desenvolvimento de suas PSE nos seus espaços vividos. Destaco os estudos desenvolvidos nesse grupo por: Santos (2017), *Representações Sociais de Jovens sobre o Lobato: saberes e práticas socioeducativas no espaço vivido*, contribuindo para (re) orientar estas práticas nos diversos espaços sociais do SFS, além de propor um novo estudo

6

Disponível em:
http://www.sei.ba.gov.br/images/inf_geoambientais/cartogramas/territorio_identidade/pdf/portal_sertao.pdf
Acesso em 12/12/2020.

que apontasse para a necessidade de pesquisas aplicadas em educação que envolvesse, numa rede colaborativa, juventudes, políticas públicas, gestores públicos, pesquisadores, escola e comunidade; Santos dos (2018), *Representações sociais sobre os Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia (NEOJIBA): educação sustentável de jovens baianos em situação de vulnerabilidade social*, com objetivo de apreender o conteúdo das representações sociais sobre o NEOJIBA junto aos jovens em situação de vulnerabilidade social, atendidos pelo programa, na perspectiva de levantar pistas que justifiquem atitudes e/ou orientem PSE sustentáveis; Araújo de (2019), *Movimentos sociais de jovens em Cajazeiras-Salvador-BA: práticas sociais cotidianas de educação popular*, que buscou identificar se essas práticas contribuem com o fortalecimento de uma educação popular; E, Garrido (2020), *Representações Sociais sobre o Futuro na Realidade de Jovens: Tessituras do Imaginário nas Práticas Educativas*, realizado no contexto do SFS, coloca em relevo o conteúdo das RS sobre futuro, junto ao pensamento social dos jovens, na tentativa de saber como eles idealizam e constroem sua realidade social em consonância com a educação.

Em 2017, submeti as justificativas de seleção para cursar duas disciplinas como aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC), a saber: Representações Sociais e Educação e Educação Popular. Nesses espaços formativos aprendi a sistematizar os conhecimentos sobre a Teoria e Método das Representações Sociais e Espaciais aplicados à Educação e aprofundei meus estudos necessários para o desenvolvimento desse projeto doutoral: jovens e educação em periferia urbana. Saliento que, como consequência, realizei uma pesquisa exploratória para identificar os coletivos de jovens e suas práticas sociais no campo das multilinguagens, no SFS.

Os resultados apontam um total de 19 (dezenove) grupos que, em suas práticas sociais cotidianas, expressam diversas linguagens, conforme se apresentam no Quadro 1.

QUADRO 1 – COLETIVOS DE JOVENS E MULTILINGUAGENS NO SFS

Nº	Coletivo	Localização	Multilinguagens	Nº. Participantes
01	New Black (swing baiano)	Plataforma	Dança	15
02	Ns Crew (break)	Plataforma	Dança	09
03	Real gang'z (break)	Plataforma	Dança	15
04	Crew Hot Break (break)	Plataforma	Dança	05
05	Reforma Cia de Dança	Plataforma	Dança	06
06	Salt Jazz (Stillete) –	Plataforma	Dança/Performance	16
07	Herdeiros de Angola	Plataforma	Dança/Teatro	45
08	Conect Dance	Plataforma	Dança	15
09	Projeto Sim	Plataforma	Teatro	30
10	Star Black	Plataforma	Teatro	06
11	Dudu Odara	Plataforma	Teatro	10
12	Esquadrão	Plataforma	Teatro	5
13	Teatril	Plataforma	Teatro	8
14	Jovem perifericos	Plataforma	Teatro	35
15	Club da lulu	Plataforma	Teatro	11
16	A Rua	Plataforma	Teatro	03
17	Cumming	Plataforma	Teatro	16
18	FCP Company	Plataforma	Teatro	16
19	Cutucar	Periperi	Teatro	33
	Total			299

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

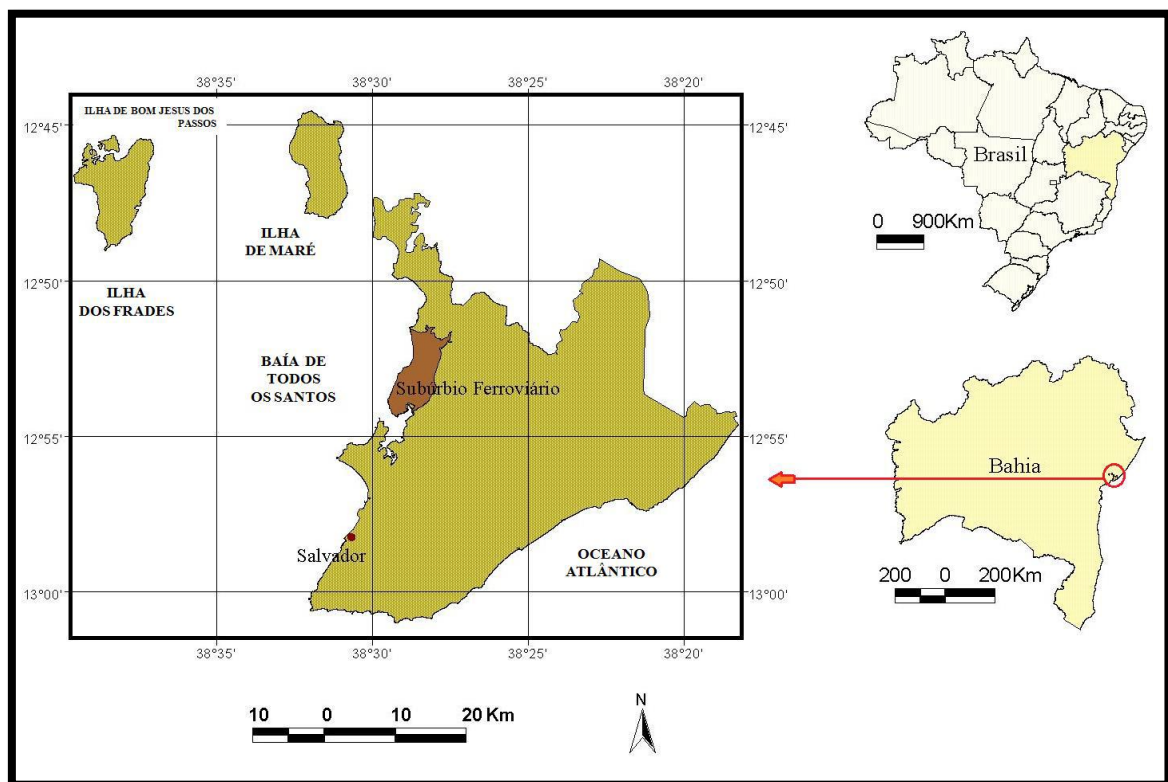
O quadro representa que a maioria dos coletivos se localiza no Bairro de Plataforma, que abrigam 266 jovens desenvolvendo atividades de multilinguagens em teatro e dança. Esses resultados preliminares me levaram a participar de atividades junto aos coletivos de jovens no SFS, para melhor conhecer o *locus* e sujeitos da pesquisa. Iniciei com o bairro de Plataforma, através da convivência com eles, principalmente, os coletivos residentes no Centro Cultural de Plataforma (CCP), em seguida no Bairro de Periperi com o Coletivo Cutucar que abriga 33 jovens. Essa inserção me possibilitou perceber as relações que eles estabelecem com outras territorialidades e apontavam indícios de articulação em redes de colaboração. Portanto, o Coletivo Cutucar (Periperi) e o CCP foram espaços importantes para o aprofundamento dos meus estudos doutorais no PPGEduc.

Utilizando-me destas primeiras impressões, o próximo passo foi elaborar um levantamento maior sobre pesquisas que discutissem a formação de coletivos de jovens, bem como suas PSE, como forma de análise e verificação de possíveis distanciamentos e aproximações em relação ao objeto desse estudo.

1.2 SFS: Espaço de transformações

O SFS (Figura 4) é composto por dezoito quilômetros de praias da Baía de Todos os Santos, que margeiam os 15(quinze) bairros (dentre eles, três ilhas), oriundos de ocupações informais e desordenadas⁷, caracterizadas pela escassez de saneamento básico.

FIGURA 4 – MAPA DE LOCALIZAÇÃO DO SFS



FONTE: Ramos, et al. X Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada, 2013. Adaptado. Disponível em <http://www.cibergeo.org/XSBGFA/eixo3/3.4/198/198.htm> Acesso em 14. Acesso em 17/12/ 2017

Dentre eles, o mais populoso é Paripe (55 mil hab.), seguido de Periperi (47 mil hab.) e Plataforma (34 mil hab.). As localidades menos populosas na região são as ilhas dos Frades (733 hab.), de Bom Jesus dos Passos (1 465 hab.) e de Maré (4 236 hab.). Historicamente, a presença da indústria próxima à linha férrea possibilitava a diminuição dos custos de produção, tendo em vista que o transporte era barato e a mão-de-obra, abundante. Surgia,

⁷ De acordo com Souza (1990), o processo de crescimento urbano industrial mais recente superpõe-se a outras características habitacionais herdadas do passado. Essa situação de moradia é entendida como defasagem entre o crescimento populacional e a oferta de novas moradias.

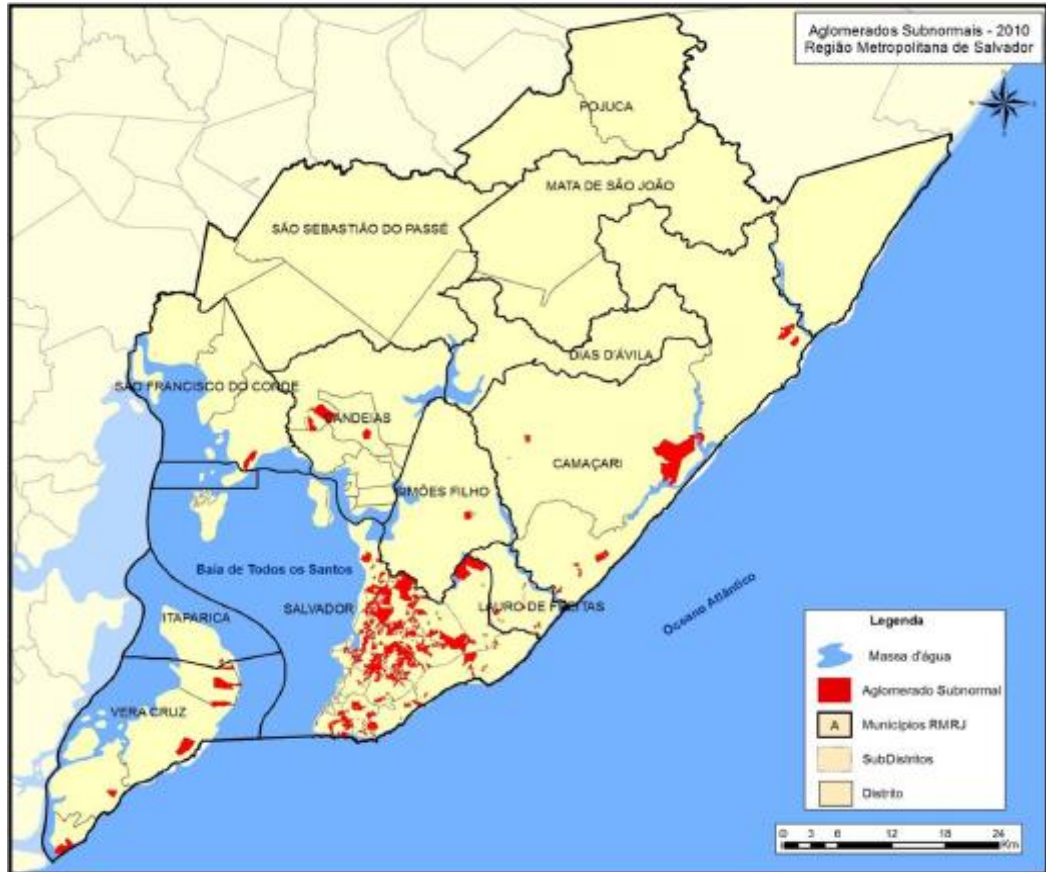
assim, uma área industrial constituída de lugar de produção e lugar de residência. Esses fatores, aliados à presença de oficinas e fábricas da Leste e das antigas fazendas já existentes na área suburbana⁸, foram os principais elementos que se articularam para delinear, a partir do século passado, os núcleos que hoje representam os bairros do SFS. Ainda que na falta de dados precisos sobre as ocupações informais configuradas como urbanas, estima-se que as grandes capitais abrigam 60% da sua população

De acordo com estudo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município de Salvador possui em sua malha urbana uma significativa proporção de áreas caracterizadas como aglomerado subnormal⁹, que se estendem por grandes áreas contínuas (IBGE, 2013), como mostram as figuras 5 e 6:

FIGURA 5 - AGLOMERADOS SUBNORMAIS (AS) - REGIÃO METROPOLITANA DE SALVADOR (RMS)

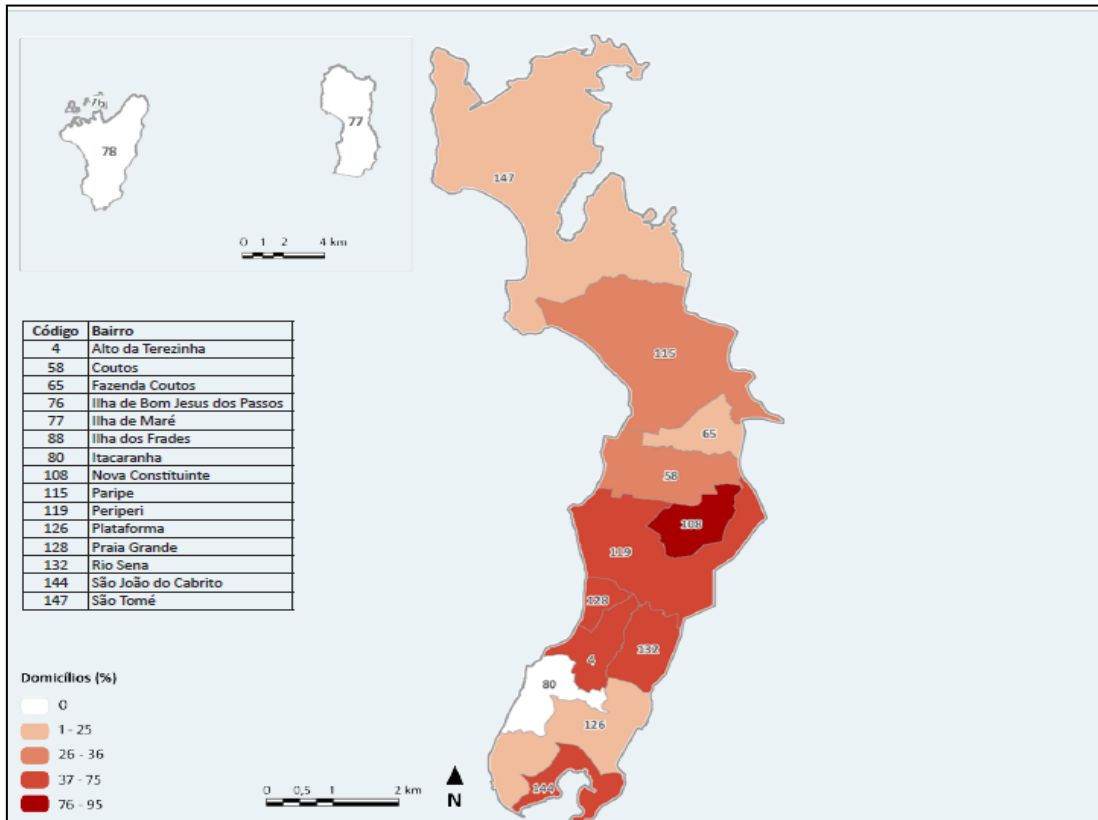
⁸ “Nas décadas de setenta e oitenta, após a construção da Avenida Afrânio Peixoto (Suburbana), que se desenvolveu paralela a Rua Voluntário das Pátrias e à ferrovia intensificou-se a ocupação das áreas que foram aterradas” (Rocha, 2003, p.26).

⁹ Conforme o IBGE (2013), um aglomerado subnormal é caracterizado por ser, um conjunto constituído de, no mínimo, 51 unidades habitacionais (barracos, casas etc.) carentes, em sua maioria de serviços públicos essenciais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estando dispostas, em geral, de forma desordenada e/ou densa. A identificação dos AS são três setores. Censitários que podem ser classificados quanto a seu tipo, normal ou especial. Os especiais são aqueles que apresentam características que tornam necessário um tratamento diferenciado de coleta de dados em relação aos setores não-especiais. Os setores censitários especiais são os seguintes: 1) especial de AS; 2) setor especial: quartéis, bases militares etc.; 3) especial de alojamento, acampamentos; 4) setor especial de embarcações, barcos, navios etc.; 5) especial de aldeia indígena; especial de penitenciárias, colônias penais, presídios, cadeias etc.; 7) especial de asilos, orfanatos, conventos, hospitais etc.; e 8) especial de projetos de assentamentos rurais, que é feito com base nos seguintes critérios: a) ocupação ilegal da terra, ou seja, construção em terrenos de propriedade alheia (pública ou particular) no momento atual ou em período recente (obtenção do título de propriedade do terreno há dez anos ou menos); e b) possuir pelo menos uma das seguintes características: urbanização fora dos padrões vigentes - refletido por vias de circulação estreitas e de alinhamento irregular, lotes de tamanhos e formas desiguais e construções não regularizadas por órgãos públicos; ou precariedade de serviços públicos essenciais, tais quais energia elétrica, coleta de lixo e redes de água e esgoto.



Fonte: IBGE (2013).

FIGURA 6 - AS – SFS



Fonte: IBGE¹⁰, Censo 2010: Aglomerados Subnormais - Informações Territoriais.

Podem se enquadrar como AS, observando os critérios de padrões de urbanização e/ou de precariedade de serviços públicos essenciais, nas seguintes categorias: invasão, loteamento irregular ou clandestino, áreas invadidas e loteamentos irregulares e clandestinos regularizados em período recente (IBGE, 2013, p. 18). De acordo com a coleta de dados realizada pelo IBGE, em 2010, 30,81% dos aglomerados foram identificados como setores especiais de AS.

A segregação e a diferenciação do espaço urbano podem ter efeitos significativos sobre as condições sociais e as desigualdades, visto que interferem no acesso aos serviços básicos, condições de escolaridade, acúmulo de capital social e cultural, além de concentrar os grupos mais vulneráveis pela desvalorização e a estigmatização desses espaços. A contextualização do SFS, enfocando a sua realidade social e econômica, com base nos indicadores de violência, infraestrutura e educação, serviu como pilar no desenvolvimento

¹⁰ Padrão predominantemente denso em toda a RMS, com domicílios sem espaçamento entre si (92,3%). Predomínio de aclives/declives acentuados, de verticalização de dois ou mais pavimentos e de circulação interna por escadarias, becos e rampas na maioria das áreas da capital. Predomínio de áreas mais planas, com ruas como vias de acesso e verticalização de um pavimento nas áreas entre Itapagipe e os subúrbios ferroviários, e nos demais municípios da RMS.

a sua ocupação urbana como informal com 34,86%, de acordo com a legalidade urbanística nas áreas de habitação. A localização espacial¹¹, a heterogeneidade, as condições sociais e econômicas da população são pontos importantíssimos sobre uma reflexão em torno do espaço social, sendo que se trata de áreas residenciais, produzidas social e historicamente, o que nos remete a Lefebvre (1991, p.16): “O espaço social é entendido como fruto de relações de dominação e de políticas urbanísticas, por meio das quais o Estado ordena e controla a população”.

Isso se torna mais evidente quando recorremos a outras classificações que independem de proximidade e distância, mas são relativas às informações territoriais como os AS, em especial o SFS, o qual possui várias denominações: favela, invasão, baixada, comunidade, mocambo entre outras.

Os dados relativos às desigualdades sociais, violência, contexto educacional são fenômenos imbricados neste estudo, na medida em que estão correlacionados à juventude e aos espaços sociais. Para melhor compreender esse cenário, utilizamos os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) referentes aos AS. O Censo 2010 revela que, de acordo com a idade, a população da Cidade do Salvador distribui-se de forma que as crianças e adolescentes (0 a 14 anos) somam 21% da população, sendo eles 24% da população dos AS. Os jovens (15 a 29 anos) representam 28% da população em Salvador, sendo eles 29% dos habitantes dos AS; a população adulta é de 42% em Salvador e 40% em AS. A população idosa (acima de 60 anos) soma 9% em Salvador e 7% em AS.

¹¹ A questão não é espacial, mas sim referente às diferentes modalidades de ocupações caracterizadas e marcadas pela precariedade, falta de assistência e recursos.

A Tabela 1 apresenta o recorte dos bairros que tiveram o maior crescimento habitacional nos AS do SFS, da faixa etária de 0 a 49 anos, baseado na descrição quantitativa, em porcentagem entre o período de 2000 a 2010.

TABELA 1: BAIROS COM MAIOR CRESCIMENTO NOS AS- SFS NO PERÍODO DE 2000 E 2010

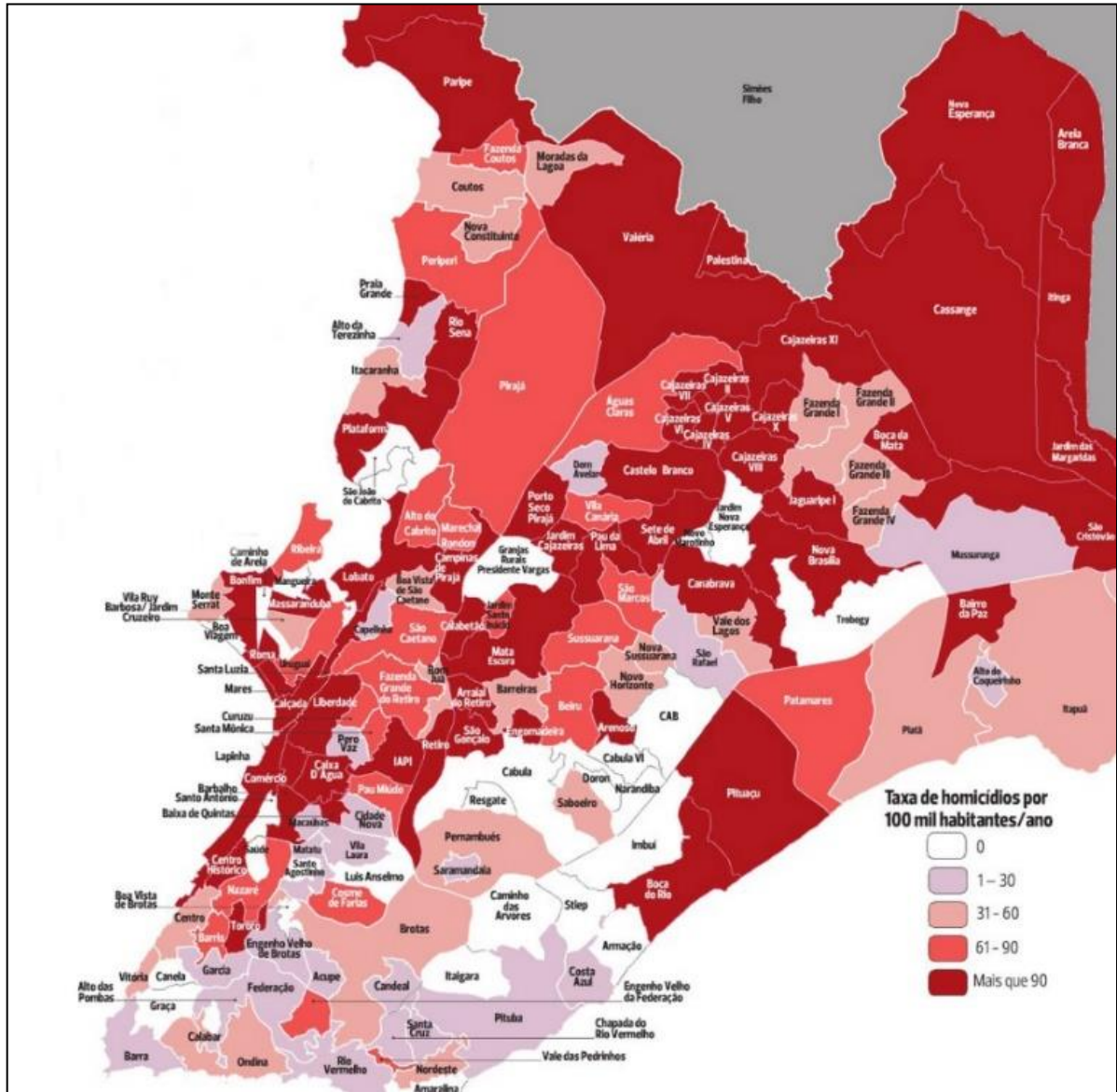
Faixa etária	Período de 2000	Período de 2010
0 a 4 anos	Nova Constituinte- 12,68%	Nova Constituinte- 8,64%
05 a 09 anos	Nova Constituinte- 13,29%	Ilha da Maré- 9,28%
10 a 14 anos	Fazenda Coutos- 12,27%	Nova Constituinte- 10,89%
15 a 19 anos	Fazenda Coutos- 13,65%	Nova Constituinte- 10,97%
20 a 49 anos	Itacaranha- 49,06%	Itacaranha- 51,72%

Fonte: Elaboração da autora (2019)

Os bairros de Nova Constituinte, Ilha de Maré, Fazenda Coutos e Itacaranha foram os mais destacados em relação ao crescimento habitacional. Destacaremos a faixa etária de 15 a 19 anos, como também a de 20 a 49 anos, pois nela estão inseridos jovens até os 29 anos. Sendo assim, em 2000, Fazenda Coutos apresentou o maior índice de crescimento para os indivíduos entre 15 e 19 anos, com 13,65%. Em 2010, esse lugar foi ocupado por Nova Constituinte, com 10,97%. Na faixa de 20 a 49 anos, destaca-se Itacaranha, com 49,06%, em 2000, e 51,72%, em 2010.

Analisando os dados estatísticos, remete-se a uma analogia feita, na maioria das vezes, de que a violência se associa aos jovens, estereotipando esses espaços sociais com o maior número desses sujeitos, conforme destaca a Figura 8.

FIGURA 8 - TAXA DE MORTALIDADE POR HOMICÍDIOS EM SALVADOR-BA



Fonte: Jornal Correio. Disponível em: <http://www.correio24horas.com.br/noticias/detalhes/detalhes-1/artigo/mapa-deixa- clara-a-concentracao-de-homicidios-em-bairros-pobres/>. Acesso em 18 mai. 2017.

As reportagens midiáticas, na maioria das vezes, apresentam os jovens¹² da periferia incluídos em contexto de pobreza como sujeitos perigosos, mentores de crimes. Eles são alvos da discriminação, pelo modo como se comportam, vestem, falam, formam seus grupos que são definidas como gangues. As notícias sobre violência do SFS levam o leitor a criar estereótipos e analogias equivocadas sobre a tríade pobreza-periferia-violência. Ou seja, a pobreza não é o fator único para a violência relacionada ao crime. Pesquisas tanto no âmbito nacional, como local, nesse caso, realizadas em Salvador-BA apresentam dados estatísticos e sociais de grande valia para a discussão sobre a participação social dos jovens no âmbito da sociedade civil.

O relatório final *Juventude e políticas públicas em Salvador-Ba*, produzido no âmbito da cooperação do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) com a Prefeitura Municipal de Salvador (2013), traz um mapeamento do perfil da população jovem e das ações do poder público municipal, voltadas a esse segmento da população, com o objetivo de subsidiar uma Política Municipal da Juventude. Apresenta o perfil da população de jovens de Salvador em seus aspectos demográficos, educacionais, ocupacionais, da saúde e mortalidade, de participação e organização social, além das demandas juvenis identificadas e a opinião dos entrevistados.

De acordo com o *Relatório Final Juventude e Políticas Públicas em Salvador-Bahia*, na cidade de Salvador existem muitas organizações da sociedade civil formadas por jovens ou cujas ações são direcionadas a eles, proporcionando formas inovadoras de relevância para com a juventude, as quais favoreceram o crescimento de grupos de jovens com movimentos sociais e políticos nos espaços de interação e convivência, preenchendo um vazio, de um lado, pela inadequação das Instituições tradicionais, particularmente, a escola, às demandas e aos interesses dos jovens.

Para uma melhor compreensão, adotou-se, aqui, o recorte etário com que trabalham a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) e o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE), considerando jovens de 15 a 29 anos, já que em muitos casos, encontram-se socialmente “fora da escola” e utilizam outros espaços de construção e superação. Logo, no sentido de delinear novas perspectivas em tornarem-se sujeitos transformadores da sua realidade, muitas vezes, imposta pela sociedade hegemônica, Brandão (2007, p.56) ilustra essas questões ao afirmar que “[...] não há uma única forma de modelo de educação; a escola não é o único lugar onde

¹² Moraes (2006) faz-nos refletir sobre o aspecto de que estudiosos apresentam jovens como período de transição propícios à influência pelo mundo do crime, o que confirmaria a ideia de que os jovens são mais perigosos que os não jovens, para a faixa etária considerada jovem.

ela acontece e talvez nem seja o melhor”. Para esse autor, a educação perpassa a criação e a recriação dos modos de vida dos grupos sociais. Arroyo (2014), por sua vez, chama esses distintos modos de educar de “outras pedagogias”, pedagogias edificadas por outros sujeitos, que se diferencia da pedagogia colonizadora, e que, na verdade, nascem da resistência das maiorias oprimidas.

Em consonância com os autores, nota-se que esses jovens contribuem para a construção e ocupação de espaços públicos nas próprias periferias, submetidas à escassez de políticas públicas, configurando-se como modo de resistência-existência de vida e estratégia de luta na ressignificação do seu território. Se, por um lado, a imagem do jovem da periferia é reduzida à delinquência e ao crime, por outro lado, as redes socioculturais, nas quais estão inseridos, forjam estratégias estético-políticas mais autônomas e com forte participação juvenil.

Nesse sentido, surge a necessidade de refletir como as ações empreendidas por esses jovens podem transversalizar a discussão sobre práticas educativas em outros espaços educativos.

1.3 Políticas públicas de juventudes no Brasil: discussões, fortalecimentos e rupturas

Nas últimas décadas e particularmente, no Brasil, a participação social dos jovens no âmbito da sociedade civil vem apresentando mudanças expressivas em relação à caracterização e teorização da juventude. Percebemos essas questões no trabalho realizado, entre julho de 2004 e novembro de 2005, pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE), que desenvolveu a pesquisa, *Juventude brasileira e democracia: participação, esferas e políticas públicas* (IBASE/PÓLIS, 2006). Este estudo buscou ouvir e debater com diferentes jovens brasileiros (as), entre 15 e 24 anos de idade, sobre os limites e possibilidades da sua participação em atividades políticas, sociais e comunitárias.

Para tal, duas abordagens metodológicas foram aplicadas: a primeira, um levantamento estatístico, por meio de questionário com uma amostra do universo 8 000 (oito mil) jovens, de diferentes regiões metropolitanas brasileiras, (Belém, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Distrito Federal), buscando caracterizar o seu perfil, suas diversas formas de participação e percepções sobre o tema proposto. A

segunda, um estudo qualitativo, baseado no *Choice Work Dialogue Methodology* – Grupos de Diálogo, com 913 jovens das oito regiões do Brasil, resultando em um relatório global e em relatórios regionais com análise sobre os dados adquiridos.

Os grupos de diálogos com esses jovens permitiram apreender limites e possibilidades da participação juvenil. Duas constatações foram evidentes nos diálogos entre os(as) jovens: a disposição em participar de movimentos sociais e a percepção das dificuldades e problemas que os atingem mais diretamente, como: violência, falta de segurança, criminalidade; trabalho, emprego, desemprego; educação; saúde; miséria, pobreza, desigualdade; saúde; discriminação, preconceito, racismo; política, corrupção, descaso do governo com os jovens; drogas; sociedade, valores. A pesquisa foi de extrema importância para a formação de políticas públicas voltadas para as juventudes no Brasil, pois enfatizou as questões do novo olhar de “pensar com” e não “pensar para” as juventudes.

No Brasil, particularmente nos anos 1990, movimentos sociais, gestores da sociedade civil e pesquisadores começaram a enfatizar aspectos da singularidade dessa geração, identificando demandas e potencialidades. Iniciativas da sociedade civil como o Projeto Juventude – que realizou a interlocução com movimentos juvenis de diferentes estados brasileiros entre os anos de 2003 e 2004 –, o Plano Nacional de Juventude e o Estatuto da Juventude, a Política Nacional da Juventude (SNJ, CONJUVE, 2005) e suas demandas, surgiram como forma de solução de possíveis problemas criados pelo governo federal.

Pensar em políticas públicas direcionadas a juventudes requer um olhar sobre sua historicidade, além de questões relacionadas à imagem do jovem, traduzidas e vivenciadas na sociedade. Cabe visualizar conceitos sobre políticas públicas, para direcionarmos essas políticas à juventude. De acordo com Abad (2003, p. 14), as políticas públicas ancoram-se “[...] na atividade pela qual essa mesma sociedade reflexiona e questiona a validade de suas instituições, junto com suas normas e comportamentos”, como as ações governamentais em seus programas de ação.

Depois de dez anos, praticamente após a declaração do Ano Internacional de Juventude, a década de 1990 deflagra uma preocupação com a juventude relacionada a demandas sociais e políticas, não somente pela questão do aumento populacional, mas por essa representar um segmento importantíssimo na sociedade pós-industrial em relação ao seu desenvolvimento como um todo. Dessa forma, a juventude era vista de diferentes modos: ora como “sujeito de direitos”, impulsionadora do desenvolvimento, relacionado ao capital humano, ora como “problema social”, no sentido de fazer parte de uma parcela da população vulnerável ao desemprego, violência e desigualdades sociais, acentuando a possibilidade de

formulação de políticas públicas que atendessem a esse segmento. Parecia iniciar-se o modelo de políticas públicas juvenis mais preocupados com a questão da inserção do jovem no mercado de trabalho, para que, intencionalmente, a formação dos recursos humanos crescesse. Nesse sentido, segundo Bango (2003, p.45), as políticas de capacitação de jovens passaram a ocupar um lugar de destaque no processo de crescimento econômico do país.

Foi a partir dos meados dos anos 1990 que iniciativas emergiam no âmbito federal, estadual e municipal com organismos públicos para estabelecer parcerias com as organizações juvenis, da sociedade civil e do setor privado, na implementação de projetos ou programas de ação para a juventude. Um marco importante para novas discussões sobre políticas de juventude foi o I Festival Nacional de Juventude, em Brasília, no ano de 1998, pois, dentre várias propostas, uma que ganhou destaque foi a possibilidade de aprofundar e discutir a elaboração e execução dessas políticas, além do surgimento das bases do Fórum Nacional dos Movimentos e Organizações Juvenis.

No campo das políticas juvenis, até o início de 2000, observou-se um aprofundamento do debate na sociedade civil e nas universidades. Em 2002 e 2003, a Universidade Federal Fluminense e a Universidade Federal de Minas Gerais, constituíram os primeiros observatórios de juventude em instituições brasileiras, além de, em parceria com outras universidades, o seminário *Políticas Públicas: Juventude em Pauta*, organizado em 2002, com o intuito de abordar as questões que envolviam o campo das políticas públicas de juventude.

Nesse mesmo período, foi criada a Comissão Especial de Políticas Públicas de Juventude (CEJUVENT) e, após discussões em diversos eventos, apresentou subsídios à formulação da Emenda Constitucional 65, incluindo metas a serem cumpridas pelo Plano Nacional da Juventude, e o Estatuto da Juventude, reafirmando os seus direitos.

Em 2005, a criação da SNJ contribuiu com os avanços em relação às diretrizes sobre as políticas públicas direcionadas a esse público como: câmaras temáticas com objetivos e temas específicos direcionados ao trabalho, à educação, à cultura e à qualidade de vida, aprovando e publicando o documento *Política Nacional de Juventude: Diretrizes e Perspectivas*. Citam-se, também, a 1ª Conferência Nacional de Juventude, os Encontros Nacionais de Juventude, a 2ª Conferência Nacional de Juventude e o Pacto Pela Juventude. As pesquisas educacionais apontam desafios impostos pelos fenômenos sociais que envolvem processos comunicativos, novos atores sociais, espaços educativos, políticas públicas entre outros elementos. É fundamental entender dinâmicas e processos na interação juventude-escola, na articulação com as novas maneiras de “estar no mundo” (NOVAES, 2009).

No início dos anos 2000, grupos de jovens, pesquisadores, movimentos juvenis e gestores públicos passaram a enfatizar as singularidades desses sujeitos e suas experiências sociais, apontando para suas demandas, necessidades, desejos, fragilidades e potencialidades. Com o crescimento de políticas sociais e educacionais, no período de 2003 a 2010, segundo dados do IPEA (2009) houve avanços, sobretudo em relação à ampliação e à equalização das condições de acesso e permanência nos diferentes níveis de ensino. Vejamos algumas iniciativas no campo da educação básica e cultura.

Em relação à educação básica, o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (PROJOVEM) surgiu como forma de reaproximar os jovens da escola, cujo abandono foi devido ao trabalho, à família e à dificuldade financeira. No ensino médio, a frequência escolar, quando comparados os anos de 2000 a 1996, apura-se que, para os jovens de 15 a 17 anos, nos últimos anos essa frequência foi de 48%, o que corresponde a quase o dobro registrado em 1996 (24,1%). Porém, nota-se que dos 82% dos jovens de 15 a 17 anos que frequentavam a escola em 2007, apenas 48% deles cursavam o ensino médio, provocando distorções na relação série-idade.

Programas como a “Escola Aberta” e o “Mais Educação” buscavam promover a interação escola-comunidade, com a inclusão de temas do cotidiano dos alunos e a realização de atividades de lazer e cultura. Porém, currículos ainda eram apresentados como homogêneos, pelo fato de que a proposta curricular não articulava o conhecimento formal com outros elementos que faziam parte dos cotidianos dos alunos como: mundo de trabalho, família, relações sociais, cultura, identidades. Eles favoreciam um aprendizado descontextualizado, dentro de uma perspectiva tanto individual como social.

Já as ações voltadas para a cultura, com o entendimento de que a dimensão cultural apresenta uma forte influência no desenvolvimento desses jovens, na constituição dos desejos e das práticas coletivas, principalmente em razão do ingresso desses sujeitos na dimensão pública e coletiva, em iniciativas e manifestações culturais, a *1ª Conferência Nacional de Juventude*, em que a cultura apareceu com destaque, com o maior número de votos para sua prioridade, apresentou como marco o *Programa Cultura Viva* e o *Mais Cultura*, os quais se tornaram referências para o desenvolvimento de políticas de cultura. Mesmo não direcionadas para um enfoque juvenil, favoreciam uma abrangência em termos populacionais e territoriais que abarcavam as diversas expressões culturais e na formação inicial dos jovens.

Para maior visualização das políticas do Ministério da Cultura que se volta para a juventude, é necessário observar três perspectivas: a cidadã, a simbólica e a econômica. Inicialmente, a perspectiva cidadã abarca a democratização do acesso à cultura na construção e

qualificação dos espaços, como, por exemplo, o *Programa Mais Cultura* articulado com o *Programa Território da Cidadania*. As ações de fomento que buscam reconhecer e valorizar os jovens como transformadores e criadores de manifestações culturais em múltiplas linguagens que configuram a questão simbólica, a exemplo do prêmio Hip-hop. A questão econômica atua no sentido de reafirmação do papel estratégico da economia da cultura, no contexto do desenvolvimento brasileiro, com possibilidades de investimentos em programas e ações para esse determinado público.

Diante dos avanços e pretensões para o fortalecimento de ações para a juventude, os debates deixam claro que entendê-las requer perceber a multiplicidade das relações de convivência, condição juvenil, sua formação, construção de identidades e trajetórias, como questões significativas, principalmente, diante de concepções sociais, historicamente disseminadas, sobre a imagem do jovem. A mobilização social e política dos jovens favoreceu o surgimento da compreensão dos jovens como sujeitos de direitos, definidos não mais por “desvios”, mas pelas suas especificidades e necessidades, passando a serem reconhecidas como demandas cidadãs legítimas. Esse movimento começa a fortalecer o surgimento de grupos jovens, vanguardas artísticas, movimentos sociais e políticos, em espaços sociais para a construção e fortalecimento de identidades.

De acordo com Abramo (2005), a juventude inscreveu-se como questão social a partir de duas abordagens: de um lado pela via dos ditos “problemas” associados à delinquência, à drogatização, à violência chegando à desordem social e, por outro lado, como fase transitória para a vida adulta, precisando de alguém para sua “preparação” para o mundo. Os temas da juventude e dos jovens têm sido estudados pelas ciências sociais, com distintas preocupações e perspectivas teórico-metodológicas.

Conforme aponta Pais (2003), na compreensão da juventude numa perspectiva sociológica, oscilam duas tendências: uma a partir da uniformidade, a qual defende a juventude como um grupo de indivíduos de uma mesma “fase de vida”, valorizando os aspectos biológicos e psicológicos, relacionados ao seu amadurecimento e à inserção no mundo adulto, regrado de etapas a serem consolidadas, como trabalho e família, e a outra tendência, tomada como um conjunto social diversificado, heterogêneo, com diferentes culturas juvenis, ou seja, conjuntos de crenças, valores, simbologias, práticas e saberes, produzindo diferentes modos de ser e estar na sociedade. No âmbito da construção de um conceito de juventude, ultrapassa-se a concepção de critério etário e emergem as expressões culturais juvenis como possibilidades de compreender as juventudes a partir de suas práticas sociais simbólicas, as quais pluralizam as possibilidades de construção de identidades,

socialização, relações cotidianas, educação, cultura, a partir de expressões locais, tendo o indivíduo com parâmetro.

CAPÍTULO II

A TMRS E TSR: BASE PARA COMPREENDER A FORMAÇÃO, CARACTERÍSTICAS, ESTRUTURA DE REDES E PSE DOS COLETIVOS DE JOVENS

Neste capítulo, teremos dois movimentos. O primeiro que analisa a natureza, os conceitos centrais e as abordagens da TMRS desenvolvidos por: Moscovici (1961, 1978, 2015), Jodelet (2001), Abric (1994); Doise (1992); Moliner (2012); Sá (2002, 1998) e Jovichelovitch (2008) sobre a TRS. Além disso, os conceitos de identidade (CALIMAN, 2010; BOMFIM, 2017; BAUMAN, 2005; CANCLINI, 2005), de práticas sociais (BOMFIM, 2019; GOHN, 2006), de espaço social (LEFEBVRE, 2006) e de processos educativos (FREIRE, 2005), no campo da psicologia social ajudarão a apreender as funções e aplicabilidades das RS na educação. O segundo que enlaça todos esses elementos da TRS com os da TSR com as Mitchel (1969); Barnes (1972); Elias (1994); Colonomos (1995); Waizbort (1999); Loiola e Moura (1997); Acioli (2007). Finalmente, no terceiro a abordagem consistirá em associar de forma complementar as definições conceituais de PSE para tentar avançar este conceito na EPU.

2.1. A TMRS: natureza, conceitos e abordagens

A teoria e o método das RS surgiram no início da década de 1960 com Serge Moscovici, psicólogo social radicado na França que desenvolveu um estudo pioneiro sobre as representações sociais da Psicanálise prevalentes na sociedade parisiense da época. Esse estudo deu origem a obra intitulada: *La psychanalyse : son image et son public*, publicada na França em 1961.

Para Moscovici (1961), ela possibilita novas percepções sobre os sujeitos e suas vivências, além da rede de relações sociais, ambientais, culturais que envolvem a sua trajetória de vida como um todo, considerando sempre esses os caminhos para melhor compreender o mundo, conforme o autor (2015, p. 21):

(...) as representações são um sistema de valores, ideias e práticas construídos socialmente, por meio dos quais indivíduos e comunidades estabelecem uma ordem para se orientarem no mundo material e social e controlá-lo e, também, comunicam-se e constroem um código para nomear e classificar os aspectos do mundo e da sua história individual e social.

Moliner (2012) enfatiza dois aspectos básicos pertinentes à natureza das RS: a “dispersão da informação”, que ocorre em função de uma compreensão ainda “não coerente” sobre a realidade dos jovens nos coletivos no SFS caracterizado pelo processo de acomodação das informações; e o segundo relacionado à “pressão a inferência”, como elemento de tomada de posição em relação às idealizações pertinentes ao conjunto de atitudes dos jovens sobre as expectativas e participação nos coletivos em que estão inseridos.

Assim, para Jodelet (2001), as RS designam um fenômeno de produção dinâmica, cotidiana e informal de conhecimento, um saber de senso comum de caráter eminentemente prático e orientado para a comunicação, a compreensão ou o domínio do ambiente social, material e ideal de um determinado grupo. As RS emergem desse modo, como processo que ao mesmo tempo desafia, reproduz, repete e supera, num movimento de formado e formação da vida social de uma comunidade, tendo uma dinâmica que perpassa a estrutura social condicionando a nossa visão de mundo e sendo por ela condicionada, numa relação profundamente dialética e dialógica.

Pelo exposto, entendemos que a TMRS tratam as produções dos saberes sociais, na análise e transformação do conhecimento social, como a ação e o pensamento se interligam na dinâmica social, isto é, a representação social é sempre a representação de alguma coisa (objeto) e de alguém (sujeito). É uma teoria do senso comum, uma forma de “saber prático” liga o sujeito a um objeto (natureza social, material ou ideal) a partir das relações em suas práticas sociais.

Esse entendimento proporciona mudanças, quebra paradigmas e permite compreender uma nova estratégia, que representa muito em termos de obter novos espaços capazes de proporcionar aprendizagem, desenvolvimento e bem estar dos sujeitos. Dessa maneira é possível explicar como os jovens tornam esse objeto mais familiar e compreender a constituição de saberes que são fundamentados nas relações sociais e num determinado contexto, considerando o espaço social, as experiências e as vivências dos atores sociais.

Logo, compreender os significados e sentidos que eles atribuem ao processo de formação de suas redes sociais podem revelar imagens, como constructos simbólicos que nos possibilitem identificar sujeitos/elementos (nós) e outras conexões/relações nos coletivos, explicar saberes, fortalecer identidades e orientar PSE que, por sua vez, possam contribuir à melhoria das políticas públicas em diversos espaços educativos das periferias urbanas.

Nesse contexto a TRS possibilita novas percepções sobre os sujeitos e suas vivências, além da rede de relações sociais, ambientais, culturais que envolvem a trajetória de vida como um todo, considerando sempre esses os caminhos para melhor compreender o mundo. Moscovici (2015), p.21 conceitua as RS:

(...) “as representações são um sistema de valores, ideias e práticas construídos socialmente, por meio dos quais indivíduos e comunidades estabelecem uma ordem para se orientarem no mundo material e social e controlá-lo e, também, comunicam-se e constroem um código para nomear e classificar os aspectos do mundo e da sua história individual e social”.

Essas representações envolvem uma produção dinâmica, cotidiana, um saber de senso comum de caráter prático e orientado para a compreensão, comunicação ou domínio do ambiente social, material e ideal de um determinado grupo (JODELET, 2001). O contexto cotidiano produz sentido à vida e ações do dia a dia.

A TMRS se apresentam em três abordagens: processual/sociogênica, estrutural e societal: De forma breve, a primeira busca o conhecimento do senso comum se caracteriza como aquilo que emerge dos grupos sociais pelas diferenças próprias das singularidades humanas de cada sujeito, formando as pluralidades que expressam os modos de vida (MOSCOVICI, 1978; JODELET, 2001); a estrutural que investiga a organização e estrutura dos conteúdos das RS (ABRIC, 1994) e a societal que busca entender como as diversas representações se processam sobre o mesmo objeto social em diferentes grupos sociais (DOISE, 1992).

Pelo apresentado, a tese se sustenta, especificamente, na abordagem processual, pois busca explicar como o fenômeno psicossocial da formação das redes sociais pelos jovens dos coletivos se apresenta no processo de objetivação, onde se acredita que eles organizam os elementos constituintes de suas representações por meio de percursos que permitam a sua materialidade. Segundo Moscovici, (1978, p.78), a objetivação apresenta duas funções básicas: uma, de “convencionalizar” coisas, pessoas e fatos, dando-lhes formas (modelo partilhado); e outra, de prescrever nossa visão da realidade.

A partir das ideias dos autores, nos parece necessário analisar a educação e a juventude, por uma perspectiva psicossocial, onde a relação entre redes sociais e a realidade social de jovens possa indicar caminhos a seguir, na busca de possibilidades de aplicação das suas funções: identitária e orientadora - nas políticas públicas vigentes que envolvam ações coletivas capazes de fortalecer a relação da escola/comunidade local, bem como (res)significar práticas pedagógicas no processo formativo de professores. Nesse sentido, é possível pensar que nessa construção da relação do mundo com as vivências partilhadas pelas experiências de suas práticas cotidianas possibilitam a formação de elos e nós identitários que são construídos no grupo social. Isto implica em colocar em relevo o pensamento social dos jovens e a construção de sua realidade¹³ social em consonância com a educação. É nas periferias urbanas, que o pensar/sentir/agir é marcado por um campo de forças e tensões e onde, para além da descrição da precariedade de infraestrutura e dificuldade de acesso a bens e serviços públicos, existe a necessidade de valorizar e revelar imagens sobre as “redes sociais” tecidas e PSE de jovens (BOMFIM, 2019).

2.1.1. Funções e aplicabilidade das RS na educação: identidade, práticas sociais, espaço social e processos educativos

Após discussão com base no enlace das duas teorias e antes de apresentar as funções das RS na aplicabilidade da vida social, faz-se necessário entender como elas servem aos estudos no campo da educação na contemporaneidade. De forma breve, utilizam-se: a) como instrumentação do saber conferindo-lhe um valor funcional para a interpretação e gestão do espaço social; b) para explicar como pensam, sentem e agem os sujeitos nos diversos espaços e, a partir do conteúdo, mediar práticas sociais, ambientais e educativas; c) para justificar o tipo de relação que será desenvolvida nos grupos sociais e d) para descrever e prescrever o tipo de relação ou comportamento que será desenvolvido (GARRIDO E BOMFIM, 2020).

Dessa forma, as RS são envolvidas de conhecimentos do senso comum que traduzem dilemas de relações em que identidades, desejos, projetos, modos de vida se estruturam e são estruturados, como diz Berger e Luckmann (1895, p.35), “o senso comum se apresenta como

¹³ No senso comum a realidade é a combinação que construímos entre a imagem da coisa e a ideia que temos dela - uma conformidade da verdade plausível (GARRIDO, 2013, p. 52). Também compreendo, neste contexto, a realidade social como práticas cotidianas vividas pelos sujeitos na constituição do espaço social.

uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que formam um mundo coerente”.

O estudo das RS tem mobilizado significativos avanços sobre o conceito de identidade. Segundo Lipiansy (1992), possuir uma identidade é ao mesmo tempo singular com características ímpares e ao mesmo tempo ser semelhante aos outros, no sentido de compartilhar com o grupo de significados comuns.

Pelas premissas expressas, compreendemos que a TMRS apresentam os requisitos imprescindíveis para se pesquisar o fenômeno psicossocial da formação, das características das redes sociais nos coletivos de jovens e suas PSE no SFS. Essa relação ocorre no espaço social revestido por saberes identitários que se fortalecem pelos vínculos e aproximações que são tecidos por esses sujeitos que atuam nas periferias urbanas. Nesse sentido, ancorar os conceitos chave: identidade, práticas sociais, espaço social e processos educativos é uma condição *sine qua non* para avançarmos nos conceitos de PSE nas PU. Lembramos que a construção social da realidade de jovens está embasa nas RS, manifestada pelos saberes e práticas do cotidiano exercidas no espaço social que possibilitam o processo educativo, no qual, envolve a coletividade para um sentimento de mudança social.

Pelas ideias de Hell (2004, p.17), esse sentimento traduz uma resistência à homogeneização, os indivíduos participam da construção do cotidiano, pois eles vivem, “sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual ou físico”. Nesse processo de vivência, os sujeitos, conceito optante desse estudo, colocam em atividade “todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias e se transformam” Nesse imenso colapso de sentidos, a teoria das representações se faz relevante para compreender a constituição dos saberes fundamentados nas relações sociais em determinado contexto, considerando o espaço, as experiências e as vivências dos sujeitos sociais.

Por essas ideias, entendemos a pluralidade como identidades que, segundo Garrido e Bomfim (2020, p.21) são “um “nós” no “eu”, num entrelaçamento das intersecções vividas nas tessituras da “aliança” dos diversos papéis experienciados.” Para Deleuze e Guatarri (1995), é o que fortalece a “aliança”, criando simultaneidades e se contrapondo ao “ou” que dicotomiza e reduz a possibilidade da “aliança”; e, na aliança rizomática, eu encontro um “nós no eu”, um “eu” que só se institui/constitui com o “e” no outro, num espaço/lugar do “entre as coisas.” Trata-se das complementariedades instituídas pela “aliança” do conectivo “e” estruturadas nas circunstâncias das intersecções rizomáticas sujeito-objeto e sujeito-sujeito, que, pela sucessão de (des)encontros nos cenários da minha juventude, criam elucidações,

entendimentos, compreensões, mas também, fissuras, embotamentos, viscosidades, escoamentos (GARRIDO, 2013).

Novos grupos culturais se tornam visíveis na cena social, buscando afirmar suas identidades ao mesmo tempo em que questionam a posição privilegiada das identidades até então hegemônicas. Dentro da perspectiva dos Estudos Culturais, há diferentes maneiras, a questão da identidade e da diferença, não simplesmente em tom de celebração, mas, sobretudo, problematizando essa questão. As identidades operam através da exclusão, da construção discursiva de uma exterioridade constitutiva e da produção de sujeitos marginalizados, na superfície exilada do universo simbólico ou do representável.

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior" - entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-os "parte de nós" contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. (HALL, 1992, p.63). Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e previsíveis. Argumenta-se, entretanto, que são exatamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente.

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentirmos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu". (HALL, 2006, p.13) Assim não se pode falar sobre identidade sem falar em alteridade, pois as identificações não são encontradas prontas e definidas elas se encontram em modificações e construções contínuas onde essas formações se submetem a uma historização em que as identidades são construídas dentro e não fora do discurso. Para isso, outra forma de educação que se encontra implícita nas práticas políticas espontâneas e são oportunidades de ampliação de conhecimento. A liberdade de pensamento e a afirmação e (re) afirmação de sua existência mantém o sentido de que sua interpretação pode gerar a transformação do mundo. A identidade ganha força como forma de os sujeitos buscarem afirmar seu lugar no mundo, constituindo grupos de identificação.

Sendo assim, percebemos que as construções identitárias se fazem através de processos simbólicos promovendo significações sociais. Estes mesmos processos são também utilizados na elaboração de representações sociais de sujeitos e grupos, no entanto com outra

finalidade que não é aquela de simples caracterização, mas sim a de classificar dentro de um sistema de crença e valores em suas relações sociais. Faz-se necessário refletirmos a respeito dessas relações sociais com ampliação dos espaços de pertencimento comunitário com o fortalecimento de memórias e identidades locais. Esses são considerados espaços que apresentam significações construídas pelas relações dos sujeitos no cotidiano, nos trânsitos pelos ambientes permeados de diálogos construídos nas relações interpessoais, as quais expõem as interpretações que os sujeitos criam coletivamente sobre a realidade social. Isto implica em pensar a valorização das práticas sociais exercidas nos espaços sociais da comunidade como fomento, particularmente, no campo da educação, de processos formativos que são traduzidos em atos educativos pelo multifacetado processo de comunicação (BERLO, 1999).

Assim, elegemos a definição de Garrido e Bomfim (2020), quando eles afirmam que as práticas sociais cotidianas são caracterizadas pela expressão da arte/cultura como elemento de inclusão, que tange as sobreposições e ambiguidades na realidade social produzida como espaço social onde os coletivos de jovens podem se caracterizar como o vivido, percebido e concebido na dinâmica das práticas sociais no espaço construído, produzido, projetado (representação do espaço), vindo a tornar-se uma nova forma social de organização do espaço, que o autor vai denominar de sociedade urbana (LEFEVBRE, 2006, 2008b).

Esses conceitos ancorados as representações e as redes sociais nos permitem, teoricamente, pensar que coletivos jovens, na medida em que assumem papéis no estabelecimento das relações de materialização de saberes e práticas, aperfeiçoam, ampliam, ensinam, aprendem, compartilham, veiculam e divulgam em redes sociais, construídas e caracterizadas pelo pertencimento identitário, imagens de um cotidiano marcado por contradições simbólicas de afeto e aversão por um espaço social vivido e experienciado em suas relações de convivências e de transformação na/da comunidade local (SANTOS, 2017). Torna-se necessário destacar que as características de um grupo ou de uma sociedade, também são adquiridas através do processo de aprendizagem e transmissão de um conjunto de saberes como elementos principais da comunidade.

Percebemos que, os conceitos de saberes e práticas, vinculados às RS são fundamentais para relacionar a TRS à educação e eles permeiam toda a tese. Nesse sentido o olhar psicossocial para que tenham influência sobre as práticas educativas são também emergente, pois como afirma Bomfim (2019) ele possibilita considerar o sujeito social e sua subjetividade (seu mundo interior) o que restitui o sujeito individual ao mundo social.

Nesse movimento, vários espaços sociais vão se transformando em espaços educativos, de ensino/aprendizagem, onde as PSE se exercem. Dessa forma, o reconhecimento e a valorização de saberes desses sujeitos perpassam pelo estudo da educação que sustenta suas ações, permitindo assim a afirmação de suas identidades enquanto jovens moradores da periferia, que desenvolvem PSE.

Portanto, pensar sobre práticas sociais de coletivos de jovens como educativas requer uma reflexão sobre um campo de saber, com pluralidades existentes em seus territórios que se assimilam com práticas educativas, as quais ampliam, renovam e fortalecem identidades, reconhecendo saberes que os jovens dominam e não são institucionalizados. Nessa perspectiva, o reconhecimento da centralidade das relações mutuamente construtivas entre atores sociais, espaço social e o papel das relações sociais tem motivado GIPRES a estudar o processo e conteúdo das RS como orientadores de PSE nas PU de Salvador-Bahia. Segundo Acioli (2007), na experiência cotidiana e no mundo *glocalizado*¹⁴ existem várias concepções de rede que são baseadas no senso comum, ou ainda em determinado referencial teórico-conceitual. Para ela há “uma diversidade de definições que, no entanto, parecem conter um núcleo semelhante relacionado à imagem de fios, malhas, teias que formam um tecido comum”, mas, atualmente, essa “expressão tem sido naturalizada e associada apenas às tecnologias de informação” (ACIOLI, 2007, p.3). Mas, Loiola e Moura (1997, p.54) ponderam dizendo que o fato de indicar “A presença de um ponto central, de uma fonte geradora/ propulsora, não figura no significado popular de rede”.

No campo das Ciências Humanas, os conceitos de redes sociais que se destacam e se aproximam com o objeto desse estudo são apresentado por Colonomos (1995) quando ele as define como relações sociais integradas que se estabelecem entre os atores e um grupo de atores. Esse conceito é interessante, pois designa em si mesmo, os movimentos pouco institucionalizados, reunindo indivíduos ou grupos numa associação que nos permitem interpretações diversas e cujos limites são variáveis. Nesse sentido ele se ancora a TRS, quando Sá (1988) afirma que elas estão “espalhadas por aí”: na cultura, nas instituições, nas práticas sociais, nas comunicações interpessoais e de massa e nos pensamentos individuais.

Já no campo da Antropologia Social, Barnes (1987, p.163) define redes sociais como “processos sociais que envolvem conexões que transpassam os limites de grupos e categorias” Nesse sentido, faz-se necessário associarmos a abordagem processual onde as RS são

¹⁴ O termo *glocalização* surgiu em 1980, com a finalidade de restituir a globalização a sua realidade multidimensional, a interação entre global e local., definido por Bauman (2011) como a compreensão do mundo, do tempo e espaço, onde a vizinhança e a proximidade física não são determinantes.

consideradas como princípios que organizam as práticas sociais e as relações simbólicas entre as pessoas frente a objetos sociais que as perpassam (MOSCOVICI, 1961; JODELET, 2001; DOISE, 1992). No nosso caso, a formação das redes sociais e as PSE desenvolvidas pelos coletivos de jovens do SFS. Logo, entendemos que é no campo das Ciências Humanas que centramos a noção de redes, pelos seguintes motivos: a origem epistemológica do termo surge desse campo e a área do nosso estudo, a Educação, cujos fenômenos emergem sobre os olhares voltados para esperança de transformação social diante das problemáticas globais e locais se destacam: questões ambientais, da territorialização, desterritorialização e crises identitárias; pandemias, entre outras.

Para além, faz-se necessário dialogar esse conceito de redes sociais com as ideias de Gohn, (2006) sobre a educação informal, pois o nosso estudo busca evidenciar a formação de redes sociais de jovens e suas PSE exercidas em espaços educativos outros que não somente a escola. Assim, a autora considera essa modalidade de educação como empírica e casual exercida pela espontaneidade e adquirida durante toda a vida no âmbito familiar e na convivência social. Significa dizer que é um tipo de educação não organizada na institucionalidade das leis, mas pelas normas e regras presentes nas famílias e nos grupos sociais de pertencimento.

Esse conjunto de conceitos sobre redes sociais, PSE e espaços educativos se ancora ao conceito de coletivos sociais, entendido como uma formação social, como agentes influenciadores que podem contribuir como catalizadores de uma cultura política de grupo, pela experiência neste tipo de educação (BOMFIM E GARRIDO, 2020). Isso significa dizer que na educação não-formal as iniciativas em que ocorrem o processo de ensino-aprendizagem se dão a partir do compartilhamento de experiências vividas em espaços coletivos, organizados e sistematizados pela necessidade dos sujeitos, guiados por um desejo comum de realizar algo ou alguma coisa. É profundamente flexível, estruturada em normas e regras que se apresentam nas práticas cotidianas (BOMFIM E GARRIDO, 2020).

Para avançarmos no conceito de redes sociais, três abordagens são propostas por Barnes (1972) e Mitchel (1969): a tecnológica, a metafórica e a analítica. Dessas, as duas últimas nos interessam, pois a primeira tem a ênfase na filosofia de rede que se articula com o nosso objeto e os conceitos escolhidos, bem como a segunda que nos instrumentaliza metodologicamente para a análise de redes. Assim, para Barnes (1972) citado por Acioli (2007, p.3):

“não existe uma teoria de redes sociais, sendo possível a adaptação da noção de rede às diversas teorias. A concepção básica de redes - tanto para uso

metafórico, quanto para o uso analítico - seria a de que as configurações de vínculos interpessoais entrecruzados são, de forma inespecífica, conectados às ações dessas pessoas e às instituições da sociedade. A idéia que permeia a metáfora de redes é a de indivíduos em sociedade, ligados por laços sociais, os quais podem ser reforçados ou entrarem em conflito entre si”.

Como recurso de análise, esse autor institui a ideia de redes sociais numa perspectiva sociocêntrica, onde os membros da sociedade ou parte dela estão imersos. Ele parte da ideia de metáfora apresentada por Radcliffe- Brown (1973) para ser utilizada de forma metodológica nos estudos operacionais com ênfase nas relações sociais, enquanto uma ferramenta de análise dos relacionamentos entre as pessoas, seus elos pessoais e as organizações do contexto em que elas se inserem. Logo, Barnes (1972) citado por Acioli (2007, p.3) ressalta em sua proposta analítica que:

“alguns dos critérios de análise: tamanho da rede, ou seja, o número de unidades na rede; atenção dada aos efeitos em "A" da relação entre "B" e "C"; se o estudo é sobre questões relacionadas à contatos indiretos ou a categorias / questões individuais. A rede social pode por vezes ter membros mais centrais, ainda assim, essa centralidade seria uma construção da investigação em andamento”.

Essa abordagem tem uma aproximação com várias áreas do conhecimento, pois ela sugere fluxo, movimento, densidade, entre outros. Complementando com os estudos de Lago Júnior (2005), para análise dessas redes sociais, podemos ainda utilizar os critérios estruturais¹⁵ que dizem respeito a identificação dos atores sociais (como um nó)¹⁶, bem como suas ligações, ou representações gráficas de linhas que conectam os pontos (atores). Ainda, segundo ele, na sua estrutura podemos identificar **posição hierárquica, localização, afinidade, idade, escolaridade, sexo**. Essas ligações entre dois atores ou mais podem nos permitir aferir o tamanho, definido pela quantidade de conexões existentes entre os atores de uma rede. Por sua vez, a densidade ou a potencialidade se apresenta como o resultado entre o número de ligações existentes pelo número de ligações possíveis em uma determinada rede permeada pelo fluxo de informações. Isto significa dizer que quanto maior a densidade mais intensa é a troca de informações na referida rede e vice-versa. Finalmente, sem considerar o espaço virtual, é possível identificar pela distância, em relação a sua localização, a coesão entre os atores sociais de uma rede social.

Pelo exposto é possível perceber que, para mapear os coletivos de jovens, estruturar e caracterizar suas redes sociais duas análises são necessárias: processual e estrutural. A

¹⁵ Nesse momento na Antropologia, a ênfase eram as análises estruturalistas representadas pelos trabalhos de Evans-Pritchard e Fortes (décadas de 40/50).

¹⁶ É cada indivíduo, setor ou departamentos que interligado à rede.

primeira, a partir dos elementos cognitivos e sociais da objetivação na TMRS, visa desvelar saberes como orientadores de condutas e práticas sociais. Assim, o estudo da realidade social em si, também é importante, pois a mesma é a constituição das RS construídas pelos sujeitos de um determinado grupo ou diversos grupos sociais. Essas RS são reveladas como imagens que materializam a formação do sujeito, nas suas diferentes maneiras de resistência cultural, econômica, identitária, social, política. É nesse processo formativo que os jovens assumem novos papéis e funções sociais, instauram mudanças nas comunidades, que ainda se mostram excludentes.

Ainda sobre a abordagem estrutural, Mitchel (1969 apud ACIOLI, 2007) considera os seguintes critérios: **(nós) atores sociais, conexões, perfil de grupos/subgrupos, tamanho, densidade ou potencialidade**. Essa necessidade se justifica, pois:

“os limites colocados para o uso analítico de redes que limitaria a representação de pessoas em "nós" de uma rede, e os relacionamentos entre eles em "linhas" ou "elos". Nesse sentido, o mesmo autor lembra que a noção de redes sociais como método de análise deve ser usada de modo complementar a outros métodos da Sociologia e da Antropologia [sic] da Psicologia Social” (MITCHEL, 1969 apud ACIOLI, 2007, p.3).

Portanto, breve nessa tese, buscamos explicar como os jovens pensam em relação à formação de suas redes sociais e agem nos diversos espaços sociais do SFS. Essas ações podem justificar o tipo de relação que eles estabelecem nos diversos grupos e subgrupos sociais e são traduzidas como PSE desenvolvidas nas PU. Logo, no campo da Educação e da Psicologia Social, possivelmente, a construção social da realidade de jovens do SFS se manifesta pelos saberes e práticas do cotidiano. Essa construção, enquanto processo, alicerça as RS pela comunicação e interação social que, por sua vez, evidenciam informações, organizadas e partilhadas coletivamente, revelando imagens que determinam o seu campo e guiam a ação social (BOMFIM, 2004).

Durante muito tempo, as PSE eram entendidas como atividades ofertadas às crianças e jovens a fim de ocupar o seu tempo livre, e essas eram/são desenvolvidas como justificativas para que o Estado, as Igrejas, a Sociedade Civil e/ou o Terceiro Setor, em diferentes momentos históricos, se ocupem mais de alguns sujeitos do que de outros (ZUCCHETTI E MOURA, 2010). Para elas:

“Os termos utilizados para definir estas práticas, contudo, são diversos: educação informal, educação não formal, educação não escolar, atividade extraclasse e/ou apoio socioeducativo – esses últimos quando voltados especificamente a crianças e jovens. Com efeito, trata-se de práticas bastante heterogêneas, constituindo experiências e atividades de educação realizadas

no interior das organizações governamentais e não governamentais, que acolhem crianças, jovens, mulheres, moradores dos bairros de periferias das grandes cidades, entre outros, e que desenvolvem desde ações assistenciais de alívio à pobreza até práticas de militância, sociabilidade, formação para o trabalho, etc.” (ZUCCHETTI E MOURA, 2010, p.11).

Diante da polissemia dos termos, as PSE se confundem às vezes como medidas socioeducativas que se encerram no esforço da socialização do sujeito ou na perspectiva assistencialista e coadjuvante como aquelas da educação escolar: alimentação, higiene, recreação, apoio familiar são intervenções que desenham este cenário (ZUCCHETTI E MOURA, 2010). Por esse viés os sujeitos são passivos, receptores e dependentes das políticas e projetos públicos que estrategicamente são postos pelas classes hegemônicas.

Nesse estudo, teoricamente, os arranjos sociais são permeados por práticas inventivas dos sujeitos em seus modos de fazer, que se criam fissuras pelas táticas dos pequenos golpes em contraponto as estratégias instituídas por ideologias dominantes (CERTEAU, 1994).

Essas práticas inventivas se exercem em diversos espaços educativos onde se realizam a educação não-formal que corresponde às iniciativas em que o processo de ensino-aprendizagem ocorre a partir do compartilhamento de experiências vividas em espaços coletivos, organizados e sistematizados pela necessidade dos sujeitos, guiados por um desejo comum de realizar algo ou alguma coisa.

Ora, se entendemos a realidade social como ações exercidas no espaço, podemos afirmar que o espaço social é uma produção desse conjunto. Nesse sentido, se todo espaço educativo é um espaço social e neles se exercem práticas, podemos conceituar práticas educativas como um conjunto de ações sociais que ocorrem nos espaços educativos como resultantes de saberes, ideias, informações, valores, crenças, identidades que se constituem em conhecimento do senso comum. Portanto, avançamos para um conceito de PSE em PU como aquelas que são originárias do pensamento social, da objetivação, dos atores sociais que constroem imagens cognitivas e sociais que se materializam em formas constitutivas de sua realidade socioespacial.

CAPÍTULO III

CAMINHOS METODOLÓGICOS: DESCRREVENDO MÉTODOS E TÉCNICAS DE INVESTIGAÇÃO

Este capítulo tem a finalidade de descrever detalhadamente os caminhos metodológicos da pesquisa, portanto especificar a maneira como nós vamos proceder para mapear os coletivos de jovens; analisar as características e estruturas das redes sociais, pelos nós e elos desses coletivos; interpretar a formação dessas redes sociais para a apreensão de Práticas socieducativas no SFS, na tentativa de avançar com contribuições significativas para o desenvolvimento da Educação em Periferias Urbanas. O capítulo está dividido em duas seções sendo que a primeira: apresenta uma discussão epistemológica sobre as pesquisas educacionais e o método das representações sociais aplicados à educação; a segunda seção justifica e a minha postura epistemológica face ao objeto de estudo - **Rede de Coletivos de jovens do SFS e suas contribuições para a Educação em Periferias Urbanas**, apresenta a abordagem metodológica privilegiada, descreve e justifica o *locus* da pesquisa, a constituição e as características dos participantes, os dispositivos de colheita, métodos e técnicas de análise de informações.

3.1. Discussão epistemológica sobre as pesquisas educacionais e a aplicação da teoria e métodos das RS e da SR

Nós pesquisadores do GIPRES, no campo da Educação, constatamos pelos debates acadêmicos, que as produções dos últimos quinze anos têm demonstrado no processo de construção do conhecimento, “a colaboração ativa do sujeito na sua constituição social, histórica, educativa, psicológica, enfim humana” (GARRIDO, 2019, p. 149). Essas ideias nos levam a pensar sobre a importância dos fenômenos psicossociais que permeia a realidade socioespacial dos sujeitos. Esses fenômenos, por sua vez, se inserem no processo educacional e ganham amplitude dentro de um sistema de relações, envolve problemas de diversas ordens e perspectivas: filosóficas, biológicas, psicológicas, sociológicas, históricas, geográficas, políticas, administrativas, ideológicas, entre outros (GATTI, 2007). Nesse sentido, os estudos desenvolvidos por Alves-Mazotti (2008), na linha das RS aplicadas à educação, têm

demonstrado que cada grupo, cada segmento sociocultural tem seu sistema de representações sobre os diferentes aspectos de sua vida.

Pela perspectiva acima, podemos afirmar que nessa investigação, face ao objeto de estudo, é importante privilegiar a abordagem interdisciplinar no processo de construção do conhecimento, lembramos: - **Rede de Coletivos de jovens do SFS e suas contribuições para a Educação em Periferias Urbanas.** Para tal, o diálogo com outros referenciais teóricos da Psicologia, da Sociologia, da Antropologia e da Geografia se faz necessário, especificamente os estudos que tratam das representações e práticas sociais em espaços educativos outros.¹⁷

Para Bomfim e Garrido (2019, p.150), isso implica em trazer:

[...] uma reflexão sobre a participação dos sujeitos nesse processo, que vai desde a construção do objeto social, passando pela retificação do objeto de estudo, até o objeto socialmente representado pela objetivação e ancoragem, envolvendo a subjetividade dos jovens participantes. Este movimento significa abordar o fenômeno educacional, num contexto da realidade socioespacial, sob diversos primas: como objeto da experiência sensível do sujeito que transcende do real/objetivo (razão) para o subjetivo (significado) (Kant, 1964; Merleau-Ponty, 1975). Nesse movimento, ele é, também, o fato social (Durkheim, 1982) observável, perceptível e consensualizado por grupos sociais.

Ora, por essa reflexão entendemos a necessidade então, de valorizar o sentido que os sujeitos atribuem ao objeto social, como fenômeno do processo educacional no seu espaço de vida. Nessa tese, defendemos que essa é uma condição essencial para que os jovens aprendam e compreendam a essência da complexidade e utilidade do pensamento e ação nas periferias urbanas e para além delas.

Para perseguir essa valorização, colocamos em relevo o conceito de pesquisar, no sentido mais amplo do estudo, que significa movimentar-se entre os campos do rigor epistemológico e metodológico, voltar-se para os procedimentos e sua aplicação empírica, que do ponto de vista científico implica em delinear o tema, recortar, contextualizar e problematizar o objeto de forma inteligível. Isso implica em redigir de forma clara para o leitor, revisar estudos e justificar, discutir e defender nossas escolhas.

Tudo isso, segundo Bomfim e Garrido (2019, p.151), “pressupõe organização meticulosa dos contornos do objeto, elaboração dos procedimentos – modalidade, método e aplicação dos instrumentos de pesquisa – e o rigor epistemológico. Estas são dimensões de

¹⁷ Bomfim e Garrido (2019), quando discutem sobre a questão dos conceitos da educação formal e informal, avançam para o consenso de espaços educativos outros que não escolares, por considerarem que os adjetivos formal e informal não qualificam esses espaços educativos e sim os distinguem muito mais pelo viés da institucionalidade e da legitimidade, do que pela concepção da finalidade da educação que é a transformação social.

pesquisa que apontam para formalizações técnicas comuns na constituição de qualquer pesquisa acadêmica”. Segundo esses autores, os métodos de pesquisa e investigação precisam ser flexibilizados e dimensionados, levando-se em consideração os sujeitos e os espaços envolvidos no estudo, pois as subjetividades inerentes aos humanos deixam brechas e fissuras que vão de encontro à rigidez do método e seu em relação ao nosso objeto de tese, está intrinsecamente vinculado aos fenômenos psicossociais.

Fizemos uso dessa discussão com a finalidade de levar o leitor ao entendimento das nossas escolhas sobre a teoria e o método das representações sociais e das redes sociais. Em resumo, justifica a nossa postura epistemológica face ao objeto social que está intrinsecamente vinculado aos fenômenos psicossociais, cujos significados e sentidos são, antes de tudo, formas de construção e representação desse objeto, dispositivos de reificação do objeto de estudo (BOMFIM, 2017). Nesse entendimento, todo fenômeno educacional é um fenômeno psicossocial ao tornar-se um objeto social revestido de opiniões (eu penso), de saberes (eu sei) e de crenças (eu acredito)(SÁ, 1998).

Entendemos então que a todo fenômeno educacional lhe é atribuído significados e sentidos que são, antes de tudo, formas de construção e representação do objeto social, dispositivos de reificação do objeto de estudo que exigem a materialidade das objetivações experienciadas e da ancoragem.

Ao explicar o processo de formação das RS, Moscovici (2015, p. 78) explica que “objetivação e “ancoragem” são, pois, maneiras de lidar com a memória. A primeira, sendo mais ou menos direcionada para fora (para os outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido”. A segunda mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro; está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome.

Assim a objetivação é entendida como um constructo, processo de construção do objeto socialmente representado pelos indivíduos no dado grupo social, que se coaduna a ancoragem como processo de representação desse objeto em construção e construído pelas subjetivações idealizadas numa certa realidade socioespacial (BOMFIM, 2017). É nessa trama que o pertencimento vincula o sujeito ao lugar e reforça identidades, pois “são pelas localizações percorridas no exercício da territorialidade que se constituem as temporalidades próprias do sujeito, [...] tessituras da realidade cotidiana das suas práticas no espaço social” (BOMFIM E GARRIDO, 2019, p. 152).

Em síntese, este trabalho se inscreve no campo da Educação na Contemporaneidade, contemplando os Jovens das Periferias Urbanas, cuja teoria e método gravitam em torno das representações sociais e redes sociais. Assim, a primeira com ênfase na abordagem processual se enlaça com a segunda que aborda a análise estrutural.

3.2. Postura epistemológica da pesquisadora e percurso metodológico da investigação

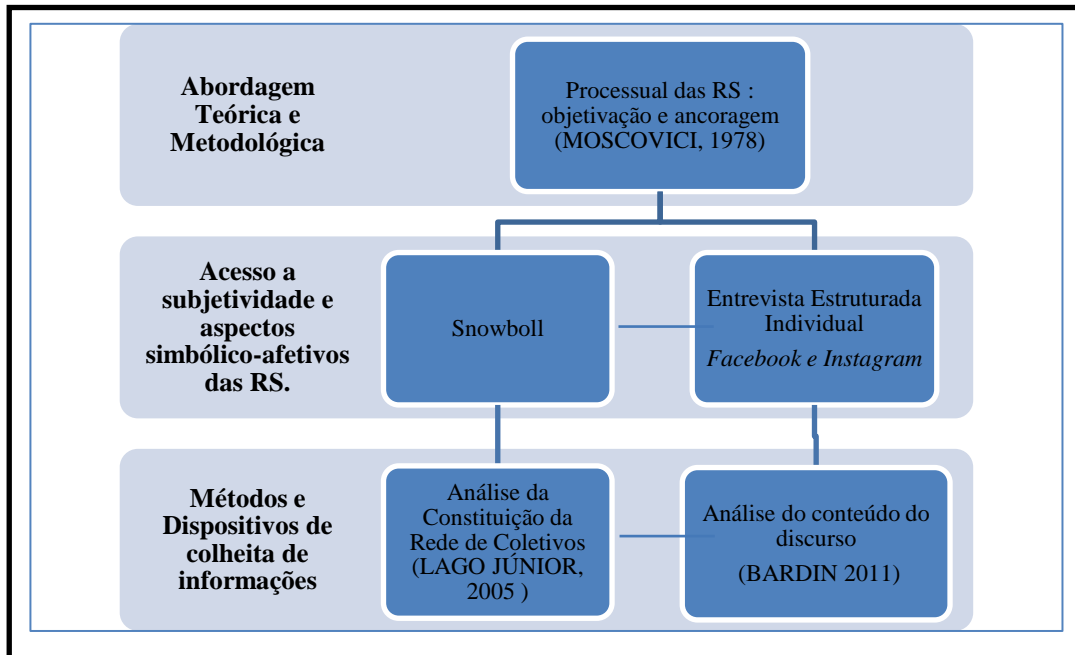
A pesquisa se insere numa abordagem de pesquisa solidária e colaborativa que busca, por meio do percurso histórico de produção de sentidos dos sujeitos/participantes, apreender as sobreposições, ambivalências e semelhanças que eles atribuem às PSE exercidas no espaço concebido, vivido, percebido (periferia urbana) e que podem ser consideradas como ações significativas de transformação social (BOMFIM E GARRIDO, 2019).

O estudo empírico é de natureza qualitativa e caráter interpretativo/descritivo, pois sob a égide do objetivo geral, busca explicar o processo de formação e articulação dos coletivos de jovens e sua relação com as contribuições significativas das PSE para o desenvolvimento da EPU.

Ainda, ancorado nos pressuposto da pesquisa bibliográfica, ele também é do tipo exploratório, pois apresenta o potencial de aprofundar os sentidos em torno das representações como mediadora das relações no processo de construção do conhecimento na educação, podendo possibilitar o avanço nas pesquisas em representações e educação (LIMA E MIOTO, 2007), particularmente na ênfase das PSE em PU.

Após a abordagem metodológica privilegiada, apresentamos a estrutura do percurso metodológico da investigação (Figura 9) que será descrita detalhadamente nas páginas posteriores e descreverá e justificará o *lócus* da pesquisa, a constituição e as características dos sujeitos/participantes, os dispositivos de colheita, métodos e técnicas de análise de informações.

FIGURA 9: PERCURSO METODOLÓGICO DA INVESTIGAÇÃO



Fonte: Elaboração da autora (2018).

3.2.1. *Lócus* da Pesquisa

Esta pesquisa surge a partir de realidade que vivenciei e vivencio, enquanto pesquisadora dos coletivos de jovens do SFS. Foi durante as minhas idas e vindas ao CCP, Lobato e Paripe que percebi a participação ativa de jovens na sua comunidade. Nesse contexto, conheci algumas lideranças de coletivos que buscam transformar sua realidade e dos sujeitos da sua comunidade em suas relações de convivência do seu cotidiano, construindo e (re)significando concepções e exercendo práticas sociais em espaço educativos. Assim, enquanto espaço social, o *lócus* desta pesquisa é constituído de quatro bairros do SFS: Plataforma, Periperi, Paripe, Alto do Cabrito, Lobato, São Tomé de Paripe e Fazenda Coutos, apontados pelos jovens no processo de construção de redes de coletivos.

Lembramos que, geograficamente, o SFS é composto por dezoito quilômetros de praias da Baía de Todos os Santos que margeiam os 15 bairros (dentre eles, três ilhas), oriundo de ocupações informais e desordenadas, caracterizadas pela escassez de saneamento básico, jovens, adultos, crianças, idosos, convivem com os mais altos índices de violência registrados pelas autoridades de segurança de Salvador.

3.2.2. Constituição e características dos sujeitos/participantes

Dado ao caráter das pesquisas educacionais qualitativas/interpretativas/explicativas, particularmente no campo das Ciências Sociais, que busca apreender, essencialmente, a produção de sentidos dos sujeitos/participantes, a partir de suas experiências vividas e partilhadas na sua realidade social, então, entende-se a dificuldade em estabelecer critérios de homogeneidade para a seleção dos participantes, como aqueles das amostras estatísticas. Nesse sentido, buscamos uma amostragem teórica de abordagem não probabilística, que é formada por aqueles informantes em potencial e que aceitem a participar espontaneamente do estudo (GLASER E STRAUSS, 1967; PIRES, 2008). Logo, são aqueles que atenderam as seguintes exigências: são/foram líderes e/ou representante dos coletivos de jovens; são maiores de 18 anos e, informados e guardados os protocolos de biossegurança, aceitaram por telefone as condições estabelecidas no Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) (Apêndice A). Para esta etapa de pesquisa exploratória, optamos pela técnica da amostragem em “*snowball sampling*” (BIERNARCKI, P. E WALDORF, D, 2018) ou “bola de neve”, de forma não probabilística, que utiliza cadeias de referências (VINUTO, 2014).

Justificamos essa escolha, pois foi a mais útil na abordagem de questões delicadas, de âmbito privado e, portanto, que na aquisição das informações e do conhecimento das pessoas pertencentes ao grupo ou reconhecidos por estas para localizar outros informantes para estudo. Também, foi essa técnica que mais se adequou, quando perseguimos o processo de construção da rede de formação desses coletivos e sua articulação nos bairros do SFS. Assim o pontapé inicial se deu pela lista de informantes/chaves nomeados como sementes, lembrando que em 2016 realizei uma pesquisa exploratória no SFS para identificar os coletivos de jovens e suas práticas sociais no campo das multilinguagens¹⁸. Pela lista, dentro

¹⁸ Só foram consideradas ações que estivessem voltadas para as multilinguagens e que inserem nas PSE consideradas “marginais periféricas”, pois representam a força de expressão da comunidade e o patrimônio cultural das periferias por meio de suas apresentações, formação de redes e intervenções realizadas.

da população geral¹⁹, foi localizado o perfil necessário para a investigação e em seguida, se deu o contato com as pessoas consideradas como sementes. Por meio de contato por telefone/*watsapp*, foi feita uma entrevista gravada utilizando-se do questionário (APÊNDICE B), onde o informante em potencial foi solicitado, para além de outras questões, que indicassem outros contatos com características desejadas, a partir de sua própria rede social. Assim, sucessivamente, a rede foi crescendo a cada entrevista e encerrada quando não houve novos nomes e as informações foram saturadas.

3.2.3 Dispositivos de colheita de informações

Para apreender o conteúdo das RS a maioria dos pesquisadores tem utilizado vários instrumentos para coletar dados. No GIPRES é possível constatar que as investigações desenvolvidas pelos pesquisadores têm-se utilizados, com jovens, fotografias tomadas e desenhos elaborados por eles, mapas mentais, questionários e entrevistas individuais ou em grupos de discussão. Nesse estudo privilegiamos dois dispositivos que atendem os objetivos específicos, a saber: questionário/entrevista individual, os quais tiveram uma nova configuração por conta da pandemia que vivenciamos e redes sociais: *Facebook e Instagram*.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa dividimos em duas etapas da investigação. Na primeira, pela técnica da “bola de neve”, elaboramos o questionário para entrevista estruturada que foi aplicado aos líderes dos coletivos, com os objetivos de ampliar o mapeamento dos coletivos de jovens; analisar a estrutura e características das redes sociais desses coletivos; e interpretar a sua formação a fim de apreender as práticas sociais desenvolvidas nos espaços educativos, bem como as contribuições significativas para o avanço do conceito de Práticas socioeducativas na Educação em Periferias Urbanas.

¹⁹ Segundo Vanuto (2014, p. 203), “isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado”

Entretanto a partir de março de 2020, o Brasil e no mundo estão vivendo um momento extraordinário provocado pela pandemia do coronavírus. Esse fenômeno passou a fazer parte da dinâmica da sociedade chinesa, pela disseminação da doença, em meados de dezembro de 2019 e, em poucos meses, o Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavírus 2 (SARS-CoV-2) se espalhou pelos cinco continentes, levando a Organização Mundial da Saúde (OMS) a classificá-lo como COVID19 e declará-lo como uma emergência de saúde pública internacional.

O cenário sem precedentes provocou impacto global no contexto da educação, da saúde, da economia e, o que exigiu imediata e inédita reação de políticos e gestores públicos de todos os países, sendo debatido nos espaços midiáticos, na hipermídia e, sobretudo, nas conversações cotidianas de diferentes grupos sociais (CORREIA, RAMOS, E BATHEN, 2020). Particularmente, se por um lado, na educação escolar e não-formal²⁰ a recomendação do distanciamento físico para prevenção e contenção do vírus se torna desafios, por outro, a discussão sobre o protagonismo juvenil têm se pautado na perspectiva da participação dos mesmos em coletivos. Nesse sentido, no período de 9 a 19 de julho de 2020 aplicamos o questionário da entrevista por telefone/*watsapp* e, recebemos devolutivas de, apenas, de 09 (nove) líderes identificados/conectados, dos seguintes Coletivos: **Ruasia, Herdeiros de Angola, Coletivo Cutucar, Projeto SIM, Incomode, Produtores do Subúrbio, Os Encracalados, Esquadrão e A Rua.**

Diante dessa dificuldade, na segunda etapa, como forma de extensão da nossa colheita de dados, optamos pelas redes sociais *Facebook* que auxiliaram na ampliação do mapeamento e na análise do processo de construção de redes. Complementamos com a busca na rede social do *Instagram*, para identificação de perfis, membros, localizações, “bandeiras defendidas”, *hashtags* #, curtidas, fotos e legendas.

3.2.4 Métodos e técnicas de análise de informações

Analisar as informações significa que o pesquisador deve organizá-las a fim de descobrir os laços por meio dos fatos acumulados e assim apreender o sentido que lhes é atribuído. Precisamos então que no nosso procedimento, as informações recolhidas por meio

²⁰ Para Sposito (2008), a expressão “não-formal” é limitada e inadequada para designar essas modalidades diversas de oferta educativa para além do sistema escolar que envolve conteúdos, planejamentos e práticas institucionalizadas.

do questionário serão associadas de forma sequencial aos discursos manifestos das entrevistas individuais, método de análise denominado de superposição de imagens cognitivas (BOMFIM, 2004).

A entrevista estruturada individual foi transcrita na íntegra. May (2004, p. 145) nos diz que elas “geram compreensões ricas das biografias, experiências, opiniões, valores, aspirações, atitudes e sentimentos das pessoas”. Para o mapeamento, o conteúdo do questionário da entrevista estruturada foi tratado e analisado estatisticamente pela frequência simples e, para análise específica da formação de rede e articulação dos coletivos, utilizamos o método conhecido como análise de redes sociais (ARS)²¹, que busca as ligações entre os indivíduos das redes, o fluxo das informações, as formas de conexões e sua influência nos processos organizacionais.

A ARS pode ser aplicada em redes formais, informais, internas, externas, hierárquicas, dentre outras, a fim de auxiliar no conhecimento das formas de conexões de indivíduos interligados. Meneghelli (2009) descreve a ARS como um conjunto de métodos de estudo dos grupos sociais, uma forma matemática de medir as relações, laços e interações sociais, como componentes da estrutura social. Para tal, faz-se necessário utilizar ferramentas de TI desenvolvidas especificamente para o auxílio do mapeamento, controle e análise destes dados. Estas ferramentas são os *softwares* ARS que propõem o desenvolvimento de modelos e algoritmos para integrar e promover a análise e visualização de redes sociais.

Optamos pelo *GEPHI/Cfinder*, pois é um software de código aberto distribuído sob a licença dupla CDDL 1.0 e GNU *General Public License* v3, disponível em Java para Windows. Ele suporta a importação e exportação de formatos tradicionais (JPEG, PDF, SVG, *Metafile*) para dados de rede social, onde podemos realizar e visualizar sobreposição, grupos densos, de nós em redes formadas pelos jovens. Os relatórios e gráficos fornecidos foram analisados e dialogados com as bases teóricas desse estudo a fim de atender aos objetivos específicos, lembramos: Ampliar o mapeamento dos coletivos de jovens; Analisar a estrutura e características das redes sociais formadas pelos jovens que constituem os coletivos; Interpretar o processo formativo das redes sociais a fim de apreender as práticas sociais desenvolvidas nos espaços educativos; Avançar na construção dos conceitos de PSE para o desenvolvimento da EPU.

²¹ Entendidas como estruturas construídas quando os indivíduos interagem, e essas estruturas interferem na capacidade de organização de lidar tanto com o cotidiano como também com imprevisibilidade dos problemas. As redes podem ser estudadas e divididas nos aspectos intra e interorganizacionais. (SANTOS, 2004, p.55).

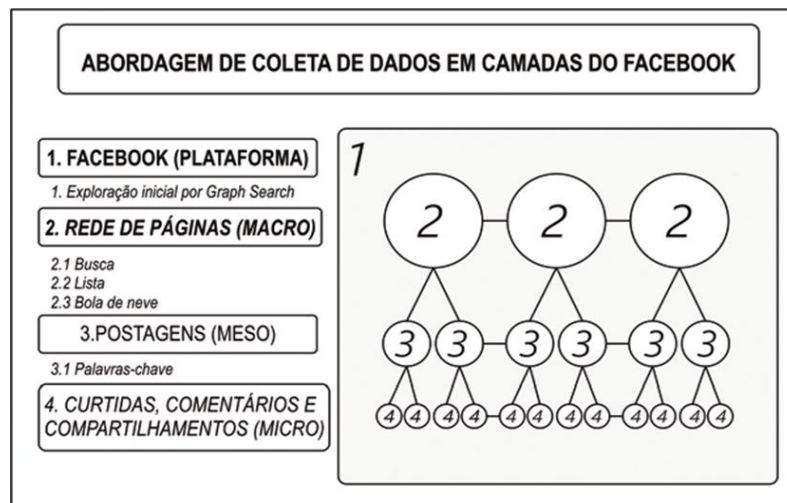
Para tal, em primeiro plano, utilizamos a análise do conteúdo do discurso do questionário/entrevista com os 10 (dez) participantes identificados/conectados pela técnica da “bola de neve”. Assim, seguindo os preceitos de Bardin (2011) que designa um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens e indicadores, nos permitiram inferir sobre os conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens (idem, p. 47).

Para a análise do conteúdo a autora prevê três fases fundamentais: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, seguido da inferência e interpretação. A pré-análise envolve a leitura “flutuante”, ou seja, um primeiro contato com os documentos submetidos à análise. Em seguida realizamos “a exploração do material”, na qual emergiram as unidades de codificação, ou seja, as categorias em razão de características comuns e classificação semântica agrupada pelo sentido das palavras expostas. Por fim, efetuamos o “tratamento dos resultados – a inferência e interpretação”. Nesse momento, com base nos resultados brutos, fomos além do conteúdo manifesto dos documentos, onde conteúdo latente foi ganhando sentido e significado.

Em relação ao *Facebook*, analisamos a construção de uma rede, a partir de curtidas de páginas de uma temática específica e em comum. Uma rede de curtidas de páginas forma uma rede direcionada entre páginas que curtiram outras. Com essa técnica, foi possível extrair diversas informações, tais como: *Ranking* das principais páginas do segmento, as mais influentes, utilizando diferentes métricas de análise de redes, e as de maior audiência, observando o número de fãs que as páginas possuem; *Ranking* das principais páginas de outros segmentos, com a rede. Para o *Instagram*, utilizamos o método perspectivista de rede que, segundo Malini (2016, p.1) “apresenta os conceitos de perspectiva topológica e perspectiva temporal nas análises de redes sociais, a partir da produção de mensagens escritas e imagens que os perfis fabricam em diferentes plataformas”.

Assim, foi possível identificar as páginas que mais que recebem interações do segmento estudado e encontrar referências de entretenimento (música, cinema, informacional/jornalístico, marcas, instituições, entre outros); Heurística para se encontrar os diferentes *clusters*/segmentos que formam uma temática específica e em comum. Nesse estudo, nos aproximamos mais da Heurística e figura 10 apresenta o modelo de organização da coleta de informações (SANTOS, 2016).

FIGURA 10: OS DIFERENTES NÍVEIS DE ARQUITETURA DE INFORMAÇÕES DO FACEBOOK



Fonte: Silva (2016).

A abordagem de coleta de dados, em camadas do *Facebook*, ocorreu da seguinte maneira: 1) explorar a plataforma, essa busca que nos permitiu passar para segunda fase; 2) encontrar um conjunto de páginas-referência, aquelas alinhadas com o nosso escopo de mapeamento e que nos permitiram elaborar a lista de coletivos. Em seguida, por meio da técnica da “bola de neve” estabelecemos as conexões, ou seja, para cada nova página foi possível descobrir outras e expandir o escopo do estudo; 3) finalmente, ampliar a extensão do universo de páginas, com a mediação das conexões entre as páginas referenciadas para extrair a rede no *Netvizz*, em cada uma dessas páginas as informações necessárias para, em seguida, inseri-las no *Gephi* que gerou o relatório de conexão/interação dos nós e laços.

A próxima etapa foi do alinhamento com a ARS que, do ponto de vista empírico, Nela utilizamos o *software InstagramScraper*²² que pareou os laços e nós, por meio das palavras/*hashtags* encontradas em comum nas redes sociais, as “bandeiras” que defendem a

²² É um script escrito em Python por Richard Cega para realizar a raspagem de dados do Instagram de maneira simples e prática. É possível baixar fotos, vídeos e até *stories*, a partir de *hashtags*, locais e/ou perfis específicos.

promoção da cultura, do diálogo e da valorização entre/da/do fortalecimento das periferias, da própria vida, da arte e troca de conhecimento para/com as comunidades. Ele não utiliza a *Application Programming Interface* (API) em inglês que é comumente traduzida para o português como **interface de programação de aplicativos**, mas sim técnicas de *web scraping* para fazer a coleta. Isso significa que ele fornece ao pesquisador como usuário, o acesso para que o *script* faça o trabalho automatizado pelo *Prompt* de Comando²³.

²³ Em sistemas operacionais Windows, o *Prompt* de comando é um programa que emula o campo de entrada em uma tela de interface de usuário baseada em texto com a interface gráfica do usuário (GUI) do Windows. Ele pode ser usado para executar comandos inseridos e realizar funções administrativas avançadas. O *Prompt* pode ser também usado para solucionar certos tipos de problemas do Windows. Disponível em: <https://www.dell.com/support/article/pt-br/sln265940/prompt-de-comando-o-que-%C3%A9-e-como-us%C3%A1-lo-em-um-sistema-dell?lang=pt>. Acesso em 06/12/2020.

CAPÍTULO IV

MAPEANDO E DESVELANDO “NÓS” E “ELOS” QUE CONECTAM OS JOVENS AOS SEUS COLETIVOS NO SFS

Neste capítulo, dedicado à análise, os objetivos do estudo e os principais elementos teóricos apoiam o processo de descrição e interpretação dos dados. Lembramos que, pela TSR, as relações sociais, enquanto uma ferramenta de análise dos relacionamentos entre pessoas enfatizam seus elos pessoais e entre as organizações do contexto em que se inserem (MITCHEL, 1969; BARNES, 1972; ELIAS, 1994; COLONOMOS, 1995; WAIZBORT, 1999; LOIOLA E MOURA, 1997; ACIOLI, 2007). No seu enlace com a TRS, as RS se encontram na cultura, nas instituições, nas práticas sociais, nas comunicações interpessoais e de massa e nos pensamentos individuais, nas famílias e nos grupos sociais de pertencimento (MOSCOVICI, 1961; 1978; 2015; JODELET, 2001; 1984; ABRIC, 1994; DOISE, 1992; SÁ, 2002; 1998; JOVICHELOVITC, 2008). Esse conjunto contempla o conceito de coletivos sociais, onde as multilinguagens inserem PSE consideradas “marginais periféricas” e representam a força de expressão da comunidade e o patrimônio cultural das periferias urbanas.

Do ponto de vista dos líderes e membros dos coletivos (discursos e palavras), mapeamos e descrevemos os coletivos de jovens, e analisamos a estrutura e características das redes sociais formadas pelos jovens que constituem os coletivos levando-se em consideração a origem da formação de redes de coletivos; os fatores de conexão/ligação da rede. Em seguida, apreendemos o conteúdo das redes e práticas sociais desenvolvidas nos diversos espaços educativos do SFS, a promoção e localização de Práticas socieducativas; a finalidade e forma como elas se desenvolvem.

Seguindo nossa forma de conceber a análise e descrição dos dados colhidos, e discussão dos resultados em diferentes fontes (questionário/entrevista estruturada, utilização da abordagem em camadas no *Facebook e Instagram*) são apresentadas em duas partes: a primeira analisa, interpreta e descreve a ampliação do mapeamento, o processo formativo dos coletivos e as Práticas socieducativas de jovens do SFS; a segunda analisa as características e a estrutura das redes sociais formadas pelos jovens que constituem esses coletivos.

4.1. Mapeamento e processo formativo dos coletivos de jovens do SFS

A pesquisa realizada por meio de entrevistas estruturadas iniciou-se junto aos líderes dos coletivos, em 9 de julho de 2020, por meio do celular/*watsapp* e email. A finalidade foi evocar e materializar a fala do total de 10 (dez) participantes sobre: nome do coletivo, seus representantes, quando e onde o coletivo se formou, sua localização e lugares em que atuam. Lembramos que, se levando em consideração aquele estudo no CCP, nós encontramos 10 (dez) coletivos. Após a análise abordagem em camadas no *Facebook*, de acordo com a metodologia citada anteriormente, conseguimos ampliar de 10 (dez) para 30 (trinta) coletivos distribuídos em vários bairros do SFS (Quadro 2).

QUADRO 2 - MAPEAMENTO AMPLIADO DOS COLETIVOS DE JOVENS E MULTILINGUAGENS NO SFS

Nº	Coletivo	Localização	Multilinguagens	Nº. Participantes
01	New Black (swing baiano)	Plataforma	Dança	15
02	Ns Crew (break)	Plataforma	Dança	09
03	Real gang´z (break)	Plataforma	Dança	15
04	Crew Hot Break (break)	Plataforma	Dança	05
05	Reforma Cia de Dança	Plataforma	Dança	06
06	Salt Jazz (Stillete) –	Plataforma	Dança/Performance	16
07	Herdeiros de Angola	Plataforma	Dança/Teatro	45
08	Conect Dance	Plataforma	Dança	15
09	Projeto Sim	Plataforma	Teatro	30
10	Star Black	Plataforma	Teatro	06
11	Dudu Odara	Plataforma	Teatro	10
12	Esquadrão	Plataforma	Teatro	05
13	Teatril	Plataforma	Teatro	08
14	Jovens Perifericos	Plataforma	Teatro	35
15	Club da lulu	Plataforma	Teatro	11
16	A Rua	Plataforma	Teatro	03
17	Cumming	Plataforma	Teatro	16
18	FCP Company	Plataforma	Teatro	16
19	Cutucar	Periperi	Teatro	33
20	Ruasia	Plataforma	Teatro	100
21	Coletivo Incomode	Paripe	Teatro	23
22	Produtore do Subúrbio	Alto do Cabrito	Teatro	15
23	MCPS	Lobato	Teatro	06
24	Centro Cultural Mamulengo	São T. de Paripe	Teatro	04
25	Jovens Periféricos	Fazenda Coutos	Teatro	07
26	Fous Modas Produções	Plataforma	Teatro	09
27	Marias Suburbanas	Plataforma	Teatro	13
28	Coletivo Cabeça	Paripe	Teatro	14
29	Sarau do Cabrito	Alto do Cabrito	Teatro	12
30	Os Encralcados	Plataforma	Teatro	10
				512

Fonte: Pesquisa (2020).

Os resultados apontam um total de 30 (trinta) coletivos, sendo ampliado nesse quadro com 11 (onze) a mais que aquele da primeira pesquisa. Numa análise mais aprofundada do conteúdo do discurso, da entrevista e das camadas no *Facebook*, conseguimos agrupar as seguintes categorias: número de coletivos, por período de criação, localização, número de participantes e suas ações educativas. O quadro 3 detalha:

QUADRO 3-DISTRIBUIÇÃO DOS COLETIVOS: LOCALIZAÇÃO, NÚMERO DE PARTICIPANTES E AÇÕES EDUCATIVAS

Nº de Coletivos	Período de Criação	Localização.	Nº de Participantes	Ações Educativas
01	2018 a 2020	Lobato	06	Teatro
02	2018 a 2020	Alto do Cabrito	27	Teatro
01	2018 a 2020	Fazenda Coutos	07	Teatro
01	2016 a 2020	Periperi	33	Teatro
02	2016 a 2020	Paripe	37	Linguagens artísticas como a fotografia, literatura e performances.
01	2016 a 2020	São T. Paripe	04	Teatro
22	2014 a 2020	Plataforma	398	Linguagens artísticas como a fotografia, literatura e performances; Dança.
30			512	

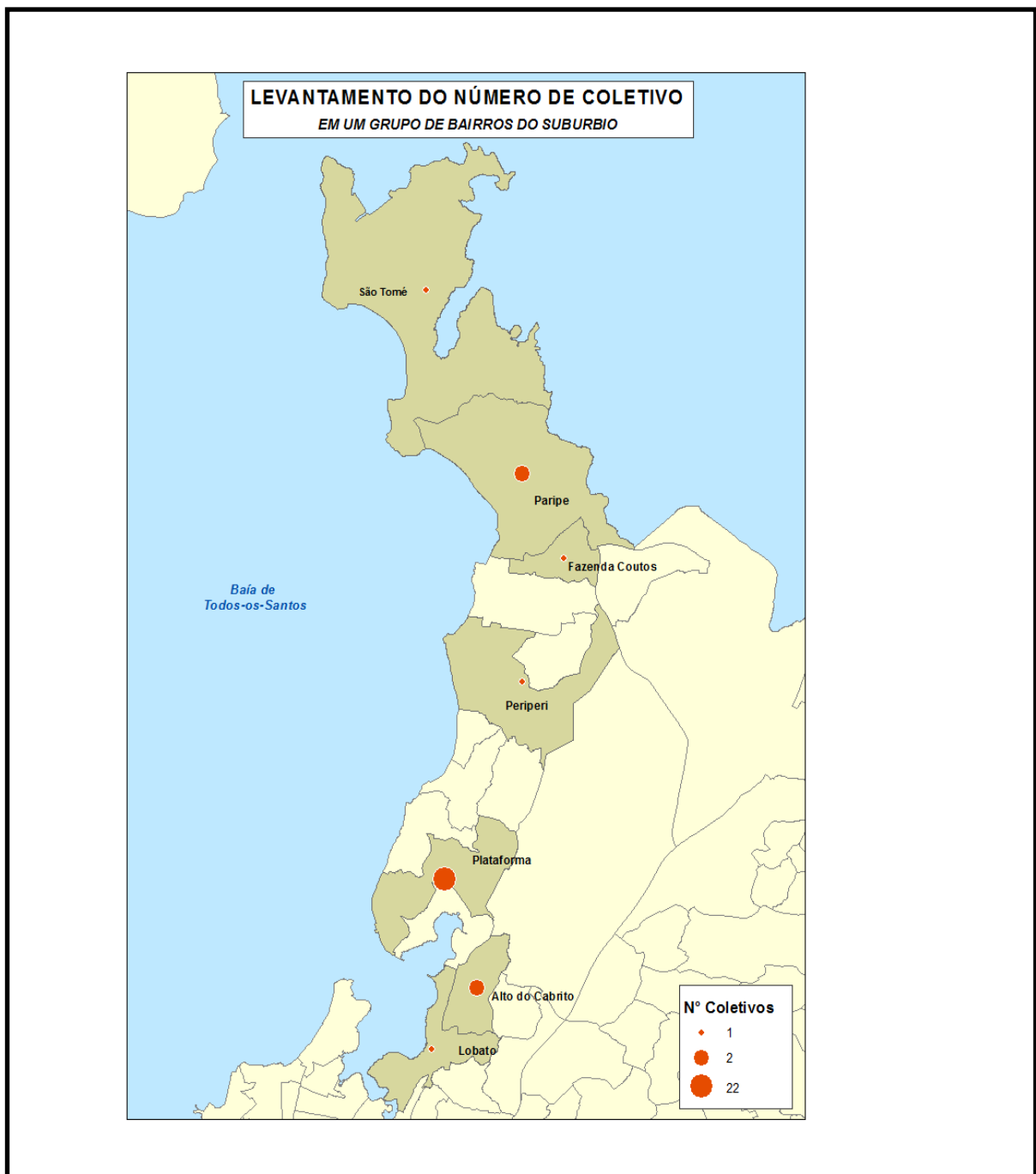
Fonte: Pesquisa (2020).

Os coletivos mapeados se formaram entre o período de 2014 a 2018, onde aqueles com o maior número de integrantes se localizam nos Bairros do Subúrbio de Plataforma (398), seguido por Paripe (37), Periperi (33) e Alto do Cabrito (27). Aqueles com os menores números se localizam respectivamente nos bairros do Lobato (06), Coutos (07) e São Tomé de Paripe (04) e praticam ações educativas que se inserem nas multilinguagens, tais como: teatro, dança, linguagens artísticas como a fotografia, literatura e performances.

Pelas análises do conteúdo das respostas dos informantes e dados do *Facebook*, constatamos que o processo de formação da maioria dos grupos, que se interagem, se estabelece pela inquietação dos participantes em produzir arte educação com os moradores das comunidades, numa perspectiva de fazer algo que evidenciasse a periferia. Nesse processo, a rede se amplia na medida em que um ator social, ou mais, foi se apresentando e convidando outro e nessa oportunidade outros atores foram organizando seus próprios grupos. Por unanimidade os objetivos da formação desses coletivos gravitam em torno de contribuir com o fortalecimento da identidade cultural, social e educativa, integrar a comunidade, educar e fazer com que a periferia e os jovens sejam vistos de outra forma, sem preconceitos.

Dos 30 (trinta) coletivos informados, mapeados e formados, 22 (vinte e dois) que se localizam em Plataforma são os mais antigos, com uma média de seis anos de existência, 04 (quatro) com uma média de quatro anos estão localizados em Periperi, Paripe e São Tomé de Paripe e, finalmente, 04 (quatro) com uma média de dois anos estão localizados nos bairros de Lobato, Alto do Cabrito e Fazenda Coutos (Mapa 1).

MAPA 1- MAPA DE LOCALIZAÇÃO DOS COLETIVOS DE JOVENS NO SFS



Fonte: Elaboração do estatístico Evaldo Simões (2020).

Em síntese, dos 15 bairros que constituem o SFS, a leitura interpretativa dos dados informados pelos participantes indica que os coletivos com maior número de jovens se localizam nos bairros mais populosos, dentre eles: Paripe (55 mil hab.), Periperi (47 mil hab.) e Plataforma (34 mil hab.). Assim, podemos inferir que mesmo com o menor de habitantes, em relação aos outros bairros, a convivência com os jovens se estabelecem a partir dos residentes no CCP e, em seguida, as relações deles se estabelecem com outras territorialidades.

4.2. Características e estrutura das redes sociais formadas pelos coletivos de jovens no SFS

Nessa etapa do estudo, os mesmos líderes foram solicitados a responder se eles conheciam outro coletivo ou outros. Em caso de respostas positivas, eles deveriam dizer como conheceram, se mantêm conexão (articulação) com esse (s) coletivo (s) e o que conecta o seu coletivo ao (s) outro (s). As respostas transcritas e analisadas, segundo o método de Bardin (2011), geraram o quadro 4.

QUADRO 4-CARACTERÍSTICAS E ESTRUTURA E DAS REDES SOCIAIS DE JOVENS DOS COLETIVOS NO SFS

Coletivo (M)	Localização (M)	Lugar(es) de atuação	C/Conexão (OFR)	Localização do/s Grupos	Fatores da Conexão (FCR)
Ruasia (100)	Plataforma	Plataforma Paripe	Herdeiros de Angola Projeto Sim Cutucar	Plataforma Paripe	IG; S; AAE
Herdeiros de Angola (45)	Plataforma	Plataforma	Os Encralcados Moveer Dancer Projeto Sim	Plataforma	IG; S; AAE
Cutucar (33)	Paripe	Paripe Fazenda Coutos Plataforma.	Mobunjá Coletivo Incomode Os Encralcados A Rua	Fazenda Coutos Paripe Plataforma	IG; S; AAE
Projeto Sim (30)	Plataforma	Plataforma	Herdeiros de Angola	Plataforma	IG; S; AAE
Coletivo Incomode (23)	Paripe	Paripe Plataforma	Cutucar	Paripe	IG; S; AAE
Produtores do Subúrbio (15)	Alto do Cabrito	Alto do Cabrito	Sarau do Cabrito	Alto do Cabrito	IG; S
Sarau do Cabrito (12)	Alto do Cabrito	Alto do Cabrito	Produtores do Subúrbio	Alto do Cabrito	IG; S
Os Encralcados (10)	Plataforma	Paripe Fazenda Coutos	Coletivo Cutucar Mobunjá	Paripe Fazenda Coutos	IG; S; AAE
Grupo Esquadrão (5)	Plataforma	Plataforma	Moveer Dancer	Plataforma	IG; S
A Rua (3)	Plataforma	Periperi	Cutucar	Periperi	IG; S

Fonte: Pesquisa (2020).

Legenda: IG (identidade de grupo); S (Solidariedade); AAE (Atividade de arte e educação).

Considerando a características e estrutura de redes sociais de jovens dos coletivos do SFS e de acordo com o quadro 4, é possível afirmar que dos 10 (nove) coletivos, cujos líderes compuseram a primeira amostra, correspondem a 33,3% do total e abrigam 53,9% da população total, ou seja 276 (duzentos e setenta e seis) jovens.

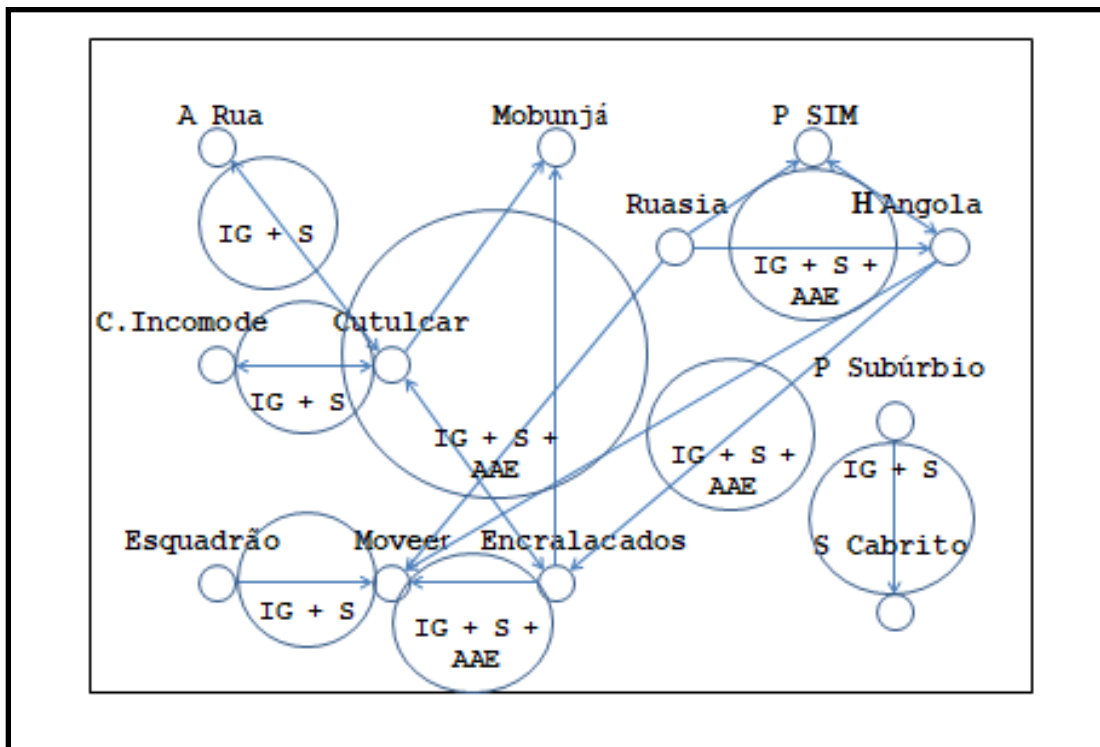
Os dados também revelam que, para além do seu local de origem, esses coletivos atuam em outros bairros do subúrbio, principalmente em Paripe e Plataforma. A partir dessas características, podemos inferir que esses coletivos se estruturam a partir dos atores sociais que formam grupos e subgrupos que se conectam por fatores comuns, seja pela identidade de grupo, pela solidariedade ou pelas atividades de educação e arte que compõem as multilinguagens, redes sociais construídas por eles, de sua condição juvenil e sua realidade social.

Pela análise processual, a partir dos elementos cognitivos e sociais da objetivação e ancoragem na TRS, foi possível perceber que os saberes construídos por esses jovens e corroboram com o pensamento de Jodelet (2001) e Moscovici (1978) quando afirmam que esses saberes designam um fenômeno de produção dinâmica, cotidiana e informal do conhecimento inerente à compreensão material e ideal desses coletivos. Para além, eles emergem desses coletivos pelas diferenças próprias das singularidades humanas de cada jovem, formando as pluralidades que expressam os seus modos de vida e são a base para suas condutas e suas ações educativas, traduzidas como práticas sociais.

Para além, esse desvelamento nos mostra que as suas redes sociais são constructos das RS construídas pelos jovens de um ou mais grupos sociais (coletivos) que se materializam nas multilinguagens traduzidas como praticas socioeducativas, nas diferentes formas de resistência cultural, econômica, identitária, social, política desses jovens.

O complemento foi feito pela análise estrutural de redes sociais, considerando aqueles critérios utilizados por Lago Júnior (2005): identificação dos atores sociais (como um nó), bem como suas ligações, ou representações gráficas de linhas que conectam os pontos (atores), subgrupos de atores (posição hierárquica), localização, afinidade e perfil²⁴. Assim, os dados analisados e interpretados no quadro 4 foram trabalhados no *software word*, nas ferramentas *Poewrpoint* e *Paint* e chegamos a figura 11.

FIGURA 11-ESTRUTURA DE REDES SOCIAIS DOS COLETIVOS DE JOVENS DO SFS



Fonte: Pesquisa (2020).

Nesse arranjo estrutural, representado na figura, podemos identificar um grande grupo formado pelo Coletivo **Cutucar** (33), não pela sua densidade populacional, mas sim pela sua primeira posição hierárquica e pela capacidade de atrair e de se articular com outros grupos menores. Assim, esse coletivo estabelece conexão com três subgrupos que são formados numa segunda ordem hierárquica de maior para menor atração de conectividade: **Os Encralacados** (10), **Incomode** (23), **Rua** (03) e **Mobunjá**, sendo os três primeiros

²⁴ [...]”configurado para ser mais uma rede de seguidores e seguidos do que uma consciência individual, operando assim uma antropologia cujo sujeito se constitui como uma “pessoa plana”, se arranjando lado a lado com outras pessoas, formando assim processos onde estão “pessoas dentro de pessoas” (VIVEIROS DE CASTRO, 2007, p.102).

localizados em Plataforma e o último em Fazenda Coutos. Ainda é possível observar que, nessa mesma ordem hierárquica, se revelam os Coletivos: **Ruasias** (100), **Herdeiros de Angola** (45), **Projeto Sim** (30), **Encralacados** (10) e **Moveer Dance** todos localizados em Plataforma, onde existe um Centro Cultural que permite aos jovens o exercício de suas PSE. Encontramos, ainda, como grupos isolados e que se conectam entre si, como: **Produtores do Subúrbio** (15) e **Sarau do Cabrito** (12). Estes localizados no Bairro do Alto se conectam entre si.

O Coletivo **Esquadrão** (05), de Plataforma, por afinidade se conecta com o **Moveer Dance**.²⁵ Vale salientar que nessa representação da estrutura de redes sociais, 11 (onze) coletivos aparecem, os dois a mais não foram entrevistados, apenas citados pela técnica da “bola de neve”. Portanto, sem considerar o espaço virtual, podemos afirmar pela localização que existe uma coesão entre os atores nessas redes sociais.

Considerando as ligações entre os atores, que se constituem em “nós”, podemos afirmar que no **Coletivo Cutucar** os seus 33 (trinta e três) atores sociais estabelecem conexões com 36 (trinta e seis) outros ou mais, **Herdeiros de Angola** com 45 (quarenta e cinco) atores jovens que se conectam com 40 (quarenta) ou mais, do **Projeto Sim** e dos **Encralacados**.

Os resultados apontam que dos 30 (trinta) coletivos que correspondem a nossa amostra ampliada, 276 (duzentos e setenta e seis) jovens ou 53,9% deles se conectam entre si. Isso nos permite afirmar, segundo Lago Júnior (2005), que pela quantidade de conexões existentes e o número de atores conectados, as redes sociais dos coletivos de jovens do SFS são extensas e densas em potencial. Isso significa que o fluxo e troca de informações são intensos nessas redes sociais.

4.2.1. Navegando sobre a Plataforma do *Instagram* em busca de “nós” e “elos” das redes sociais dos coletivos de jovens do SFS

Lembramos, mais uma vez, que utilizamos o *Instagram* como plataforma de mídia para complementar o *corpus* de análise das características e da estrutura das redes sociais formadas pelos coletivos de jovens no SFS. Os dados que foram colhidos pelo *InstagramScraper*, repetimos: pareando os laços e “nós” que os inteirava, por meio das

²⁵ Não obtivemos o número de jovens para esse coletivo.

palavras/*hashtags* encontradas em comum nas redes sociais, principalmente entre as “bandeiras” que eles defendem na sua comunidade. Em seguida esses dados foram tratados pelo *software Gephi* e nos forneceram o maior número de coletivos de jovens que se conectavam entre si, dentro do recorte das multilinguagens.

Depois do tratamento e da preparação dos dados, foi realizado o processo final de análise e visualização das redes. De forma mais clara, quando utilizado o *Instagram*, extraiu-se os dados por meio do *InstagramScraper*, do *scrap* que se conecta à essa rede social de mídia. Para mapear os coletivos, buscamos uma *hashtags*, criadas nos posts e nas redes de relações entre elas, ou seja, analisamos a Co-presença delas no mesmo post e suas conexões.

Esse método foi primordial para se analisar a estrutura e características das redes sociais formadas pelos jovens que constituem os coletivos, baseada na TSR com as Mitchel (1969); Barnes (1972); Elias (1994); Colonomos (1995); Waizbort (1999); Loiola e Moura (1997); Acioli (2007) e na análise de redes sociais de Lago Júnior (2005).

Dessa forma, após a coleta das informações, como mencionado anteriormente foram encontrados 30 (trinta) coletivos de jovens, *in lócus* e nas redes sociais. Os dados processados em *grafo*, pelo *Software Gephi*, versão 0.9, serviram para entender, por meio de conhecimentos técnicos, a topologia dessa rede colaborativa, formada por rede/grafo; “nós”/vértices; laços/arestas; redes direcionadas e não direcionadas; métricas; estado de natureza sem nenhum formato de rede.

Breve, esses conceitos são semelhantes aos apresentados na análise anterior, entretanto eles carregam uma abordagem técnica, no intuito de trazer mais complementaridade para o *corpus* do estudo. Portanto, as conexões ou perfis do *Instagram/ hashtag*, as relações dentro de uma rede consideradas direcionadas, ou seja, de um ator para outro, as arestas que são os sites ou blogs e representam as conexões feitas pelo aquele conjunto de nós, nesse caso as interações com uma rede não-direcionada, e as métricas que se relacionam aos nós, laços e redes (densidade, modularidade e diâmetro). Elas podem indicar que a informação precisa transitar para chegar a todos os atores que compõem aquela rede. Quanto menor o diâmetro, com maior facilidade circulará a informação (RECUERO, 2017).

Cabe salientar que nessa análise complementar de redes sociais, destacamos os coletivos Cutucar, Grupo Cabeça, MCPS e Produtores do Subúrbio. No processo, eles foram captados pela *Plataforma Instagram* e alimentadas pelo *software* que nos forneceram informações em potencial. Desta forma, começamos apresentando os nós, laços, arestas e logo depois, os coletivos que nos forneceram mais dados para a formação da rede até chegar a visão geral, em grafo, das palavras que os conectam.

Como resultado, o primeiro grafo que denominamos de Estado de Natureza, se apresenta sem nenhum formato de rede, apenas com “nós”, “elos” e “arestas” (Figura 12).

FIGURA 12-ESTADO DE NATUREZA SEM NENHUM FORMATO DE REDE

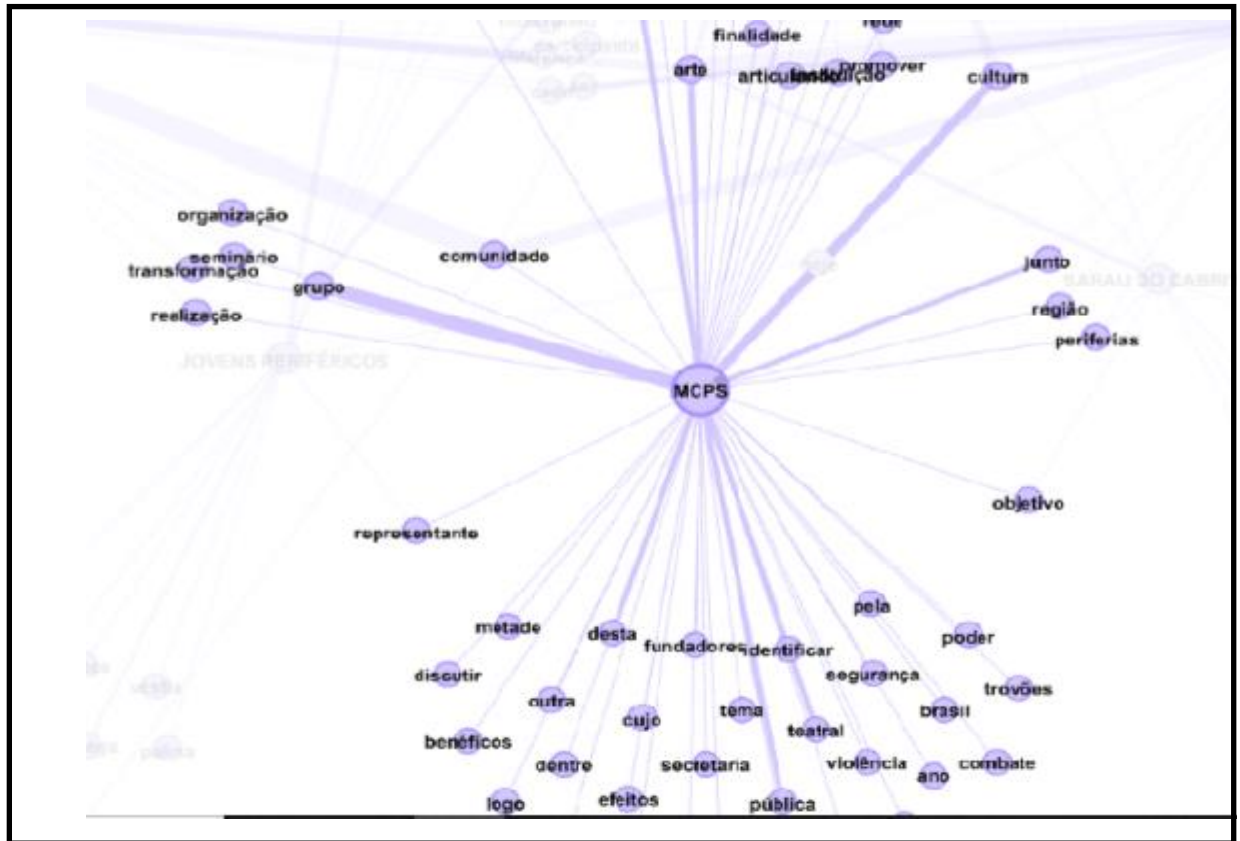


Fonte: Elaboração da autora (2020).

A ilustração apresentada na figura, fornecida pelo relatório geral, mantém as variáveis dentro da base de dados com 96 nós e 119 laços que integraram a nossa rede. Segundo Lago Júnior (2005), mesmo sem apresentar formato de redes, mas o grafo nos remete a inferir que nas redes de coletivos de jovens existe uma extensa e densa conexão tecidas por fios e malhas que explicam o grande fluxo de informações.

pela produção do conhecimento. Breve, não é a rede final que explica uma mobilização social, mas a sua constituição no tempo.

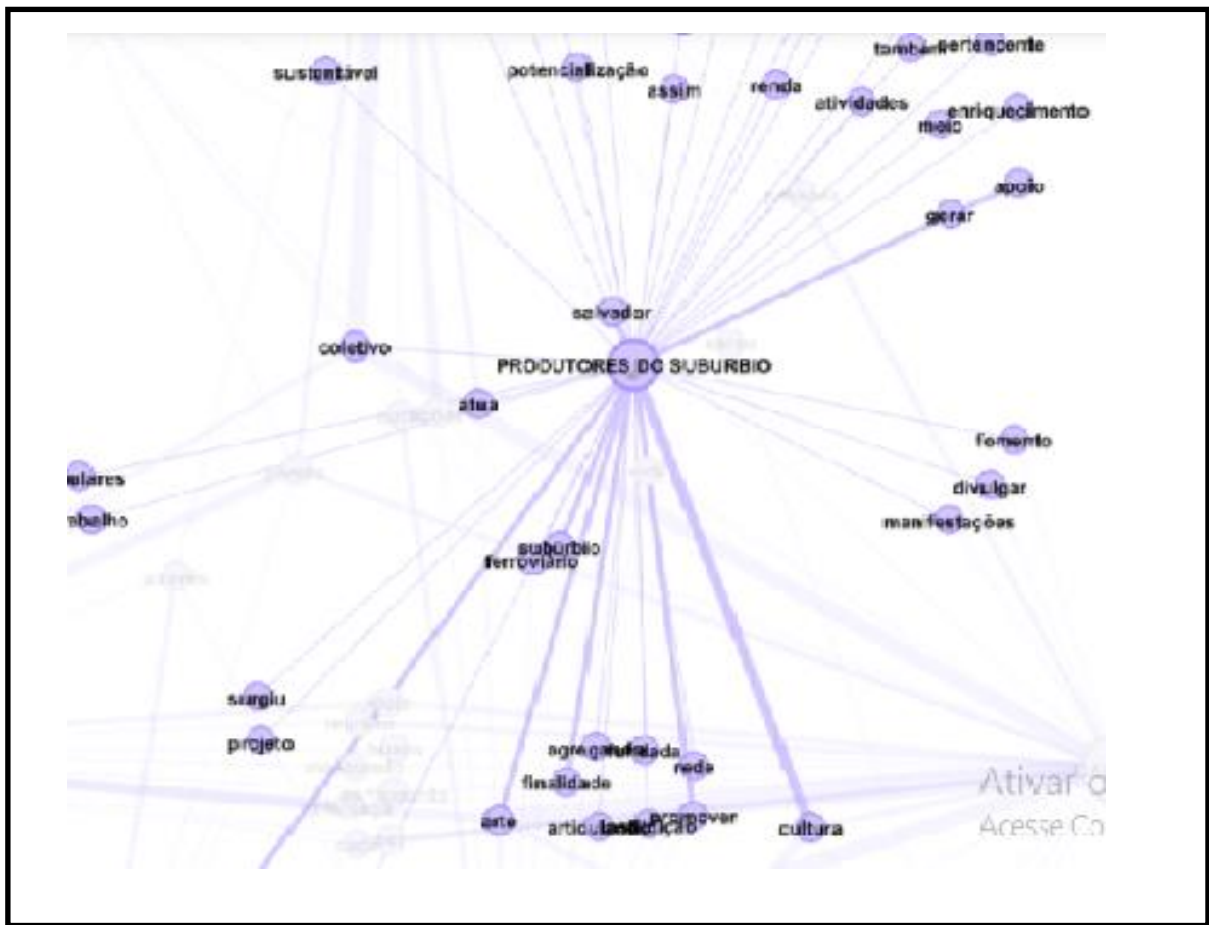
FIGURA 15 - PERSPECTIVAS TOPOLÓGICAS E TEMPORAIS PARA O COLETIVO MCPS



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Já nesse grafo 15, é interessante notar que os registros contendo as perspectivas topológicas do coletivo MCPS apontam para conexões semelhantes com os grupos anteriores, pelas *hashtag*#: grupo, **cultura**, **arte**, teatral, pública, **juntos** e **comunidade**. Porém, o destaque aqui está para a centralidade topológica no grupo e na cultura e não nos atores sociais. Por isso que Latour et all. (2015, p.9) lembra: “quanto mais você deseja localizar com precisão de um ator, mais você tem que posicionar sua rede de atores”. Essa posição da rede em detrimento ao ator social nos leva a compreender a perspectiva temporal que apresenta interações mais acumuladas do ponto de vista do grupo juntos numa cena teatral pública.

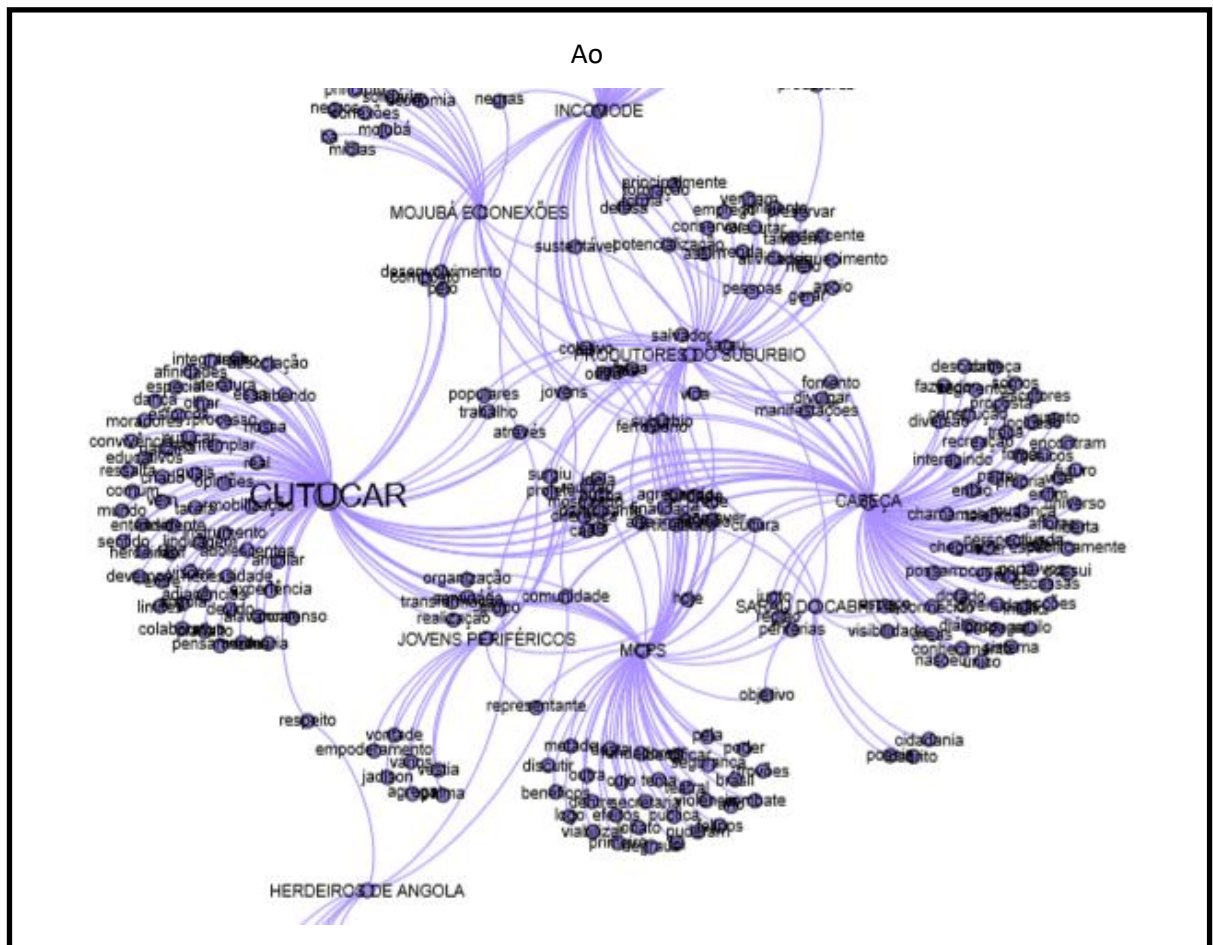
FIGURA 16 - PERSPECTIVAS TOPOLÓGICAS E TEMPORAIS PARA O COLETIVO PRODUTORES DO SUBÚRBIO



Finalizando a análise por coletivo, a figura 16 apresenta uma rede de vocábulos pelo Coletivo Produtores do Subúrbio que centra em *hashtag#*, ligadas aos conceitos socioculturais como: Cultura, gerar, apoio, arte e potencialização. Estes resultados posicionam o grupo, na perspectiva topológica, no campo solidariedade no subúrbio ferroviário pela geração (gerar) do apoio. Contudo há um aumento da temperatura vocabular no que tange os termos **Cultura**, **arte**, **potencialização** que determinam a perspectiva temporal. Essa é marcada pelo período recente, de dois anos, de formação desse coletivo, conectados apenas com o Sarau do Cabrito com práticas socioeducativas que fortaleçam a identidade de grupo e a solidariedade como forma apoio para potencializar a cultura e a arte no SFS.

Vale, agora, apresentaremos uma análise geral das redes desses coletivos, abordando conceito, posição e dinâmica de formação em redes dos coletivos .

FIGURA 17- CONCEITO, POSIÇÃO E DINÂMICAS DE FORMAÇÃO E ORGANIZAÇÃO EM REDES SOCIAIS DOS COLETIVOS



Fonte: Elaboração da autora (2020).

Nossa análise de rede social de coletivos de jovens do SFS, representada na figura 17, demonstra dentro da topologia no grafo a formação de três perspectivas homogêneas e antagônicas que explicam dinâmicas, de poder hierárquico dos grupos, totalmente distintas. Nesta diferentes perspectivas topológicas, a representação no grafo aponta para a posição diametralmente oposta de cada coletivo e explicita também as distâncias entre os perfis-membros. Ou seja, três perspectivas aglutinam a hegemonia da narrativa **arte junto à comunidade**: Cutucar, Cabeça e MCPS. Enquanto Herdeiros de Angola, Jovens Periféricos e Produtores do Subúrbio apresentam perspectivas antagônicas que fazem com que eles se distanciem nos seus perfis. Esses resultados apontam e corroboram com aqueles das análises anteriores, processual e estrutural, quando demonstrou que posição hierárquica do Coletivo Cutucar é bem superior dos outros grupos.

Entretanto, numa primeira mirada, a relação de assimetria de poder entre seus integrantes nos ajuda a entender o porquê de haver coletivos com emaranhados interativos das redes que não se tocam, por exemplo: Cutucar, Cabeça e MCPS em relação ao Coletivo Jovens Periféricos. Mas, se distinguem pela posição (no espaço-tempo) que ocupam em relação às partes do todo, ou seja, o potencial de repulsão e de atração que esses emaranhados possuem entre si, e pelo ponto de vista que eles são construídos, em contraposição a repulsa aos outros que constituem na mesma rede.

Esses resultados são explicados pelos estudos de Malini (2016), quando ele nos alerta sobre visualização das interações globalizante em rede, pois esta pode criar a falsa concepção que todos numa rede estão no mesmo espaço e tempo, com o mesmo propósito e com mesmo poder de difusão e de mobilização.

Breve, os resultados revelam que a vida cotidiana funciona como um cenário para essas ligações de si com os outros na construção de suas relações psicossociais onde de forma ambivalente, partilham significados nas relações de afeto e conflitos. Essa diversidade de conexões e elos demonstram que a pluralidade cultural está presente não apenas em um determinado espaço, mas com características tão peculiares que a transformam num universo tão rico.

CAPÍTULO V

REDES SOCIAIS DE COLETIVOS DE JOVENS E PROMOÇÃO DE PRÁTICAS SOCIEDUCATIVAS NAS PERIFERIAS URBANAS

Este último capítulo é dedicado à discussão dos resultados e da relevância de se levar em conta as redes sociais de coletivos de jovens e a promoção de Educação em Periferias Urbanas nas Periferias Urbanas.

Para tanto, tendo em vista que eles foram apresentados no capítulo anterior, faremos uma revisão dos mesmos em breves lembretes, destacando os elementos que contribuem para o debate em torno da formação da formação e articulação das redes sociais que os jovens desenvolvem nos seus coletivos e sua relação com a promoção de Educação em Periferias Urbanas nas Periferias Urbanas do SFS.

Duas preocupações guiam este capítulo. A primeira destaca os elementos do conteúdo da formação dessas redes que são mais significativos para a promoção das Práticas socioeducativas. A segunda preocupação busca mostrar como a utilização desses elementos pode contribuir para avançar na construção do conceito de Práticas socioeducativas nas urbanas.

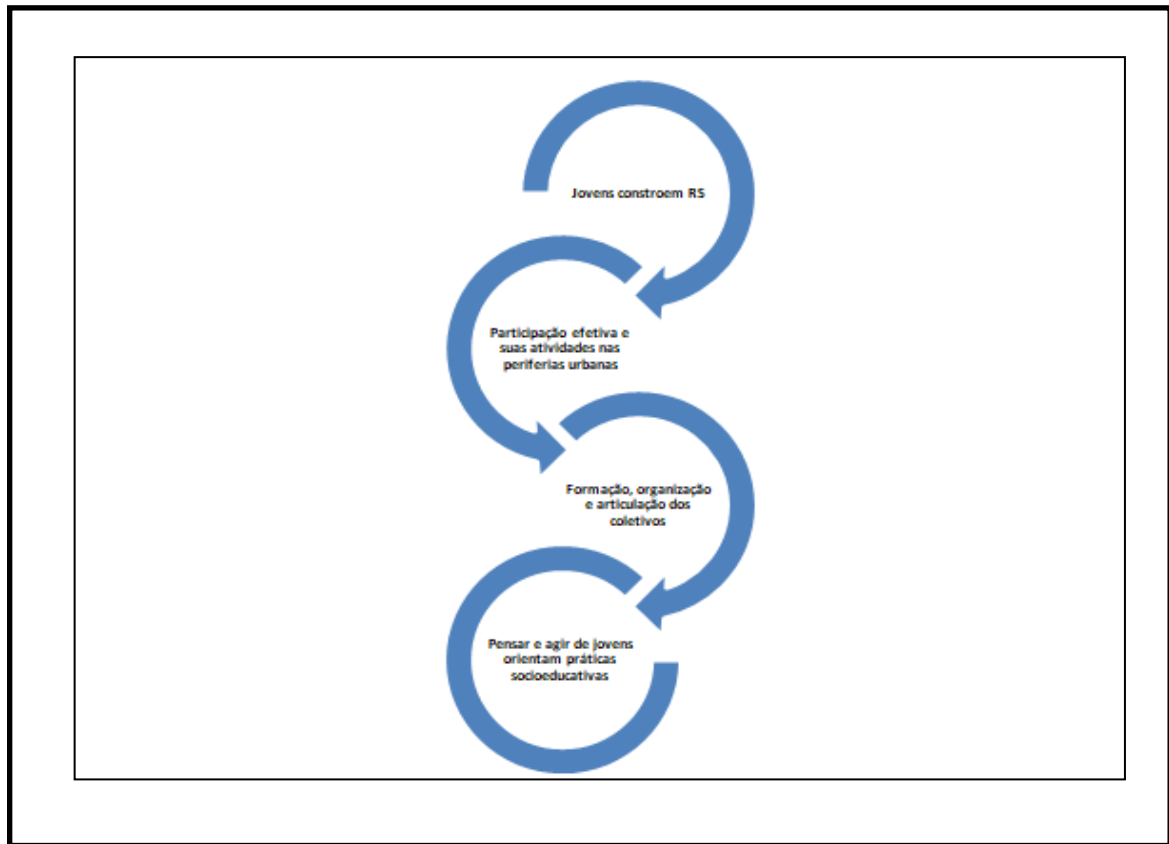
Mas antes de abordar a discussão e a relevância dos resultados, lembremos que este estudo utilizou os depoimentos dos líderes dos coletivos para ampliar o mapeamento dos coletivos de jovens, analisar as características, estrutura e o processo de formação de suas redes sociais e apreender as práticas sociais desenvolvidas nos espaços educativos. Assim, consideramos que esse conteúdo possui elementos afetivos e cognitivos, agregados aos outros resultados, obtidos por outras fontes de informações, que podem contribuir para o avanço da construção dos conceitos de Práticas socioeducativas para o desenvolvimento da Educação em Periferias Urbanas.

5.1. Elementos significativos da formação de redes para promoção das PSE

Os depoimentos carregados de significados dos coletivos do SFS nos permitiram trazer à tona os elementos da narrativa das performances. Este conteúdo é constituído por um conjunto de elementos simbólicos que revelaram podem revelar imagens que identificam os

jovens, seus atos e suas conexões transversalizadas de saberes capazes de fortalecer identidades e orientar PSE.

FIGURA 18 – REPRESENTAÇÃO DA FORMAÇÃO DE REDES SOCIAIS E PROMOÇÃO DE PSE NAS PU



Fonte: Elaboração da autora (2020).

Pela representação acima, os elementos destacam, também que pelo processo, quando pela objetivação e ancoragem os **jovens constroem RS** que orientam o mundo material, social e ideal de seus coletivos nas suas comunidades (MOSCOVICI, 2015; JODELET, 2001).

Por conseguinte, essas práticas exercidas nos espaços de pertencimento podem contribuir com o fortalecimento de memórias e identidades locais. Como afirma Hall (2006), não podemos falar de identidade sem falar em alteridade. Significa dizer que o conteúdo e o processo de construção de RS revelaram a promoção das redes sociais que nos permitem entender, dentro do discurso, relações ambivalentes de conflitos e afetividade, identitárias e de pertencimentos.

Este conteúdo e processo colocam em relevo sua participação efetiva e suas atividades nas periferias urbanas que nos permitem entender como se articulam as relações entre os atores sociais e outras territorialidades. De forma mais clara, o processo de formação dos coletivos de jovens se estabelece e se amplia pela inquietação dos seus participantes em promover arte e educação como PSE capazes de visibilizar a si e sua comunidade.

Dialogando esses elementos com aqueles pensados Barnes (1972) e Mitchel (1969), Elias (1994); Waizbort Colonos (1995) (1999), podemos afirmar que existe uma relação entre o jovem e a comunidade na perspectiva de entender o social, o todo, como processo. Isso significa dizer que esses jovens são membros da sociedade, logo eles são parte dela e se inserem nos grupos sociais ligados entre si por laços sociais que se estabelecem dentro do princípio da ambivalência.

Corroborando com as análises e resultados de Lago Júnior (2005) e Acioli (2007), particularmente, pelas características e estrutura das redes sociais de jovens nos coletivos das periferias urbanas, podemos explicar as formas de organização e articulação destes coletivos e a promoção de suas PSE nos territórios de exclusão social. Ou seja, a partir de grupos centrais, existem uma extensa e uma densa conexão tecidas por imagens de fios e malhas que explicam o grande fluxo de informações e, conseqüentemente, a potencialidade de suas PSE. Contrariando as ideias Loiola e Moura (1997), nesse caso, os grupos centrais são a fonte geradora da rede social.

Breve, a apreensão do seu conteúdo e compreensão do processo de construção de RS na análise da formação de redes sociais dos coletivos de jovens do SFS foi feita. Agora nos resta mostrar como a utilização desses elementos pode contribuir para avançar na construção do conceito de Práticas socioeducativas nas Periferias urbanas.

5.2. Contribuição do estudo para o avanço do conceito de Práticas socioeducativas nas Periferias urbanas

Em geral, Bisinoto, Cynthia; Oliva, Olga Brigitte *et al* (2015) afirmam que os marcos legais e políticos utilizam termos como “atendimento socioeducativo”, “ação socioeducativa”, “práticas de socioeducação”, “política socioeducativa”, entre outros. Nesse sentido, Branco (2006) sugere novas perspectivas de estudo para o avanço de elaborações teóricas e o desenvolvimento de práticas culturais e socioeducativas que venham a contribuir para as necessárias transformações sociais, muito especialmente o desenvolvimento de elaborações e práticas que tenham por objetivo a construção de uma cultura de paz.

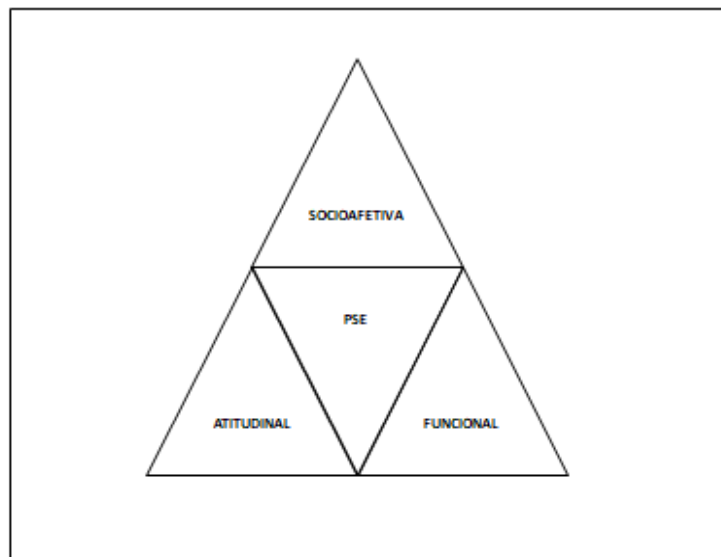
É nessa perspectiva que esse estudo ganha relevância, pois existe pouca reflexão teórica sobre a socioeducação e as PSE, tampouco aqueles que abordem a relação destas práticas com a formação de redes sociais de coletivos de jovens nas periferias urbanas. Com base nos resultados desse estudo, os jovens de periferias urbanas, por meio de suas

representações sociais construídas orientam o mundo material, social e ideal de seus coletivos nas suas comunidades.

Os estudos de Bomfim (2004; 2006) se aproximam do nosso, quando têm demonstrado que os jovens constroem RS e, por um lado, essas têm orientado a análise e interpretação do espaço geográfico. Por outro lado, elas têm permitido a esses jovens, como atores sociogeográficos, pensar e agir como ator social no espaço cotidiano. Considerando a temática educação, representações, jovens e espaços vividos, Bomfim (2017) e Santos (2017) buscam o pensar e agir de jovens como forma de contribuir para orientação de PSE.

Pelo exposto, os resultados dessa tese apontam para a participação do jovem no caminho do conhecimento, sintonizado numa perspectiva mais ampla e implicado com a sua realidade social. Assim, é possível afirmar que os jovens de periferias urbanas têm uma participação efetiva na sua comunidade e suas PSE nos permitem entender como se articulam as relações entre os eles e outras territorialidades de exclusão social, em três dimensões: socioeducativa, atitudinal e funcional (Figura 19).

FIGURA 19-REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DAS DIMENSÕES DAS PSE



Fonte: Elaboração da autora (2020)

A **socioafetiva**, onde as Práticas sócioeducativas são entendidas como aquelas que engendram e são engendradas por valores concebidos como crenças impregnadas de afeto e significação social e subjetiva. Neste sentido, os jovens são membros da sociedade, logo eles

são parte dela e se inserem nos grupos sociais ligados entre si por laços sociais que se estabelecem dentro do princípio da ambivalência. Assim eles se organizam e se articulam em coletivos e em redes sociais para a promoção de suas Práticas socioeducativas em espaços educativos não formais considerados espaços sociais.

A **dimensão atitudinal**, onde elas podem ser conceituadas como atos de investimentos, desses jovens, traduzidos como experiências formativas em arte e educação capazes de contribuir com a quebra de estigmas, com o fortalecimento de redes colaborativas e identitárias. Neste sentido, eles criam redes de significados sobre as coisas do mundo nas PSE cotidianas que Gohn (2001) reforça, quando afirma que os processos de formação que fluem através dessas organizações difundem habilidades práticas que permitem aos sujeitos atuar na vida pública. Assim, a educação ganha destaque não tanto por seus aspectos na área do ensino formal, mas também não formais, ou seja, pelas aprendizagens geradas na experiência cotidiana. Essa participação se torna um importante dispositivo formativo na vida dos cidadãos.

Nesse conjunto se instaura a **dimensão funcional**, fornecendo informações significativas para a compreensão das articulações entre os valores construídos pelos jovens e suas PSE que se dão no contexto da família, da escola dentre outros espaços de formação. Logo, as experiências juvenis vão sendo submetidas a Práticas socioeducativas que, embora, não se assemelhem aos rituais escolares ainda pretendem promover sobre estes um processo efetivo de socialização.

Portanto, avançamos para um conceito de Práticas socioeducativas em urbanas como aquelas que são originárias do pensamento social, da objetivação, dos atores sociais que constroem imagens cognitivas e sociais que se materializam em formas constitutivas de sua realidade socioespacial. No entanto, observamos, sem dúvida, que o estudo da formação de redes de coletivos de jovens do SFS merece algumas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir este estudo, revisaremos nosso trabalho relembrando as diferentes fases do processo de pesquisa. A seguir, apresentaremos as limitações do estudo, bem como algumas idéias para pesquisas futuras.

Nosso problema de pesquisa decorre de nossas preocupações com as relações que os jovens estabelecem entre suas redes sociais de coletivos e a promoção de Práticas socioeducativas nas Periferias urbanas. Isso exigiu que abordássemos o problema a partir das seguintes motivações: minha trajetória acadêmica, a produção científica em torno do objeto em questão, a contextualização sobre o SFS e a discussão sobre políticas públicas de juventude no Brasil.

Neste percurso que nos defrontamos, por um lado, com os limites epistemológicos da noção de ações socioeducativas Práticas socioeducativas, pois certas proposições teóricas qualificam essas noções como medidas socioeducativas que são utilizadas nos programas ditos educacionais e se encerram no esforço da socialização em conflito com a lei. Além disso, não identificamos pesquisas que tratem da formação de redes sociais de jovens e Práticas socioeducativas para além da escola.

Essa falta de conhecimento teórico nos levou a pensar como os jovens formam suas redes sociais e promovem Práticas socioeducativas em outros espaços educativos que não a escola. Assim, a nossa postura epistemológica face ao objeto social sempre se vinculou aos fenômenos psicossociais e a interdisciplinaridade reificação do objeto de estudo. Esta abordagem permitiu-nos ampliar o mapeamento dos coletivos de jovens; analisar as características e estrutura das redes sociais formadas pelos jovens que constituem os coletivos; interpretar o processo formativo das redes sociais a fim de apreender as práticas sociais desenvolvidas nos espaços educativos. Além disso, esta reflexão nos orientou para o avanço do conceito de práticas socioeducativa nas periferias urbanas.

Para tal, nos servimos das bases teóricas e metodológicas das representações e redes sociais a fim de escolhermos e justificar o lócus, os participantes e os métodos da análise e interpretação da investigação, bem como desenvolvermos empiricamente uma abordagem de pesquisa solidária e colaborativa de natureza qualitativa e caráter interpretativo/descritivo.

Diante da pandemia ocasionada pelo Coronavírus, ao buscar estudar a formação das redes sociais nos coletivos de jovens do SFS, nos deparamos com o problema de captura

dessa configuração complexa. Assim, para além do questionário aplicado em entrevista individual, privilegiamos dois dispositivos que atenderam aos objetivos específicos, as redes sociais: *Facebook e Instagram*.

Os elementos do conteúdo e processo das representações e redes sociais associados às práticas socioeducativas nos possibilitaram reconstruir uma realidade socioespacial ancorada nas vivências dos jovens que não corresponde ao estereotipado veiculado pelo discurso político e midiático. Esses elementos revelam formas de articulação em redes que partem de grupos centrais com jovens que desenvolvem atos de investimentos nas suas comunidades. Essas redes estruturam-se nos coletivos que se localizam em diversos bairros do subúrbio e assumem posições hierárquicas pelas afinidades dos seus atores e das atividades de arte e educação.

Logo os resultados respondem as questões de pesquisa quando constatamos que são essas conexões que mantêm os lugares e seus grupos representativos como grupo de pertença, amalgamando assim o espírito de solidariedade de uma comunidade que vive num ambiente caracterizado por questões importantes e marcado pelo pragmatismo das atividades sociais e pela simbologia destes lugares. Também, são nessas redes que os grupos desenvolvem Práticas socioeducativas significativas para o processo formativo de seus participantes, bem como para a visibilidade e fortalecimento de suas identidades como bases fundantes para o desenvolvimento da Educação em Periferias Urbanas.

O estudo formação de redes de coletivos de jovens de periferias urbanas aporta para essa modalidade de educação um corpo de conhecimentos que nos permitiu, nos próximos parágrafos, confrontar os saberes existentes nos campos da Psicologia e da Sociologia, explicar sua contribuição, nos planos: científico, socioeducativo e didático.

a) Científico

Com efeito, fornecem conhecimentos que podem ajudar os educadores sociais, os gestores e professores no seu esforço de compreender como os jovens se organizam, tanto nas redes sociais como o seu próprio pertencimento ao espaço social.

Apreender a relação entre a formação das redes sociais de jovens periferias urbanas e suas PSE é entender a ordem do perceptivo e do simbólico em três modos. O primeiro se refere ao modo de identificação dos coletivos e seus objetivos, por meio da interpretação das suas representações e PSE. A segunda diz respeito ao modo que eles estabelecem com os grupos e os lugares que convoca formas de relações sociais que estabeleçam um vínculo

afetivo com seu espaço vivido. Por fim, esse conjunto permite identificar o terceiro modo, o da valorização dos jovens e seu espaço social vivido, cujas formas de sociabilidade no espaço revelam os seus atos de investimentos.

b) Socioeducativo

Este estudo tem um significado socioeducativo porque, o fato de integrar as representações e redes sociais às PSE, envolve uma interação entre o conhecimento significativamente construído pelos jovens e o conhecimento acadêmico. É provável que essa interação torne inteligíveis as definições e os conceitos teóricos desenvolvidos pelo conhecimento científico da área. Significa dizer que uma reflexão sobre a formação de redes é concebida pelos saberes de "senso comum" e pelas PSE nas PU são responsáveis pelo processo formativo de jovens ativos e participativos.

Logo, é recomendado que, nas tomadas de decisão, os pesquisadores, lideranças, educadores e professores reconheçam a necessidade de submeter à discussão sobre EPU, na qual as diferentes representações sociospaciais estão inscritas. Isso possibilitará o desenvolvimento de uma postura democrática que valorize o ponto de vista dos sujeitos considerados como atores sociogeográficos (BOMFIM, 2004).

c) Didático

A relevância didática deste estudo passa, ainda, pela integração das formas de compreensão das PSE no ensino e na aprendizagem da EPU que, quando possível, incluam conteúdos interdisciplinares da História, Geografia, Psicologia, Sociologia entre outros. Sugerimos: questões étnico-raciais, o homem no espaço, sua cultura, suas práticas e atividades cotidianas, localizações, qualidade de vida, relações entre os sujeitos e seus territórios, etc.

Este conjunto justifica a necessidade de compreender melhor as representações e práticas sociais no/do espaço que evidenciam a subjetividade e o valor que os educandos atribuem aos lugares, possibilitando apreender alguns elementos da relação socioespacial. É assim que, nessa perspectiva, é importante conhecer o espaço nas dimensões objetiva e subjetiva de sua apreensão.

Todos esses planos levam à dimensão política, tomando este conjunto de elementos simbólicos que revelaram imagens que identificam os jovens, seus atos e suas conexões transversalizadas de saberes capazes de fortalecer identidades e orientar PSE. Isso significa dizer que, por sua vez, os resultados desse estudo possam contribuir à melhoria das políticas públicas, por meio da produção de princípios-guia para juventudes em diversos espaços educativos das periferias urbanas.

No momento, o principal problema é trabalhar a relação dessas PSE no espaço educativo não formal com aquelas desenvolvidas nas escolas de periferias urbanas. Por isso, a necessidade de avançar nas pesquisas que tratem dessa relação dialógica, valorizando a produção de sentidos, a reafirmação de que a educação não se realiza somente nas escolas, mas também como processos de formação do sujeito, troca de saberes e práticas educativas em diferentes espaços educativos.

Portanto, a questão que se formula é: Qual a relação que se estabelece entre as PSE no espaço não formal e aquelas desenvolvidas nas escolas de PU? Trata-se de uma reflexão para professores, gestores, especialistas em educação e um desafio para novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. *In: (Orgs.). Juventude e Contemporaneidade.* p. 73 – 90. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2005. 284 p. Coleção Educação para Todos.
- ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. *In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Org.). Estudos interdisciplinares de representação social.* 2. Ed. Goiânia: AB, 2000. p. 27-37.
- ABRIC, J. –C. L’organisation interne des representations sociales: système central et système périphérique. *In: C. Guimelli (Org.) Structures et transformations des représentations sociales* . Neuchâtel: Delachaux et Niestlé, 1994, pp. 73-84.
- ABAD, M. Crítica política das políticas de juventude. *In: FREITAS, Maria Virgínia; PAPA, Fernanda de Carvalho (Org.). Políticas públicas: juventude em pauta.* São Paulo: Cortez, 2003.
- ACIOLI, S. Redes sociais e teoria social: revendo os fundamentos do conceito. *Inf. Inf., Londrina*, v. 12, n. esp. 2007.
- ARFUCH, L. **O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea.** Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- ALMEIDA, A. M de O *et all.* Juventude na Mídia: Violência e Distinção Social. *Educação e Cidadania*, v. 10, p. 1-16. 2008.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. *Revista Múltiplas Leituras*, v.1, n. 1, p. 18-43, jan./jun. 2008.
- ANDRADE, G. E. *et al.* Kimera: cidades imaginárias. HETKOWSKI, T; ALVES, L. R. G. (Orgs.). **Tecnologias Digitais e Educação: novas (re)configurações técnicas, sociais e espaciais.** Salvador: EDUNEB, 2012, p. 57-86.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Portugal; Edições 70, LDA, 2011.
- BARNES, J. A. **Social Networks.** Cambridge: Module 26, p.1-29, 1972.
- BAUMAN Z. On glocalisation coming age. *Social Europe Journal*. Disponível em: <http://www.socialeurope.eu/2011/08/on-glocalization-coming-of-age/>, Acesso em: 16 de jul. 2020.
- BERLO, D. K. **O processo da comunicação: introdução à teoria e à prática.** São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.7-39.
- BIERNARCKI, P.; WALDORF, D. Snowball sampling-problems and techniques of chain referral sampling. *Sociological Methods and Research*, v. 10, n. 2, p. 141-163, 1981.
- BISINOTO, C. *et al.* Socioeducação: origem, significado e implicações para o atendimento socioeducativo. *Psicologia em Estudo, Maringá*, v. 20, n. 4, p.575-585, out./dez. 2015.

BOMFIM, N. R. Campos e abordagens da pesquisa em representações e educação: desafios e perspectivas do GIPRES. BOMFIM, N R; CORREIA S L C P. (Orgs.). **Representações, educação interdisciplinaridade: abordagens teórico-práticas na interface entre identidades, territorialidades e tecnologias**. Curitiba: CRV, v. 1, p. 25-49. 2017.

BOMFIM, N. R. Representações sociais do espaço e ensino/aprendizagem da geografia escolar: o caso dos alunos favelados de Ilhéus-Bahia. **Fórum Mundial de Educação**, Porto Alegre. Educação no novo milênio. Porto Alegre: Anais do Fórum mundial de Educação, 2004.

_____. **Noção Social do Território: Em busca de um conceito didático em geografia - A territorialidade**. 1. Ed. Ilhéus: Editus, 2009. 101p .

BOMFIM, N.; GARRIDO, W. V. Pesquisa solidária e colaborativa em educação. **Revista Educação em Debate**, Fortaleza, v. 41, n. 78, jan./abr. 2019.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p 112-121.

BRANCO, A. U. Crenças e práticas culturais: co-construção e ontogênese de valores sociais. **Pro-Posições**, v. 17, n. 2 (50), mai./ago. 2006.

BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. (Orgs.). **Pesquisa Participante: o saber da partilha**. Aparecida, São Paulo: Ideias e Letras, 2007.

BRASIL. **Reflexões sobre a Política Nacional de Juventude: 2003-2010**. Secretaria - Geral da Presidência da República. Brasília-DF: Secretaria Nacional de Juventude - SNJ, 2011.

CALIMAN, G. Pedagogia Social: seu potencial crítico e transformador. **Revista de Ciências da Educação**, Americana:SP, Ano XII, n. 23, p. 341-368, 2º Semestre, 2010.

CARRANO. I. Seminário Nacional Sobre Formação Continuada de Professores do Ensino Médio. **I Seminário Nacional do PNEM**, 2013. Disponível em: <http://www.observatoriодоensinomedio.ufpr.br/formacao-continuada-ufpr-curitiba-e-litoral/> Acesso em 27 de set. de 2016.

CASTRO, M.; ABRAMOVAY, M. Por um novo paradigma do fazer políticas de/ para/com juventudes. Brasília: UNESCO, 2003. CASTRO, J. A. de; AQUINO, L. M. C. de; ANDRADE, C. C. (Orgs.). **Juventude e Políticas Sociais no Brasil**. Brasília/DF: IPEA, 2009.

CASTRO, J. A. de; AQUINO, L. M. C. de; ANDRADE, C. C. (Org.). **Juventude e Políticas Sociais no Brasil**. Brasília/DF: IPEA, 2009.

CENSO Demográfico 2010. **Características da população e dos domicílios: resultados do universo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. 270 p. Acompanha 1 CD-ROM. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_da_populacao/resultados_do_universo.pdf>. Acesso em: 13 set. 2017.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

COLONOMOS, A. Emergence d'un objet et perspectives internacionalistes. CHARILLON, F. et al (Orgs.). **Sociologie des réseaux transnationaux**. Paris: Editions L'Harmattan, 1995. 299p.

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO URBANO DO ESTADO DA BAHIA, CONDER. **Painel de informações: Dados socioeconômicos do Município de Salvador por Bairro e Prefeituras-Bairro**, Bahia: CONDER, 2016.

CORREIA, M. I. D. T; *et all*. Os cirurgiões e a pandemia do COVID-19. **Revista Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, v. 1, p.1-6. 2020.

DOISE, W., CLEMENCE, A., et al. **Représentations sociales et analyse des données**. Grenoble: PUG, 1992.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 201p.

FALEIROS, V. P.. **Juventude: trabalho, escola e desigualdade**. Educação e Realidade, v. 33, p. 63-82. 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31. Ed. São Paulo: Paz e Terra. 2005.

GOHN, M. G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: avaliação e políticas públicas. **Educação**. Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

IBASE/PÓLIS. **Juventude brasileira e democracia: participação, esferas e políticas públicas. Relatório Final** – Grafitto, nov. 2005. Disponível em: https://www.google.com/search?q=IBASE%2FP%3%93LIS.+Juventude+brasileira+e+democracia%3A+participa%C3%A7%C3%A3o%2C+esferas+e+pol%C3%ADticas+p%C3%BAblicas.+Relat%C3%B3rio+Final&rlz=1C1GCEU_pt-BRBR912BR912&oq=IBASE%2FP%3%93LIS.+Juventude+brasileira+e+democracia%3A+participa%C3%A7%C3%A3o%2C+esferas+e+pol%C3%ADticas+p%C3%BAblicas.+Relat%C3%B3rio+Final&aqs=chrome..69i57j69i58.592j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8. Acesso em: 20 de abr. 2019.

GARRIDO, W. V C. **Representações sociais sobre futuro na realidade de jovens: tessituras do imaginário nas práticas socioeducativas**. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2020 (no prelo).

_____. **Imaginário e o entendimento do espaço: investigando as tessituras da imaginação/realidade e as potencialidades no jogo-simulador Kimera**. 2013. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade), Universidade do Estado da Bahia, Salvador-BA, 2013.

GATTI, B. A. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Serie Pesquisa, v. 1, Brasília. 2007.

GLASER, B.G; STRAUSS. A. L. **The Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research**. Chicago: Aldine. 1967.

GUIMELLI, C. **La pensée sociale**. Paris : PUF, Collection "Que sais-je ? " .1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro, 11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HELLER, A. **O Cotidiano e a História**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 7. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

HOLLANDA, H. H. O. B. Coletivos. [online]. Disponível em: <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br> Acesso em: 22 set. 2017. Artigos: Cultural Digital-Periferia. Arquivo: Coletivo, 2015.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE Cidades, **Panorama populacional do município de Salvador-BA do Censo de 2010**, Brasília, DF, Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/salvador/panorama>. Acesso em: 22 set. 2017.

JOVICHELOVITCH, S. **Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

JODELET, D. **As Representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

JODELET, Denise. Représentations sociales : phénomènes, concept et théorie. MOSCOVICI, S. (Org.). **Psychologie sociale**: Paris : PUF, 1984.

LAGO JUNIOR. **VI Congresso Nacional de Excelência em Gestão, Energia, Inovação, Tecnologia e Complexidade para a Gestão Sustentável**. Niterói, RJ, Brasil, 5, 6 e 7 de agosto de 2005.

LARANJEIRA, D. H. P; *et all*. **Juventude, Trabalho, Educação**: os jovens são o futuro do Brasil? CADERNO CRH, Salvador, v. 20, n. 49, p. 95-105, Jan./Abr. 2007.

LATOUR, B. **Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network-Theory**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. Tradução: Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

_____ ; **Espaço e política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1991.

LOIOLA, E; MOURA, S. Análise de redes: uma contribuição aos estudos organizacionais. FISHER, T. (Org.). **Gestão Contemporânea, cidades estratégias e organizações locais**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997. p. 53-68.

MARÔPO, L. Identidade e estigmatização: as notícias na percepção de crianças e jovens de um bairro de realojamento. **Análise Social**, v. 70, p. 104-127, 2014.

MATOS, D. A. Em pauta a juventude da periferia: análise dos posicionamentos no jornal **A Tarde. Culturas Midiáticas**, v. 7/2011, p. 12, 2011.

MAY, T. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MALINI, F. Um método perspectivista de análise de redes sociais: cartografando topologias e temporalidades em rede - *a perspectival method for social network*. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Cibercultura do **XXV Encontro Anual da Compós**, na Universidade Federal de Goiás, Goiânia, de 7 a 10 de junho de 2016.

MITCHEL, J.C. The Concept and Use of Social Networks. **Social Networks in Urban Situations: analyses of personal relationships in central African towns**. Manchester: Manchester University Press, 1969.

MOSCOVICI, S. **La psychanalyse: son image et son public**. France: PUF, 1961.

_____. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Representações sociais**. Investigações em Psicologia Social. RJ: Petrópolis: Vozes, 2015.

NOVAES, Regina. Juventude, exclusão e inclusão: aspectos e controvérsias de um debate em curso. FREITAS, M. V.; PAPA, F. de C. (Orgs.). **Políticas Públicas: juventude em pauta**. São Paulo: Cortez, 2009.

PAIS, José M. **Máscaras, jovens e "escolas do diabo"**. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro: vol. 13, nº37, 2003.

PIRES, A.P. Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. POUPART, J; *et all.* (Orgs.) **A pesquisa qualitativa enfoques epistemológicos e metodológicos**. Ed vozes, 2008.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. **Estrutura e função na sociedade primitiva**. Petrópolis: Vozes, 1973.

RATEAU, P., MOLINER, P., GUIMELLI, G., ABRIC, J-C. Teoria das Representações Sociais. **Handbook of Theories of Social Psychology**. Volume Two. 2012.

RECUERO, Raquel. **Introdução à análise de redes sociais online**. 1. ed. Salvador, EDUFBA, 2017.

ROCHA, R. de O. **A atividade comercial nos espaços de Salvador: uma análise sobre o comportamento do comércio no Bairro da Calçada e adjacências na década de noventa**. 2003, 54 p. Monografia (Bacharelado em Ciências Econômicas) – Faculdade de Ciências Econômicas, Unversidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SÁ, C. P. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

_____. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, EdUERJ, 1998.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4ª ed. 7ª reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

SANTOS, M. V. Redes sociais informais e compartilhamento de significados sobre mudança organizacional. Congresso Brasileiro de Psicologia Organizacional e do Trabalho, 2004, Salvador. **Anais do Congresso Brasileiro de psicologia organizacional e do trabalho**, v. 1. 2004.

SANTOS, Thais S. Representações sociais e espaços vividos: uma abordagem sobre subjetividade e atividades socioeducativas em projetos sociais. BOMFIM, N R; CORREIA, S L C P (Orgs.) **Representações, educação e interdisciplinaridade: abordagens teórico-práticas na interface entre identidades, territorialidades e tecnologias**. Curitiba-PR: Editora CRF, 2017.

SILVA, T. Monitoramento e Pesquisa e Mídias Sociais: metodologias, aplicações e inovações. 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-3-Os-diferentes-niveis-da-arquitetura-de-informacoes-do-Facebook-A-Figura-3-esta_fig4_314291553/download. Acesso em 12/12/2020. Acesso em 16 de dez.2020.

SPOSITO, M. P; CARRANO, P. C R. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação** (Impresso), v. 1, p. 16-39, 2003.

_____; **Juventudes e Educação: interações entre a educação escolar e a educação não-formal**. **Revista educação e Realidade**, v.12, p.83-97. 2008.

WAIZBORT, L. (Org.). **Dossiê Norbet Elias**. São Paulo: EDUSP, 1999. 156p.

UNFPA, Fundo de População das Nações Unidas. **Relatório final Juventude e políticas públicas em Salvador-Bahia**, 2013. Disponível em: <http://www.unfpa.org.br/novo/index.php/biblioteca/publicacoes/populacao-4/898-relatorio-final-juventude-e-politicas-publicas-em-salvador-bahia>. Acesso em: 20 abr. 2018.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. In: **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44: p. 203-220, ago./dez. 2014.

VIVEIRO DE CASTRO, E. B. Filiação intensiva e aliança demoníaca. **Revista novos estudos**. n. 77, março. 2007.

ZUCCHETTI, D.T. e MOURA, E. P. G. de. Práticas socioeducativas e formação de educadores: novos desafios no campo social. **Ensaio: avaliação, políticas, públicas**. Educ., Rio de Janeiro, v. 18, n. 66, p. 9-28, jan./mar. 2010.

PROTOCOLO DE PESQUISA

APÊNDICE A



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE (PPGEDUC)

COLETIVOS DE JOVENS DO SUBÚRBIO FERROVIÁRIO DE SALVADOR: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA EDUCAÇÃO EM OUTROS ESPAÇOS EDUCATIVOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO N 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do participante:				
Gênero	Homem cis []	Mulher cis[]	Homem trans[]	Mulher trans []
Data de Nascimento				
Documento de identidade no				
Nome do responsável legal				
Endereço:				
Bairro				
Cidade			CEP	
E-mail			Telefone	

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

- Título do protocolo de pesquisa:** Estudo da formação de redes de coletivos de jovens do Subúrbio Ferroviário de Salvador-Bahia: contribuições às práticas socioeducativas em periferias urbanas.
- Pesquisadora responsável:** Jeanne Lopes Santana.
- Cargo/Função:** estudante de doutorado.

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

Caro(a) senhor (a) seu filho (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: **Estudo da formação de redes de coletivos de jovens do Subúrbio Ferroviário de Salvador-Bahia: contribuições às práticas socioeducativas em periferias urbanas**, de responsabilidade da pesquisadora: JEANNE LOPES SANTANA, discente da Universidade do Estado da Bahia que tem como objetivo geral Explicar o processo de formação e articulação dos coletivos de jovens e sua relação com as contribuições significativas das práticas socioeducativas para o desenvolvimento da EPU. A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios, na medida em que poderá contribuir para elaboração de princípios-guias nas políticas públicas de juventudes. Caso o Senhor(a) aceite autorizar a participação de seu filho (a) ele(a) será por questionário/entrevista via *watsapp*, devido a coleta de informações seu filho poderá ter riscos moderados, como incômodos, que serão evitados de todas as formas. A participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que a identidade será tratada com sigilo e, portanto seu filho não será identificado. Esta pesquisa respeita o que determina o ECA –Estatuto da criança e do adolescente desta forma a imagem se seu filho será preservada. Caso queira (a) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de autorizar a participação e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação e a de seu filho (a) com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o Sr. caso

queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileira é garantido ao participante da pesquisa o direito a indenização caso ele(a) seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, nos quais poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e a participação, agora ou a qualquer momento.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS:

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Jeanne Lopes Santana.

Endereço: Rua 8 de dezembro, n.120. Alagoinhas Velha, Condomínio Mais Viver. **Telefone:**(75) 99953-1889

E-mail: lsjeanne@hotmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador-BA. CEP: 41.150-000. Tel.: 71 3117-2445 e-mail: cepuneb@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP SEPN 510 NORTE, BLOCO A 1º SUBSOLO, Edifício Ex-INAN - Unidade II - Ministério da Saúde CEP: 70750-521 - Brasília-DF.

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO.

1. Declaro que, após ter sido devidamente esclarecido pela pesquisadora sobre os objetivos benéficos da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa **“TÍTULO” ESTUDO DA FORMAÇÃO DE REDES DE COLETIVOS DE JOVENS DO SUBÚRBIO FERROVIÁRIO DE SALVADOR-BAHIA: contribuições às práticas socioeducativas em periferias urbanas**, e ter entendido o que me foi explicado, concordo em autorizar a participação de meu filho(a) sob livre e espontânea vontade, como voluntário, consinto também que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a via que a mim.

Salvador, _____ de _____ 2021

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador discente
(orientando)

Assinatura do professor responsável
(orientador)

APÊNDICE B

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE (PPGEDUC)

TESE DE DOUTORADO:

ESTUDO DA FORMAÇÃO DE REDES DE COLETIVOS DE JOVENS DO SUBÚRBBIO FERROVIÁRIO DE SALVADOR-BAHIA: contribuições às práticas socioeducativas em periferias urbanas

Objetivos específicos: ampliar o mapeamento dos coletivos de jovens; analisar as características e a estrutura das redes sociais formadas pelos jovens que constituem os coletivos no SFV²⁷; interpretar o processo formativo das redes sociais a fim de apreender as práticas sociais desenvolvidas nos espaços educativos; avançar na construção dos conceitos de práticas socioeducativas para o desenvolvimento da EPU.

Questionário da Entrevista

Questões

1. Qual o nome do coletivo? (M)
2. Nome do/s representantes? (M)
3. Quando e como o coletivo se formou? (M)
4. Localização e lugares q atua? (M)
5. Quantas pessoas atuam no coletivo? (M)
6. Qual/is a/s ações/práticas socioeducativa/s q o coletivo desenvolve/m? e Onde? (PLPSE)
7. Qual a o objetivo/finalidade dessa/s ações/praticas? (FPSE)
8. Como elas são desenvolvidas? (FDPSE)
9. Conhece outro/s coletivo/s? Se sim, como conheceu? (OFR)
10. Mantém conexão (articulação) com esse/s coletivo/s? Se sim, o q conecta o seu coletivo ao/ s outro/s? (FCR)

Obrigado!

²⁷ Legenda da codificação: Mapeamento (M); Promoção e Localização de Práticas socioeducativas (PSE); Finalidade das PSE (FPSE); Forma de desenvolvimento das PSE (FDPSE); Origem da formação de redes de coletivos (OFR); Fatores de conexão/ligação da rede.